UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Flávia Leal Ferreira

Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de
trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica

São Paulo
2017

FLÁVIA LEAL FERREIRA

Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de
trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
Ciências.

Área de concentração: Psicologia Escolar.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Luisa Sandoval
Schmidt

São Paulo
2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Leal Ferreira, Flávia

Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica / Flávia Leal Ferreira; orientadora Maria Luisa Sandoval Schmidt. -- São Paulo, 2017.

110 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Autogestão. 2. Carnaval. 3. Saúde Mental. 4. Trabalho. I. Sandoval Schmidt, Maria Luisa, orient. II. Título.

Nome: Ferreira, Flávia Leal

Título: Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre Ciências.

Área: Psicologia Escolar.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Luisa Sandoval Schmidt

Aprovada em: __/__/__

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

*Para todos os integrantes da Ala Loucos pela X
e a rede que sustenta essa experiência.*

AGRADECIMENTOS

A página dos agradecimentos nas dissertações e teses me lembra aqueles livros infantis nos quais nós abrimos uma página e sobe uma pequena maquete em três dimensões do cenário onde se passa o conto. Um recurso que tenta dar ao leitor dimensão da imensidão de coisas que envolvem aquela história, e sempre dá conta em partes, o resto fica por conta das lembranças e da imaginação de quem lê.

Nos agradecimentos, entre uma ou duas páginas temos um pequeno vislumbre do contexto, dos lugares e pessoas que estimularam e recolheram os risos e os suores daquele cujo nome aparece na capa, e que vai se tornando pessoa, e o texto vai ganhando vida.

Aqui vou montando a pequena maquete em que se passou essa dissertação. Uma que condensa pelo menos quatro ou cinco cidades, portanto, tem muitas estradas, físicas e virtuais. Nas cidades muita gente que por diversas vias torna esse percurso um que valha a pena contar e fizeram com que seja possível contá-lo.

Que eu tenha conseguido expressar meus agradecimentos por esses caminhos, de todo modo oficializo-os aqui e apelo às lembranças e à imaginação para despertar a gratidão com que escrevo.

À Ala Loucos pela X, na figura de cada integrante: Aparecida, Arruda, Clarice, Edite, Enivaldo, D. Ione, João, Kátia Maria, Luid, Márcio, Nair, Neide, Paulo, Pedro, Renato, Saulo, Sid, Simone e Sandra. Pela disponibilidade em contar sua história e sua experiência, pela confiança imensa, pela paciência com a minha presença insistente, e ainda, por formar-me aderecista.

À minha orientadora Malu Schmidt por apostar em mim para a formação dessa parceria, por compartilhar seu conhecimento de maneira tão generosa e por produzir um ambiente em que foi possível ir me criando enquanto pesquisadora.

Às professoras que compuseram a banca de qualificação e às professoras e ao professor que compõem a banca de defesa: Denise Barros, Egeu Esteves e Laura Feuerwerker, pelas contribuições que fazem o trabalho crescer e desejar subir novos degraus.

Ao grupo de orientandas da Malu: Camila, Daniela, Denise, Gabriela, Nicole – mulheres tão inteligentes e solidárias, com as quais troquei ideias que me movimentaram e movimentaram este trabalho.

Ao Instituto de Psicologia da USP e seus trabalhadores, com lembrança especial aos das secretarias do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e do Serviço de Pós-graduação: Ary, Gustavo, Ronaldo, Sandra e Olívia.

Aos professores e colegas com os quais pude trocar, aprender e crescer durante as disciplinas e pelos encontros de corredor USP afora.

À CNPq pela bolsa que financiou meu trabalho nesse projeto de pesquisa.

A muitas pessoas que marcaram minha formação profissional desde a graduação e a Residência Multiprofissional, que me formaram e me conduziram de alguma maneira aos caminhos que vim a trilhar mais recentemente: Henriette Morato, Cris Rocha, Ana Paula Sammogini, Heloísa Aun, Rosana Onocko, Bruno Emerich, Ellen Ricci, Sabrina Ferigato, Vanessa Gimenes, Elvira Braga, Ana Cris Vangrelino, Eloá Ulliam, Leticia Madlum, entre outras tantas...

À Laís e Nina por me receberem em sua casa durante os primeiros meses do mestrado, cederem coberta e uns minutos roubados de conversa em meio à correria da vida.

À Lívia Bueno, amiga, leitora, corretora, ouvinte, co-construtora... um diálogo e carinho imprescindíveis para mover este trabalho nos tempos de maior dificuldade criativa.

À Adrielle Baldessim, que caberia em mais de três dessas categorias de agradecimento. Pelo incentivo a prestar o processo seletivo que deu início a isso tudo, por me abrir caminhos para explorar um mundo que há tanto tempo você ama e cuida, pelas trocas sobre esse trabalho e pelo encorajamento nas horas de maior dúvida.

Aos familiares e amigos que seguraram durante os últimos meses comigo a promessa de muitos encontros para a vida pós-mestrado.

Finalmente,

Ao Gustavo, meu marido, maior parceiro da vida. Por topar os desafios da vida profissional que eu vou desejando, pelo apoio e pelo amor que me permitem viver tudo isso.

Aos meus pais, Ana Maria e Devanil. Por todo o esforço e todo o amor que me sustentaram vida afora. Por me ensinar que conquistar todos esses degraus na vida profissional só vale a pena respeitando e sendo respeitada pelas pessoas.

INCENSO FOSSE MÚSICA
(Paulo Leminski)

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

RESUMO

Ferreira, F. L. (2017). *Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A presente pesquisa partiu do objetivo de conhecer a experiência da Ala Loucos pela X, um empreendimento social que se originou em 2001 como uma oficina de geração de renda através da reciclagem de papel num Ambulatório de Saúde Mental do Município de São Paulo e veio a tornar-se um ateliê que fabrica adereços para escolas de samba e uma ala comercial da escola X9 Paulistana, trabalhando desde 2007 com autonomia em relação aos equipamentos de saúde da cidade. A Ala Loucos pela X é composta, em sua maioria, por pessoas que são ou foram usuárias dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial, portanto vivem a experiência da loucura ou de outros tipos de sofrimento psíquico, que vão ampliando seus modos de andar a vida a partir da possibilidade de trabalho. O projeto de mestrado se constituiu numa pesquisa de inspiração etnográfica, pela qual a pesquisadora passou dezenove meses em campo, com a perspectiva de construir em conjunto com as pessoas que compõem o grupo de trabalhadores da Ala Loucos pela X a finalidade e a forma específicas do trabalho de pesquisa. Conformou-se então a finalidade de tratar da experiência com o grupo de trabalhadores num formato chamado de dicionário, através de verbetes que abordassem temas centrais do cotidiano de trabalho na Loucos pela X. Foram abordados tópicos referentes ao trabalho em grupo autogestor, ao trabalho no carnaval, à organização do trabalho e das relações entre as pessoas que proporcionam a existência do empreendimento social.

Palavras-chave: Carnaval. Autogestão. Saúde Mental. Trabalho.

ABSTRACT

Ferreira, F. L. (2017). *A dictionary of the "Ala Loucos pela X": sharing experiences with the group of workers in a research of ethnographic inspiration*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The present research was based on the objective of getting to know the experience of the workers of "Ala Loucos pela X", a social enterprise originated in 2001 as a workshop to generate income through the recycling of paper in a Mental Health Ambulatory of the City of São Paulo, becoming an atelier that manufactures props for samba schools and a commercial wing of the school "X9 Paulistana", working since 2007 with autonomy in relation to the health equipments of the city. The "Ala Loucos pela X" is composed mostly of people who are or have been users of the Psychosocial Care Network, therefore, living the experience of madness or other types of psychic suffering, expanding, this way, their ways of living as from the possibility to work. The master's project consisted of a research of ethnographic inspiration, through which the researcher spent nineteen months in the field, with the perspective of building together with the people that compose the group of workers of "Ala Loucos pela X" the specific purpose and form of the research work. So, it has been agreed the objective of treating about the experience of the group of workers in a shape called dictionary, by means of entries that approach central themes of the daily work in "Loucos pela X". The dictionary contains topics referred to the self-managed group work, to the work in carnival and to the relationships between people that afford the social enterprise to exist.

Keywords: Self-management. Carnival. Mental health. Work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRASME	Associação Brasileira de Saúde Mental
AVA	Associação Vida em Ação
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CECCO	Centro de Convivência e Cooperativa
CNSM	Coordenação Nacional de Saúde Mental
Ecosol	Economia Solidária
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
J/T	Jaçanã/Tremembé
OS	Organização Social
ProAC	Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: SOBRE ESCREVER E LER ESTE DICIONÁRIO	13
2. UMA HISTÓRIA DE MAUS E BONS ENCONTROS ENTRE TRABALHO E LOUCURA	21
3. PARA LER UM DICIONÁRIO: UMA HISTÓRIA AO LADO	30
4. DICIONÁRIO DA ALA LOUCOS PELA X	39
4.1 Açai.....	39
4.2 Adrecista.....	39
4.3 Carnaval.....	45
4.4 Choro da pena.....	47
4.5 Cola.....	47
4.6 Costeiro.....	49
4.7 Desfile.....	49
4.8 Empreendimento social.....	50
4.9 Etnografia.....	58
4.10 Gestão.....	68
4.11 Loucura.....	75
4.12 Prestígio.....	82
4.13 Psicólogo.....	83
4.14 Pudim de pão.....	86
4.15 Quarta-feira de cinzas.....	87
4.16 Queimadura.....	89
4.17 Rede.....	90
4.18 Ritmo.....	94
4.19 Sino.....	96
4.20 Tempo.....	96
4.21 Vida.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

1. INTRODUÇÃO: SOBRE ESCREVER E LER ESTE DICIONÁRIO

Pela trajetória das pesquisas acadêmicas com muita frequência acontecem transformações importantes nos projetos como colocados inicialmente pelos alunos e orientadores. Um processo muito bonito, apesar de não ser simples, pelo qual vemos nos nossos pensamentos iniciais os efeitos dos encontros com colegas, professores e autores, com as exigências e recomendações de instituições e da sociedade em geral, com o campo e as pessoas que o compõem. É possível notar a impossibilidade de passar pelo processo da pesquisa sem afetar e ser afetado pelas pessoas e pelas situações, que tornam um mestrado tão maior do que seu produto final, a dissertação.

Este trabalho intitulado “Um dicionário da Ala Loucos pela X: compartilhando experiências com o grupo de trabalhadores numa pesquisa de inspiração etnográfica” nasceu como um projeto de pesquisa cuja curiosidade inicial se relacionava aos diferentes modos de cuidar e de compreender o que é saúde mental presentes em alguns serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) pelos quais eu passei quando era aluna numa Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Propunha investigar como diferentes tipos de serviços da RAPS concebem a saúde mental e, decorrente dessa concepção, como se efetua no cotidiano as relações com o usuário de saúde, que acaba apropriado por cada serviço segundo diferentes concepções de sujeito, construídas para além das portarias ministeriais, mas principalmente através do agenciamento de várias composições do pensamento ao longo da constituição histórica de cada equipamento de saúde.

Essa primeira formulação de um problema de pesquisa foi amadurecendo ao longo do mestrado; as trocas nos grupos de orientação e nas disciplinas cursadas tornaram mais complexa a questão e a colocaram em diálogo mais intenso com os aspectos micropolíticos do cuidado em saúde. Eu passava a pensar em quantas concepções e projetos de Saúde Mental e sujeito podem coexistir num mesmo serviço de saúde, ou em como podem acontecer de maneiras diferentes no trabalho de um mesmo profissional de saúde.

Por isso fez muito sentido para mim o convite da orientadora Maria Luisa de levar essas questões para um âmbito mais amplo do que a rede pública de saúde, pois meus questionamentos se deslocavam cada vez mais para o que se pode produzir na esfera da relações entre as pessoas. Formulamos então uma pesquisa pela qual levaríamos essa questão dois campos, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de São Paulo e a Ala Loucos Pela X, empreendimento solidário autogestionário, uma vez vinculado a serviços de

saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS), hoje autônomo. O primeiro pensado por sua relevância nas políticas públicas em saúde mental substitutivas ao asilamento hospitalar, enquanto o segundo foi escolhido por ser um trabalho do qual minha orientadora e eu já tínhamos algum conhecimento, ambas provocadas pela particularidade da experiência que reúne trabalhadores que se encontraram enquanto usuários e trabalhadores numa oficina de geração de renda de um Ambulatório de Saúde Mental e que hoje sustentam o negócio de produzir fantasias de carnaval à parte da rede saúde.

O campo no CAPS foi reconsiderado algum tempo depois, quando a Ala Loucos Pela X tornou-se o único campo, mudança que me pareceu necessária e convidativa, visto que após três meses de negociação do campo no CAPS o diálogo com as várias instâncias da Secretaria Municipal de Saúde não avançava, ao que se somou a minha entrada em campo na Ala em fins de novembro, considerando a relevância de estar lá durante os meses que antecedem o carnaval, os de mais atividade do grupo. O tempo que eu estava na Ala apontava a riqueza de questões a serem abordadas em uma pesquisa naquele campo, aliados ao sentido que fazia ampliar e aprofundar a imersão em campo no horizonte da etnografia.

Dessa maneira, estive em campo na Ala Loucos Pela X da última semana de novembro de 2015 até julho de 2017, após apresentar a pesquisa e negociar sua inserção numa reunião com os trabalhadores do empreendimento. Nesse período a minha participação variou ao longo do tempo: no período anterior ao carnaval de 2016 eu ia à Ala em média três dias por semana, durante o período de trabalho e me inserindo nas atividades que estivessem acontecendo e achássemos interessantes para a pesquisa (trabalho com os adereços, reuniões, ensaios da escola de samba X9 Paulistana). Depois do carnaval a frequência de encontros diminuem entre os trabalhadores de diária para semanal ou quinzenal, é bastante variada, assim como as atividades realizadas mudam da fabricação artesanal para outras necessidades de organização do negócio e minha presença passou a ser nessas ocasiões. Durante o trabalho para o carnaval de 2017 frequentei a Ala uma ou duas vezes por semana até o carnaval, voltando ao final do primeiro semestre do ano, para fazermos atividades relacionadas à finalização do processo de pesquisa.

Ao longo do tempo a pesquisa foi ganhando conteúdo e forma, a experiência de estabelecer trocas e diálogos com os trabalhadores da Ala conformou a imagem de um dicionário como produto desse encontro etnográfico, o que delineou mais claramente um objetivo específico e o desenvolvimento de meios para percorrê-lo.

Era começo de janeiro, mais uma tarde quente de trabalho no ateliê da Ala Loucos Pela X, na pausa para o café uma trabalhadora narrava as circunstâncias inesperadas do seu

nascimento e provocava risadas em todos os colegas. Quando as pessoas já se espalhavam, voltando para suas tarefas, Sandra¹, outra trabalhadora, me abordou dizendo: “Flavinha, você não vai escrever essa história no seu... como que é... naquele... dicionário não né? Que é muito feia!”. Dicionário era apenas um dos nomes até então atribuídos pelas pessoas da Ala à produção escrita e encapada da pesquisa que lá estava sendo desenvolvida. Mas livro, trabalho, relatório não eram permeados pela espirituosidade do uso inusitado da palavra, nem davam forma e sentido tão bem ao trabalho de pesquisa que vinha se desenvolvendo como dicionário.

Das definições para a palavra dicionário no dicionário Michaelis On-line (2016, s/p), duas aparecem como referência para a proposta que se enseja neste trabalho: a primeira trata de uma “Compilação de vocábulos de uma determinada ciência, arte, técnica etc., sejam aqueles empregados por um indivíduo (autor, filósofo etc.), sejam aqueles empregados por determinado grupo (escola literária, filosófica, falares regionais etc.) e/ou em determinada época; glossário, vocabulário.”; a segunda definição notável, essa de sentido figurado, é “Indivíduo muito erudito, de grande memória ou coisa considerada repositório de muita informação ou conhecimento, dicionário ambulante, enciclopédia viva.”. Ambas ajudam a caracterizar a trajetória e a proposta desta pesquisa.

Criatura e criadora do Movimento da Luta Antimanicomial, da Rede de Atenção Psicossocial, da Economia Solidária e do carnaval, a Ala Loucos Pela X guarda afinidades com todos esses movimentos e instituições, ao mesmo tempo em que sua história traça uma trajetória ímpar, fértil em particularidades que a tornam herdeira de todos, porém representação fiel de nenhum. A escrita de um dicionário vem, então, propor a tarefa de comunicar as especificidades dessa experiência, contar histórias e significados, revelando as nuances do que é singular: o excepcional, o surpreendente, o esquisito, o distintivo, o peculiar, o curioso.

A ideia surgida dos acontecimentos do campo acabou dando forma para o propósito da pesquisa e foi tomando corpo através de referências metodológicas e culturais. Maria Luisa trouxe obras como o livro *Passagens* de Walter Benjamin (2006) e *O jogo da amarelinha* de Júlio Cortázar (2016) para pensarmos trabalhos que convidavam o leitor a relacionar-se com o

¹O assunto da explicitação do nome real ou adoção de um nome fictício neste trabalho foi levantado com os trabalhadores algumas vezes, gerando boas discussões, principalmente em relação ao interesse que a Ala tem em evidenciar quem são as pessoas que a constroem, concorrente com os riscos de expor pessoas que lá trabalham e têm algum tipo de benefício social cujo recebimento é incompatível com o trabalho, segundo as leis que os estabelecem. Os nomes que aparecerão variam entre seus nomes reais ou adoção de fictícios, de acordo com a preferência do interlocutor; às pessoas com quem não foi possível definir sua opção até o momento da finalização deste material foram atribuídos nomes falsos.

texto de maneiras que fugiam à linearidade ou à construção tradicional de começo, meio e fim. Dialogamos também com James Clifford e George Marcus, antropólogos do movimento *Writing Culture*, em seu entusiasmo por escritas afetadas pela relação entre experiências artísticas e experiências etnográficas, centralmente no artigo O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informara reinvenção da pesquisa de campo em antropologia (Marcus, 2004).

Dessa maneira, neste trabalho em conjunto com as pessoas da Ala Loucos Pela X são exploradas definições, novas ou não, para palavras conhecidas, já estabelecidas nos campos teóricos que apoiam as discussões sobre a experiência desse grupo, são apresentadas palavras específicas do cotidiano da Ala e também são revisitadas palavras que habitam o mundo em que vivemos de maneira geral, em casa, no trabalho, no lazer.

Rever conceitos e ressignificar palavras através da experiência das pessoas que integram a Ala Loucos Pela X é um trabalho que procura revelar as produções materiais e imateriais do grupo em interlocução com referências do mundo do trabalho, do carnaval e da saúde, acadêmicas e populares, evidenciando os conhecimentos que são elaborados no fazer diário da Ala – contribuições que já tem reconhecimento no meio acadêmico e entre a grande rede de parceiros e amigos do empreendimento, e ainda sim podem ser abordadas em novas leituras e ampliadas em seu alcance.

Nesse sentido, a escolha dos verbetes e seu desenvolvimento refletem o esforço por uma articulação entre os saberes dos trabalhadores da Loucos Pela X e os meus saberes, ambos constituídos sobre discursos do senso comum e discursos eruditos² (Santos, 2003), entretanto minhas contribuições mais marcadas pelo apoio sobre conteúdos teóricos, dado meu papel enquanto pesquisadora estudante numa universidade e o caráter acadêmico deste trabalho.

Os verbetes foram levantados no decorrer de nossa convivência em campo de pesquisa depois que a ideia de produzir um dicionário surgiu e se estabeleceu, sendo que os modos como cada um deles despontou variaram bastante. Alguns eram palavras que mesmo antes da ideia do dicionário tomar forma já me chamavam atenção por sua estranheza aos meus ouvidos e aos ouvidos de trabalhadores que se juntaram à Ala no ano de 2015, são palavras e expressões que fazem parte do vocabulário daquele mundo de trabalho ou daquele grupo de

²Santos (2003) apresenta o senso comum enquanto menor denominador comum em que um grupo ou um povo coletivamente acredita. O saber erudito é o construído sob as égides da ciência, sob vigilância epistemológica. O autor se opõe à dicotomia que o paradigma positivista da ciência estabelece entre esses dois saberes, propondo uma ciência pós-moderna, pela qual senso comum e ciência se aproximem em uma nova configuração do conhecimento, prático e democraticamente distribuído.

pessoas. Houve verbetes com essas características trazidos também pelas pessoas que já se relacionavam com eles há mais tempo e que pela proposta da pesquisa estranharam o que já lhes soava natural.

Outras das palavras foram destacadas por nós por sua centralidade no fazer, no modo de vida ou na história da Ala, num exercício de pensar em verbetes representativos dessa experiência. Finalmente, há os verbetes não tão característicos do contexto da Loucos Pela X, em sua maioria propostos por mim, para colocar em discussão conceitos que podem provocar diálogos frutíferos com os saberes dos trabalhadores.

O desenvolvimento dos verbetes aqui percorridos também aconteceu de maneiras diversas, tendo alguns surgido durante o intenso período de trabalho que antecede o carnaval, então foram anotados e guardados para serem trabalhados posteriormente. Boa parte dos verbetes escrevi a partir das vivências em campo, alguns deles possíveis pelo olhar de alguém que chega de fora desse grupo e se encontra com os processos que se desenrolam nele pela primeira vez, outros tantos foram uma tentativa contar sobre as compreensões dos trabalhadores e compreensões minhas sobre a experiência da Loucos pela X. Todos foram levados para a Ala, de modo que todos pudessem construí-los, discutindo o que fazia sentido ou não, o que mudar e manter.

Enquanto algumas “definições” são mais organicamente provenientes do cotidiano, existem algumas que desenvolvemos durante três conversas, marcadas após o carnaval, para falarmos exclusivamente do dicionário. Nós levantávamos alguns conceitos ou palavras que já haviam nos ocorrido e discutíamos livremente sobre eles, sem uma primeira intenção de formular um texto, posteriormente eu sistematizei essas conversas em torno de alguns verbetes e levei para ver se faziam sentido, ouvir as opiniões e os desejos do que transformar. Por fim, há verbetes que escrevi a partir da minha experiência na Ala com os trabalhadores, em momentos mais característicos do “estar aqui” etnográfico – aqueles em que nos espaços acadêmicos e em nossas mesas refletimos escrevendo, escrevemos refletindo sobre as experiências do “estar lá” no campo (Geertz, 1998). As diferenças entre os verbetes, entre suas estruturas, pronomes utilizados, conteúdos, entre outras, contam dessas diversas histórias da sua composição, pretendem comunicar as diversas pessoas que compõem esse texto³ e acabam por cumprir diferentes funções na composição do todo de uma pesquisa acadêmica.

³ É relevante explicitar que a Ala Loucos pela X aparece muito neste trabalho enquanto coletivo, enquanto o grupo de trabalhadores que a compõem, opção feita por mim porque assim foi que entrei para participar do cotidiano deles e assim também desenhou-se o trabalho de campo que fizemos juntos. Certamente as experiências de cada um na integração desse grupo são singulares e intransferíveis, mas os temas que são tratados na pesquisa são os que aparecem como relevantes na convivência com o grupo, sendo levantados e

Antes dos verbetes estão dois capítulos que considero pré-dicionário, pois são um apoio para o desenvolvimento e compreensão do dicionário. Um é o capítulo Uma história de maus e bons encontros entre trabalho e loucura, no qual busco fazer uma retomada histórica da conexão sempre muito próxima entre a compreensão e o tratamento à loucura em relação ao trabalho, em vista de lembrar que merece sempre muito cuidado a aproximação entre esses temas, afinal já se fez uso sórdido e cruel desse casamento, bem como foram desenvolvidas formas de transformar esse encontro em produtor de possibilidades de vida. O capítulo seguinte é o Para ler um dicionário: uma história ao lado, em que se conta um pouco da história da Ala Loucos pela X, para que o leitor conheça o caminho que trouxe a Ala a ser o que é hoje, familiarizando-se com acontecimentos e escolhas que foram se fazendo nessas trilhas.

O chamado dicionário vem a seguir, composto por vinte e um verbetes em que se apresenta a experiência da Loucos pela X nessa pesquisa. Eles estão em ordem alfabética para caracterizar que a apresentação não está organizada por qualquer linearidade que oriente a leitura; não se pretende uma ordem como as classicamente estabelecidas para as pesquisas com objetivo, método, resultados e discussão, como também não há uma cronologia, nem uma orientação específica de navegação por entre os verbetes; foram colocadas ao final de cada verbete sugestões de outros verbetes relacionados ao tema abordado naquele, apenas sinalizando alguma relação entre os temas que possa interessar ao caminho de leitura escolhido. A proposta é que o leitor folheie o dicionário e reconheça as palavras, leia as que lhe despertarem interesse primeiro, por qual motivo for.

O dicionário com uma série de verbetes independentes entre si, mas que compõem um todo do texto é uma boa imagem para o modo como a pesquisa em si foi pensada, com o propósito de constituir uma *bricolage* de experiências e referências teóricas que ajudassem construir compreensões sobre aquelas. Como trazem Denzin e Lincoln (2006, p. 18): “Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance.”.

Os verbetes foram sendo desenvolvidos nesse sentido, atrelando às experiências de campo que surgiam como linhas interpretativas importantes da Ala Loucos pela X, tanto para os trabalhadores quanto para a pesquisadora, às ferramentas teóricas que colaborassem com a

trazidos individualmente pelos integrantes até compor um cenário grupal. Como a força do coletivo foi se mostrando ao longo do tempo, opto por trazer as contribuições individuais no texto quando elas ajudam a compreender um movimento mais geral.

formulação de compreensões e produção de reflexões. Assim, foram trazidos para o diálogo autores da pesquisa etnográfica na antropologia e na psicologia, autores diversos da filosofia e história que têm fortalecido estudos sobre as relações humanas e a área da saúde.

Para finalizar a apresentação deste trabalho é necessária apenas uma ressalva relativa à participação dos trabalhadores da Ala Loucos pela X nessa pesquisa e seu papel neste trabalho. Sendo esta uma pesquisa de inspiração etnográfica, as pessoas que compõem o campo são chamadas a um diálogo sobre sua história, cultura e cotidiano, em trocas que produzem os temas e linhas de interpretação que constituirão um processo de produção de conhecimento.

Ao chamá-los a ser interlocutores (nós, da academia) estamos justamente indo até eles pela importância de tratar dos seus saberes e de sua experiência, desejando aprender e dizendo que desejamos nos comunicar com os conhecimentos que não estão sob o guarda-chuva acadêmico, que pretendemos uma construção de ciência que não se restrinja a um círculo de pessoas numa posição social de poder no que se refere ao reconhecimento de seu discurso, e ainda, com isso dizemos que nos colocamos numa posição de ouvir e respeitar o que o outro nos fala. No caso desta pesquisa a contribuição desses “outros” é fundamental desde a formulação de objetivos mais definidos para o percurso do mestrado, incluindo a escolha dos meios de abordagem dos fenômenos, até boa parte de sua escrita e apresentação do processo.

Porém, quando assumimos a participação do outro convidado à pesquisa que não é um integrante oficial da comunidade acadêmica, quando formulamos, propomos e construímos um projeto que se baseia na relação que se estabelece com o outro e que declara a predisposição política dessa aliança, como lidamos com a autoria da pesquisa e seus desdobramentos? E antes disso, por que ser autor é uma questão relevante? Por que interessaria a alguém ser reconhecido como autor de algo?

Autor é alguém a quem se atribui a produção de uma obra. Para o bem ou para o mal, ser autor é ser reconhecido como a figura a quem a sociedade se volta para compreender uma criação. O autor e sua obra são identificados um com o outro (Foucault, 2000), se pertencem, se entrelaçam, portanto, para o autor é que se voltam as indagações, as críticas e as honras de uma produção. E ao oficializar o produto final de uma pesquisa co-construída com nossos interlocutores do campo, as dissertações ou teses, a compreensão de autoria na qual estamos imersos no mundo das universidades nos leva a discriminar as participações de cada um.

Certamente há papéis, objetivos e contribuições dessemelhantes – como existiriam em meio a um trabalho realizado por um grupo de acadêmicos – no desenvolvimento da pesquisa em que um sujeito chega com o interesse de investigar e outros sujeitos chegam com a

disponibilidade de propiciar tal investigação. Mas distinguir as participações qualitativamente não precisaria passar por uma distinção de centralidade, como costuma fazer a comunidade acadêmica ao listar a ordem de importância ou autoridade de seus membros.

De tal modo, considerando a origem desta pesquisa e como seus resultados serão veiculados pelos meios oficiais, destaco que meu nome aparece como o da autora deste trabalho, e de fato sou eu a única pessoa dentro do coletivo que produziu essa pesquisa a ser candidata ao título de mestre por meio dela, porém, o coletivo Ala Loucos pela X é também autor deste trabalho. Para que se faça conhecida a contribuição fundamental de cada um, apresento os nomes dos integrantes da Ala, co-autores da pesquisa junto da minha orientadora e de mim: Aparecida, Arruda, Clarice, Edite, Enivaldo, D. Ione, João, Kátia Maria, Luid, Márcio, Nair, Neide, Paulo, Pedro, Renato, Saulo, Sid, Simone e Sandra.

2. UMA HISTÓRIA DE MAUS E BONS ENCONTROS ENTRE TRABALHO E LOUCURA

O trabalho está há muitos séculos no âmago das discussões sobre a loucura. Conforme nos voltamos para a história, percebemos que o conjunto de saberes da psiquiatria e da saúde que vigora numa determinada época é apenas um dos fatores determinantes de como a loucura é compreendida, tanto na sua concepção teórica, como no campo de práticas a que é submetida. Os fatores sociais em geral, e não exclusivamente os científicos, determinam as formas como a loucura foi sendo tratada nas sociedades ocidentais ao longo do tempo.

Nesse sentido, por fatores eminentemente sociais determinantes do que é a loucura e como ela é abordada, entendemos as condições materiais e as formas morais de vida e gestão da vida numa dada sociedade (Passos, 2009), dentre as quais está o trabalho. Ele é um dos aspectos das condições materiais de vida, é um dos disparadores das relações de poder que constituem a sociedade (Andrade, 2013), além de ser um dos fundamentos da moral ocidental.

Um marco do elo entre moral e trabalho se dá no Classicismo, quando trabalhar surge como possibilidade de acumulação de riquezas e mobilidade social, traçando novas referências para o que é considerado desejável e normal no indivíduo no cenário europeu que se reconfigura econômica, social e politicamente na passagem da idade Média para a Idade Clássica. Trabalhar e merecer seu sustento se estabeleceu então como atividade própria da pessoa que observa a moralidade e deseja ser bem-sucedida. Valores que se consagram mais e mais com a ascensão hegemônica do capitalismo.

Isso se refletiu na relação intrínseca entre a loucura e o trabalho, permeada pela moral, aparecendo desde a época das práticas leigas de assistência à loucura que datam do século XVII, num momento em que esta ainda não era objeto de estudo e das práticas da saúde, quando o trabalho nas internações tinha função em de manter a ordem social e econômica (Foucault, 2014). Assim como apareceu no nascimento da Psiquiatria, quando o trabalho começou a ser utilizado como recurso terapêutico do tratamento moral. Com as Reformas Psiquiátricas do século XX houve uma ressignificação dessa relação, o trabalho se torna instrumento de reabilitação ou reinserção psicossocial e de resgate da cidadania, com ênfases políticas e clínicas.

Podemos retomar a História da Loucura de Michel Foucault (2014) para observar no quadro social da Idade Clássica uma das principais facetas do encontro entre loucura e trabalho, que se revela um desencontro: num contexto em que a sociedade se reorganizou em torno do trabalho, que ascendeu ao estatuto de atividade principal do pobre, os loucos eram

mesclados à grande massa heterogênea de ociosos que ameaça a ordem social e por isso deviam ser retirados, e seu destino era a internação em grandes hospitais.

Numa época em que os Estados europeus começavam a reorganizar suas finanças em torno das manufaturas e do comércio, em que a burguesia ia se tornando aliada da sustentação das monarquias, a mão-de-obra foi se tornando parte do potencial de riqueza dos países, e assim os errantes, os vagabundos, os loucos tornam-se alvos dos governantes. Bem como, construiu-se ao longo dos anos uma nova sensibilidade social em relação à miséria, se por um lado as práticas religiosas ainda sustentam a necessidade de assistência ao desfavorecidos, por outro, a ociosidade fere a nova ética do trabalho.

Estima-se que no século XVII uma em cada cem pessoas que viveram em Paris foi internada. Uma multidão de miseráveis, moradores de rua, insanos e outras tantas situações de inconformidade social que se reuniam sob a acusação de imoralidade, uma falha de caráter que precisava ser recolhida, punida e corrigida. Foucault (2014) caracteriza bem o lugar da loucura nesse contexto histórico:

Até a Renascença, a sensibilidade à loucura estava ligada à presença de transcendências imaginárias. A partir da era clássica e pela primeira vez, a loucura é percebida através de uma condenação ética da ociosidade e numa imanência social garantida pela comunidade de trabalho. Esta comunidade adquire um poder ético de divisão que lhe permite rejeitar, como num outro mundo, todas as formas de inutilidade social. (p. 73)

Ou seja, no primeiro momento histórico em que o lugar social da loucura é a exclusão social física, radicalizada no confinamento fora do horizonte da cidade, o fator determinante deste lugar social é o trabalho. Como o louco foi tomado enquanto sujeito moral e atravessado pelo trabalho enquanto valor, ele era um dos que escapam ao ideal de homem que constitui um ideal de cidade.

Nas internações, a atividade laboral fazia parte do cotidiano, em alguns momentos como tentativa de impingir o trabalho como emenda ao caráter dos internos, impedindo-os de permanecer na ociosidade, também como pura punição através de trabalhos sem finalidade concreta, ou ainda como meio de geração de renda para o governo, que criava manufaturas em alguns hospitais a fim de produzir com mão de obra barata e regular o mercado. Posteriormente, quando as internações em massa foram perdendo o sentido diante de transformações no contexto político, social e econômico, as grandes internações foram sendo revertidas, sendo o louco o único a permanecer nos hospitais, diferenciado dos outros internos

que passariam a ser mão-de-obra necessária lá fora – novamente diferenciado por sua possibilidade de trabalho.

Quando Pinel lança as bases da sua teoria sobre a alienação mental na virada do século XVIII, a loucura deixa de ser agrupada ao diverso grupo dos ociosos, para ser identificada enquanto doença mental a ser tratada. Sua teoria, intrinsecamente relacionada às transformações da sociedade naquele momento, movidas pelo Iluminismo, materializadas na Revolução Francesa e no crescimento do capitalismo, relegou os asilos apenas aos loucos. Esse é também o momento da medicalização dos hospitais, de modo que internações passam a ser justificadas pelo saber científico e técnico da medicina, mas, no caso da loucura, esse mesmo saber sustenta uma relação entre (i)moralidade e alienação (Koda, 2002).

A alienação mental era conceituada como um distúrbio no âmbito das paixões⁴, um problema de ordem moral, cujas causas estavam no meio social (Amarante, 2007; Koda, 2002). Por isso o chamado tratamento moral foi estabelecido como a intervenção médica principal, baseado na internação e na reeducação moral do indivíduo. Se o dito louco tinha uma desordem das faculdades mentais, a terapêutica se concentrava em reordená-las através da disciplina: horários fixos, divertimento regulado e trabalho obrigatório e rotineiro (Castel, 1991).

Nas Colônias, grandes centros de internação para alienados criados em áreas agrícolas, o centro do tratamento era o trabalho terapêutico. Paulo Amarante retrata o uso do trabalho na cura da loucura na compreensão de Waldemar de Almeida, um alienista brasileiro que considerava que “o trabalho seria o meio terapêutico mais precioso que estimulava a vontade e a energia e consolidava a resistência cerebral tendendo a fazer desaparecer os vestígios do delírio.” (Amarante, 2007, p.39). Lima (2004) relata que:

No interior de disciplinas com nomes variados - ergoterapia, laborterapia, praxiterapia -, o trabalho como instrumento de tratamento foi desenvolvido e aperfeiçoado, acompanhando as transformações da psiquiatria. Assim, quando, no século XIX, o hospital psiquiátrico torna-se lugar de diagnóstico e classificação, as atividades passam a ser utilizadas em procedimentos diagnósticos e a ser indicadas no tratamento de acordo com o diagnóstico dado ao paciente. Com a sistematização de tipos de trabalhos adequados a estados mórbidos buscava-se dar ares de ciência médica a essas práticas terapêuticas. (p. 62)

⁴ Paixões aqui têm o sentido filosófico, significando toda emoção, todo sentimento, causado por uma força irracional interna ou pela força incontrollável de alguma coisa extrema que nos domina. Dentro da filosofia racionalista, na paixão o ser humano não é senhor de si mesmo, mas dirigido por impulsos que o controlam (Chauí, 2005)

Mesmo no contexto da internação medicalizada, o tratamento da pessoa considerada louca estava designado pela moralidade e era instrumento de controle social. A intolerância da sociedade burguesa com a loucura materializava no alienismo a resposta para uma problemática social, com impacto político, ainda que a psiquiatria em ascensão reivindicasse para si apenas o estatuto de ciência e técnica (Castel, 1991).

O caráter de controle social se evidencia sem disfarces no cotidiano dos asilamentos. No Hospício Pedro II, inaugurado na cidade do Rio de Janeiro em 1852, eram internados pensionistas que pagavam diárias de primeira, segunda ou terceira classe; dentre os internos, apenas os que estavam na terceira classe eram obrigados a realizar atividades laborais, já aos internos das primeira e segunda classes era recomendada a frequência à biblioteca (www.ccms.saude.gov.br/hospicio/cotidiano.php).

O trabalho nos asilos de alienados, justificado pelo seu uso terapêutico, acabava por encobrir a função orçamentária que essas atividades tinham para as próprias instituições, pois o trabalho dos internos acabava por prover sustentação financeira para o asilo. Ou seja, em muitos casos havia a exploração do trabalho das pessoas em condição de internação, visto que seu trabalho não era remunerado ou o era irrisoriamente, ou ainda, o trabalho era moeda de troca na distribuição ou retenção de pequenas vantagens no cotidiano (Carlo e Bartalotti, 2001). Desenvolve-se um sistema perverso, em que a chamada reeducação pelo trabalho-ocupação levava o próprio interno a contribuir para a sustentação da estrutura institucional que o segregava (Barros, 1994).

A realização destes e outros procedimentos degradantes dentro dos hospitais psiquiátricos perdurou por muitos anos, adaptando-se a regionalidades e produções de novas tecnologias. Até o surgimento dos primeiros movimentos impactantes de questionamento do manicômio e suas técnicas, que explicitaram as violações de direitos humanos lá realizadas a pretexto de um tratamento. Foi-se denunciando o caráter punitivo dos asilamentos e a função de controle social que exerciam, aliás, que exercem, visto que ainda convivemos com situações análogas nos dias de hoje.

No Brasil retomamos com frequência os movimentos da Psiquiatria Preventiva americana, da Psiquiatria de Setor e Psicoterapia Institucional francesas, junto às Comunidades Terapêuticas e à Antipsiquiatria inglesas, além da Psiquiatria Democrática italiana – grande interlocutora do Movimento da Luta Antimanicomial no nosso país – todas essas experiências que questionaram a abordagem manicomial da loucura e repercutiram a necessidade de transformação na atenção a esta.

Cada movimento formulou críticas específicas, levantando teorias e implantando ações que visavam construir novas compreensões do fenômeno da loucura, conseqüentemente experimentando novas abordagens. Na maioria desses movimentos o trabalho como terapia foi contestado, e em alguns deles foi ressignificado, compondo parte central das propostas construídas.

Dentre essas experiências de grande relevância de contestação das práticas manicomiais da psiquiatria clássica, a Comunidade Terapêutica, a Psiquiatria Comunitária, Psiquiatria de Setor e a Antipsiquiatria não apresentam estratégias de resistência no campo da relação da loucura com o trabalho.

A Comunidade Terapêutica de Jones (1972) não problematiza a questão do trabalho em suas preocupações de reorganização da estrutura organizacional e das relações nas unidades hospitalares psiquiátricas. Na Psiquiatria Comunitária previu-se ações de apoio social ao paciente desospitalizado, como o aconselhamento vocacional e recreacional, visando o preparo para conseguir trabalho. A Psiquiatria de Setor trabalhou com o referencial da Ergosocioterapia, baseando as atividades de trabalho que eram desenvolvidas pelos internos dos hospitais psiquiátricos, essencialmente atividades de ocupação vazia e infantilizada; criou também estruturas extra-hospitalares com ênfase no trabalho como terapia e em ateliês protegidos, de baixíssimas taxas de reinserção no mercado (Andrade, 2013). Na Antipsiquiatria, Cooper (1973), seu principal expoente, trata brevemente da questão do trabalho, relatando os fracassos nas tentativas de fazer os pacientes do hospital em que trabalhava aderirem ao que chama de projetos convencionais de terapia ocupacional, em iniciativas de cunho claramente repressivo.

Nas outras experiências de Reforma Psiquiátrica, o trabalho teve papel fundamental na desconstrução da lógica manicomial. A partir dos princípios que transformaram a compreensão da loucura e dos seus modos de cuidado, o trabalho foi abordado também de maneira inovadora. Tais movimentos têm destaque aqui pela relevância em como o trabalho foi sendo pensado dentro do contexto da Reabilitação Psicossocial brasileira, sendo inclusive inspiração para as primeiras iniciativas de geração de renda da nossa Reforma Psiquiátrica.

Assim podemos tratar a Psicoterapia Institucional desenvolvida nos anos 1950 e 1960 na França, sendo as principais experiências a protagonizada por François Tosquelles no hospital Saint Alban, a que ele chamou de Coletivo Terapêutico (Amarante, 2007), e a liderada por Jean Oury na clínica La Borde. Com uma proposta teórico-prática, em que o foco é a transformação do hospital psiquiátrico em um instrumento terapêutico de ressocialização,

a Psicoterapia Institucional “Propunha a criação de territórios onde a loucura se reconhecesse e fosse tratada no âmbito da recriação da vida coletiva (...)” (Andrade, 2013, p. 43).

No Saint Alban foi recuperada a ideia do trabalho terapêutico, agora sob uma leitura psicanalítica, em oficinas de trabalho e ateliês que visavam uma reorganização interna da dinâmica psíquica. Porém, o caráter mais renovador da experiência estava na premissa de transversalizar os papéis dentro da instituição, problematizando as relações entre as pessoas que participavam do coletivo, compreendendo que todos que participavam dele tinham função terapêutica. Assim, o trabalho dos internos na instituição objetivava possibilidades de participação, do desmonte de hierarquias tradicionais dentro do hospital (Amarante, 2007).

As atividades voltadas ao trabalho concentravam-se na possibilidade de integração com o meio social próximo ao hospital, o comércio e as atividades de produção da região, o que permitia a troca entre os pacientes e habitantes (Passos, 2009), porém persistia numa compreensão do trabalho como meio de (re)adaptar o paciente para que pudesse conviver dentro das expectativas da sociedade. O trabalho nessa perspectiva, apesar de propiciar que o sujeito se apropriasse de suas potências, ainda trabalha com padrões de normalidade a serem atingidos.

É essa a contraposição da proposta desenvolvida em La Borde por Jean Oury. Mais distante da Psiquiatria de Setor do que a experiência desenvolvida por Tosquelles, na clínica de La Borde o trabalho não tem essa dimensão de adaptação ao meio social, volta-se para o objetivo terapêutico e para a composição da vida comunitária. Passos (2009) descreve a compreensão do trabalho no cotidiano da clínica:

As atividades-meio não são separáveis das atividades propriamente terapêuticas, pois acredita-se que é a vida comunitária por si mesma que deve, em primeiro lugar, promover a ‘cura’ ou o tratamento do sofrimento psíquico grave. (...) todas as atividades devem ser de responsabilidade de todos, de modo a restaurar a comunicação e a troca interrompidas na vivência psicótica. A noção de troca é fundamental na teorização lacaniana de Oury. Trocam-se bens, afetos, palavras. (p.199)

É possível perceber a ênfase na terapêutica, assim como na proposta de Tosquelles e da Comunidade Terapêutica, o trabalho tem função no processo do tratamento, sendo meio de intervenção na condição psíquica do paciente.

Sem dúvidas, transformações em relação ao que era o trabalho enquanto ação sobre o chamado louco e sua loucura nas instituições da psiquiatria clássica. Não se trata mais da punição sobre um indivíduo considerado menor, muito menos da correção de um dano moral, afinal há uma preocupação com a quebra de hierarquias, cuja compreensão é de que a pessoa

em sofrimento psíquico grave é igual aos que não passam por isso e é competente, não deve passar por maus-tratos e tem plena condição de participar ativamente da comunidade.

Entretanto, o trabalho cumpre aqui um papel controverso, porque justifica a permanência maciça dos sujeitos em sofrimento psíquico nas instituições. Pensando o trabalho enquanto parte do tratamento e a instituição enquanto o ambiente em que se pode buscar a criação de uma coletividade ideal, esses movimentos reforçam uma suposta necessidade de tratar das pessoas em experiência de sofrimento psíquico num regime de internação. Essas concepções de cuidado, e o trabalho dentro delas, mantêm a histórica separação do dito louco em relação à sociedade.

É exatamente esse aspecto dessas experiências que as distancia da Psiquiatria Democrática, surgida na Itália a partir dos anos 1960 e cujo expoente principal foi Franco Basaglia. O movimento, iniciado na cidade de Gorizia e largamente desenvolvido em Trieste, deslocou-se das propostas de transformação do hospital psiquiátrico e retomada de seu potencial terapêutico, promovendo a necessidade de superação do aparato manicomial, sustentado pela instituição física do hospital, mas também por saberes e práticas sociais, científicos e jurídicos (Amarante, 2007). A proposta se centra na compreensão de que não apenas o tratamento restrito ao hospital psiquiátrico aparta a pessoa que vive a experiência da loucura e outros sofrimentos mentais, como também a sociedade estrutura diversos mecanismos de segregação sobre os estigmas historicamente construídos sobre o louco.

Diante de um conceito de desinstitucionalização que compreende a desospitalização inseparável da ação sobre a própria psiquiatria e sobre a sociedade, para que as práticas manicomiais persistentes fora dos muros dos hospitais não encarcerem os sujeitos da experiência da loucura através de dispositivos imateriais (Amarante, 2007; Passos, 2009), o trabalho também se transforma enquanto proposta interventiva na experiência italiana. Andrade (2013) fala sobre a novidade desse projeto:

Nesse sentido, a questão do trabalho no tratamento preconizado pela desinstitucionalização propõe, como uma passagem do paradigma clínico para o paradigma político, a eliminação da ergoterapia e a reativação das possibilidades de acesso a rendimentos econômicos que possibilitem a participação no mundo do intercâmbio social. Sendo esse último o mundo do território comunitário da cidade, através de uma atividade produtiva como meio para se alcançar esse objetivo. (P. 55)

O objetivo de suplantar a institucionalização e os males por ela causados aos sujeitos que viveram a internação, junto à luta pela garantia da sua cidadania, emancipação e poder de

contratualidade, foram as bases para a constituição de propostas de trabalho dentro da Psiquiatria Democrática, cujo formato principal foi o das cooperativas (Andrade, 2013; Barros, 1994).

A primeira delas se formou ainda dentro do hospital psiquiátrico de Trieste, o San Giovanni, tendo sido organizada por Basaglia ao empregar ex-internos como prestadores de serviço de limpeza para o próprio hospital. O objetivo era acabar com a exploração de pacientes que faziam pequenos trabalhos em troca de cigarros, além de eliminar a ideologia do trabalho como tratamento e de restituir o trabalho real como meio de emancipação (Passos, 2009). Posteriormente, junto à criação de diversos equipamentos pensados sobre a variedade de ações necessárias para superar o aparato manicomial, foram criadas outras cooperativas, atuantes na cidade.

Estas têm função de formação e de trabalho, são instrumento para um processo de participação social, não restrito à busca da autonomia econômica, pois considera também a autonomia subjetiva (Barros, 1994). Essas associações promovem a possibilidade de pessoas em sofrimento psíquico terem acesso ao trabalho, enquanto elemento constituinte da personalidade e da vida, num movimento que dá condições para que sejam menos apartadas da sociedade em que vivem, mas ao mesmo tempo contrapondo os valores capitalistas.

Apesar da Reforma Psiquiátrica brasileira ter agregado elementos das múltiplas experiências aqui trazidas, foi com as experiências de trabalho da Psiquiatria Democrática que dialogaram mais intensamente. A influência italiana sobre o arcabouço teórico da Reabilitação Psicossocial no Brasil aparece em princípios como de democratização, participação social, co-responsabilização, acolhimento e território (Amarante, 2007) – todos diretamente relacionados à compreensão do trabalho enquanto direito do cidadão e meio privilegiado de participação na sociedade.

Nas experiências paradigmáticas do CAPS Itapeva, em São Paulo, e da construção da rede de equipamentos substitutivos ao hospital psiquiátrico em Santos, a experiência italiana é revisitada (Andrade, 2013), tendo realizado um encontro profícuo entre experiência das cooperativas triestinas, as especificidades das populações das nossas cidades e com a Economia Solidária. Também geração de trabalho e renda no bojo dos Centros de Convivência e Cooperativa pode ser considerada uma criação que leva adiante no projeto de Reforma Psiquiátrica brasileiro as influências da Psiquiatria Democrática de maneira mais radical. Os CECCOS colocaram a inclusão, a convivência e a criação não só como objetivos, também como meios, propondo uma costura intersetorial que privilegia a circulação

transversal da cultura na saúde e da saúde em territórios como da ecologia, dos esportes e do cooperativismo (Galletti, 2013).

A própria Ala Loucos pela X pode ser pensada como fruto desse encontro. Em plena rede de saúde mental paulistana, dentro do Ambulatório de Saúde Mental Jaçanã/Tremembé, nasce do desdobramento de uma oficina de geração de renda de papel reciclado, num contexto em que efervesciam as experimentações e criações dos dispositivos e arranjos brasileiros com o ímpeto da reabilitação psicossocial.

3. PARA LER UM DICIONÁRIO: UMA HISTÓRIA AO LADO

Lembro de uma recomendação de uma professora da época em que começava a ler, para ler um livro é bom ter um dicionário do lado, para assim tirar dúvidas sobre palavras desconhecidas, aproveitando para aprendê-las. Inverto aqui o enunciado, pois para ler esse dicionário é recomendável contar com a história que o justifica ao lado.

Para falarmos sobre como a Ala Loucos pela X se organiza e desenvolve suas ações hoje apresenta-se a necessidade de localizar o presente em uma história, por isso introduzo aqui um pequeno relato de sua trajetória. Objetivo situar os contextos em que a Ala se originou e se produziu, destacando acontecimentos e mudanças institucionais que aparecem como marcos de seu caminho quando contada pelas pessoas que o viveram. Para tanto, apóio-me profundamente em duas das produções acadêmicas que já foram realizadas sobre a experiência da Loucos pela X⁵ e escritas por dois de seus trabalhadores: o trabalho de conclusão de curso de Pedro Gava (2006), um diálogo sobre sua experiência como aprimorando em saúde mental no Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) a que a Ala esteve vinculada por muitos anos, e um convite a uma produção de saúde descentrada da doença, e a tese de doutorado de Simone Ramalho (2010), na qual a autora coloca a trajetória da Ala para desfilas na avenida acadêmica, como porta-voz das memórias do coletivo Loucos pela X.

Ouvi essa história contada também por outras pessoas que a vivenciaram, entretanto não de maneira cronológica, planejada e detalhadamente registrada. Entre linhas, penas e colas, cafés e almoços, quando alguma técnica ou circunstância de trabalho é recuperada como referência para o fazer dos dias correntes, quando alguma lembrança de pessoas e vinhetas emerge entre companheiros que compartilham já muitos anos de vida, ou ainda quando alguma pergunta me ocorria em busca de compreender melhor momentos diferentes deste que eu tenho conhecido, algumas vezes apenas desejando prolongar a contação de um bom “causo”. Assim, algumas impressões pontuadas em conversas no decorrer do campo na Ala se juntam aos relatos muito vivos de Pedro e Simone, para me ajudar a situar os leitores na empreitada a que hoje nos dedicamos.

A Ala Loucos pela X nasce em 2001 com uma cena inusitada, em que as forças do território rompem as barreiras que o Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã/Tremembé (J/T)

⁵Vários autores realizaram trabalhos sobre a Ala Loucos pela X desde os primeiros anos da realização do projeto: Gigli (2008) e Tonicelli (2016) elaboraram trabalhos de conclusão de graduação em Psicologia, Gava (2006) realizou sua monografia de conclusão do Aprimoramento em Saúde Mental, e ainda, Garcia (2004) e Ramalho (2010) produziram teses de doutorado sobre a experiência da Ala.

já desejava desfazer, mas ainda não tinha conseguido desenvolver condições. Lucas Pinto, carnavalesco da escola de samba X9 Paulistana naquele ano, chegou ao serviço de saúde sem aviso prévio e foi recebido numa reunião da equipe de profissionais, para quem contou sobre o enredo que desenvolvia com a X9. Tratava-se de falar da história do papel, somado a um desejo que o carnavalesco tinha de contar a história de Arthur Bispo do Rosário, homem que se destaca pelas numerosas produções artísticas, elaboradas durante mais de 50 anos como interno no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro (Dantas, 2009), esta última proposta que não se efetivaria nos planos da escola naquele momento. Lucas havia ficado sabendo que um serviço de saúde para loucos nas vizinhanças da quadra da X9 Paulistana tinha uma oficina de geração de renda com reciclagem de papel, por isso procurou-os e fez o convite para que o serviço e seus usuários representassem a potência criativa da loucura, associando a obra de Bispo do Rosário com a produção terapêutica de uma oficina de reciclagem do papel.

No desenvolvimento da parceria com a X9 a proposta foi tomando forma: os usuários desenharam, fabricaram e desfilaram a fantasia, sendo que a renda da confecção foi da própria oficina de reciclagem do Ambulatório. Escola de samba e equipamento de saúde concordavam que um princípio importante era não destacar uma ala especial de loucos, mas promover o acesso dos usuários do serviço ao mundo do carnaval, inserindo-os como foliões tanto quanto quaisquer outros da escola, decisão que fundou a Ala Loucos pela X, constituída então por usuários do serviço, seus familiares e profissionais da saúde mental da cidade.

O aceite colocou em ação um processo que demandava corresponsabilização dos trabalhadores com os usuários, mudando o cotidiano do equipamento. Mais pessoas passaram a ocupar o serviço e por mais tempo, causando deslocamentos no cenário de idas pontuais – deslocamentos literais, para o serviço e dentro do serviço, quando a fabricação das fantasias e a preparação do desfile exigiu a ocupação de salas e funções que se restringiam rigidamente a profissionais ou a usuários.

Sustentar a possibilidade dos usuários circularem, trabalharem, estarem em meio ao grandioso espetáculo do carnaval, exigiu uma construção entre os profissionais, com as famílias e com as próprias pessoas que eram convidadas a ocupar outros lugares que não o da impotência, da doença. Neide conta que nesse primeiro ano os profissionais do serviço e de outros pontos da rede de saúde mental ficavam de mãos dadas com os usuários, praticamente um para cada, pois todos, inclusive os próprios usuários temiam como iam se comportar na avenida, como ela disse.

Após o primeiro desfile, já em 2002, a Ala se tornou parte permanente da escola de samba e passou por uma mudança institucional. Em meio à municipalização dos serviços de saúde da cidade e a uma mudança na gestão municipal que favorecia práticas em saúde mental nos horizontes da reabilitação psicossocial, o Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã foi fechado e se desdobrou em um Hospital Dia em Saúde Mental e no Centro de Convivência e Cooperativa Jaçanã/Tremembé⁶. Enquanto o Hospital dia trabalharia com as pessoas que precisavam de cuidados intensivos, o CECCO seria o serviço “(...) responsável pelas ações de promoção de saúde mental e de construção de redes solidárias para o acesso à cidadania para a população em geral, incluindo os portadores de transtorno mental(..).” (Ramalho, 2010, p. 175), seguindo a proposta de trabalho que já desenvolvia em outros CECCOs da cidade de São Paulo. A existência da Ala Loucos pela X no Ambulatório demandava um espaço que possibilitasse sua continuação e desenvolvimento, bem como tinha vocação para multiplicar as ações desejadas para um Centro de Convivência e Cooperativa pelo território.

O CECCO J/T começou com uma estrutura física precária, eram duas salas, cada uma em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro. Durante mais de dois anos o CECCO permaneceu itinerante, habitando as pessoas, erigindo-se em praças e parques, transportando-se nas pernas e em porta-malas de carros, sustentando-se em torno da militância por uma sede própria e da continuação do projeto do carnaval.

Para o carnaval seguinte a escola confiou à Loucos pela X uma das fantasias mais importantes no desenvolvimento do enredo na avenida, a representação da deusa Oxum, considerando o bom desempenho que a Ala teve na confecção das fantasias e no desfile no ano anterior. Era uma fantasia de feitura complexa, de novos materiais e um lugar de destaque entre as primeiras alas no desfile (honra e responsabilidade no mundo das escolas-samba); mais uma vez a escola reconhecia o trabalho da Ala e empurrava os limites de sua ação dentro e fora do serviço. Delinearam-se novos princípios do trabalho no projeto nesse segundo carnaval: a Ala Loucos pela X produziria as fantasias com que desfilaria e seria remunerada de acordo com o valor praticado no mercado pela venda destas – fantasias que seriam oferecidas a usuários da rede em geral e vendidas a quem quer que desejasse participar. Participaram os usuários do Ambulatório que já haviam se envolvido com a Ala no ano anterior, junto a usuários do novo CECCO e de outros parceiros da rede de Economia Solidária que se formava na zona norte da cidade. O grupo de trabalhadores designou que a

⁶ Desde o final dos anos 80 criava-se e explorava-se a possibilidade de “Um projeto que desde o início conectava as pessoas, não pelas patologias, mas pela experimentação da arte, do trabalho e do lazer.” (Galletti, 2013, p. 161). Chamados Centros de Convivência e Cooperativa, esses lugares foram celeiro de experiências importantes da Reforma Psiquiátrica paulistana (Gava, 2006). Posteriormente foram formalizados como um equipamento da Rede de Atenção Psicossocial (Brasil, 2011).

remuneração seria sobre os dias de trabalho, não sobre a produção, de maneira que não se colocasse a produtividade como valor maior. O espaço de trabalho da Ala, sem poder contar com o espaço físico do CECCO, foi por dois carnavais o terraço alugado de uma casa no Jaçanã, lugar que vem a ser sua sede atualmente, depois de já ter passado por outras duas locações.

O relato de Simone (Ramalho, 2010) marca a produção dos carnavais de 2003 e 2004 como a época em que aos próprios olhos e aos olhos da escola de samba as pessoas da Ala deixavam de ser os loucos a serem inseridos para serem os aderecistas cujo trabalho é de grande valor:

Enquanto habitávamos essa varanda no Jaçanã, víamos se produzir um brilho outro, em meio ao ouro de nossa fantasia. Percebemos que o fato de receber uma fantasia mais complexa, porque fantasia comum em uma escola de samba de tal porte, provocou o enfrentamento de um trabalho real conduzido por pessoas que são consideradas incapazes, em sua maioria, para o trabalho. Dar conta de tal tarefa – e mais, ser considerado, ao final do carnaval 2003, como um dos melhores ateliês da escola – produziu uma inversão que obrigou um deslocamento no olhar das impotências para as surpreendentes possibilidades. Os trabalhadores do Barracão passaram a se ver e ser vistos como os artistas da Ala Loucos pela X, aqueles que saíram da sombra da exclusão para debaixo dos holofotes que iluminam o espetáculo do carnaval. (p. 185).

Em outubro de 2004 finalmente a Secretaria Municipal de Saúde finalizou os embaraçados trâmites burocráticos e inaugurou a sede do CECCO Jaçanã/Tremembé em uma casa do bairro. A instalação do grupo de trabalhadores em um lugar fixo e seu, uma sala no quintal da casa onde sediou-se o equipamento, propiciou a ampliação das discussões da organização da Ala, discussões sobre o andamento de um negócio, denotando sua profissionalização.

Nos sete anos em que estive no Centro de Convivência e Cooperativa o grupo de trabalhadores da Loucos pela X se configurou com arranjos e pessoas que variavam a cada ano; todo início de organização de um carnaval abria-se espaço para que os interessados no trabalho participassem de uma reunião que apresentava a proposta e disparava o processo do ano com o grupo que desejasse trabalhar (contando sempre com uma média de vinte pessoas), de maneira que os combinados sobre o desenvolver do grupo fossem feitos com quem se engajaria naquele ano. Simone conta da circulação das pessoas do projeto, do CECCO, de estudantes e profissionais da saúde que desejavam conhecer de perto a Ala, de voluntários do bairro e pessoas do samba, várias origens e vínculos que se agregavam ao grupo, alguns mais interessados na produção das fantasias, alguns mais empolgados com o desfile. Nesse ínterim,

a militância na Luta Antimanicomial e a interface com universidades se desenvolvia como uma outra frente de atuação da Loucos pela X, com convites frequentes para contar a experiência do trabalho para alunos da área da saúde em aulas, mesas de debate, bate-papos.

Também nesse meio tempo as questões institucionais do CECCO foram se colocando como novos elementos que permeavam o acontecer da Ala: o desgaste da pequena equipe, que precisava tocar um projeto complexo como a Ala e as outras várias ações do Centro de Convivência e Cooperativa, bem como uma ameaça de transferência de gerenciamento do equipamento para uma Organização Social (OS), possibilidade levantada pela nova gestão municipal que entrava na cidade. O agravamento desse contexto, junto a dificuldades financeiras que o projeto vinha passando por alguns anos, marcaram o ano de 2008 como uma época de muitos problemas e pela possibilidade real de encerramento da Loucos pela X. Essa perspectiva se alternava com eventuais considerações sobre uma ainda improvável saída do projeto do serviço de saúde para algum modo de gestão autônoma.

A solução para tornar o trabalho para o carnaval de 2009 possível foi construída em conjunto com uma figura histórica da X9 Paulistana e da vizinhança do CECCO. Paulinho Joamar, organizador de outra ala da escola de samba, se associou à Loucos pela X, numa parceria que ampliou as condições de trabalho da Ala, não só financeiramente e em volume de produção (naquele ano a Ala confeccionou a própria fantasia e adereços de outras duas alas), as lembranças que os trabalhadores trazem dessa época marcam o aprendizado sobre técnicas para adereçar e sobre condução de um negócio carnavalesco. Após o desfile a parceria se ampliou da produção de um carnaval para a realização de uma fábrica que trabalhasse durante o ano reciclando fantasias, algo que viabilizou o planejamento mais concreto da saída da Loucos pela X do CECCO J/T.

Planos que foram abreviados com a chegada de uma nova gestão de saúde local e uma nova gestão para o Centro de Convivência e Cooperativa. Estas, alegando desconhecer a natureza do projeto, suspenderam o trabalho da Ala e embargaram seus materiais, colocando sob vigilância as pessoas que se relacionavam com ele e construindo suspeitas sobre ações ilícitas na sua realização, que recaiam principalmente sobre os profissionais do equipamento que coordenavam a Ala. Apareciam acusações insensatas como manutenção de trabalho escravo e transações financeiras ilícitas.

Impedidos de acessar seus meios de trabalho e de conversar com os profissionais participantes do projeto, ao se colocarem contra as absurdas intervenções alguns usuários foram convidados a se retirar do local – momento lembrado com uma mistura de tristeza e raiva pelos trabalhadores quando essa marcante passagem surge nas conversas cotidianas.

Uma cena do momento em que estão tirando seus materiais de trabalho do CECCO, sentindo-se humilhados, é trazida como a reação àquele momento dolorido por Edite e Simone: em meio à saída conflituosa, uma das trabalhadoras pisou acidentalmente num cano que começou a jorrar água pelo quintal da casa, causando grande alarde e confusão.

O rompimento da Ala Loucos pela X com o CECCO J/T se deu em meio a uma extrema violência institucional: Simone foi chamada a responder em audiência jurídica às acusações da nova gestão, usuários foram desconsiderados em suas colocações, taxados como pacientes psiquiátricos que não sabem o que falam. Além da desvalorização do trabalho que realizavam, aparece intensamente o sofrimento pelo afeto que os trabalhadores desenvolveram por aquele lugar, desde o início, quando procuravam por uma casa para abrigar o serviço, lutavam na secretaria de saúde sua efetivação, e ao longo de sua consolidação, através da participação constante.

Sobre esse momento consternador Simone (Ramalho, 2010) conta:

O caminhão [com os pertences da Ala Loucos pela X] se dirigiu para as casas dos coordenadores do projeto e as fantasias foram ficando em cozinhas, quatinhos, armários, à espera de uma nova morada. O grupo passou a se reunir na quadra da escola, semanalmente, para cuidar do estrago que havia sido produzido. Os coordenadores do projeto compareciam a essas reuniões, fora de seus horários de trabalho, voluntariamente. Eram sensações de ruína, desamparo, indignação, chão faltando debaixo dos pés, raiva dos gestores que permaneciam lá no CECCO J/T tratando de desmontar outras construções e outros espaços coletivos que lhes eram fundamentais. Mas, curiosamente, eram também sensações de comemoração, porque ‘tinham saído de cabeça erguida’, em acordo com a lei, como sempre estiveram, sensações de que estavam tendo suas forças testadas (...). (p. 233).

Uma fase de caos, cuja reorganização se iniciou por meio da acolhida do grupo de trabalhadores na quadra da X9 Paulistana, onde suas reuniões passaram a acontecer. A manutenção de atividades já tradicionais da Ala nos períodos entre carnavais, a associação com Paulinho Joamar e a vinculação como projeto de geração de trabalho e renda na Associação Vida em Ação (AVA), organização da Rede de Economia Solidária e Saúde Mental do estado de São Paulo, foram os pilares de sustentação da Loucos pela X pelo resto de 2009 e pelo carnaval seguinte.

A produção desse carnaval se deu no próprio ateliê de Joamar, em conjunto com os jovens da vizinhança que trabalhavam para ele. Apesar das dificuldades de reestruturação material e psicológica, surgiu um cenário em que os trabalhadores da Ala se viram ampliando sua autonomia de circulação e produção em relação aos coordenadores do projeto e se misturando aos ritmos e padrões de um ateliê de grande nome no meio carnavalesco.

A parceria com Joamar gestou o movimento da Ala Loucos pela X em direção a autonomia institucional (possibilitada juridicamente pela Associação Vida em Ação), pois quando ritmos e prioridades começaram a se diferenciar daquelas de um ateliê tão profissional, a Ala teve seu indicativo de que já podia, e talvez devia, alçar voo solo. Aparecida, trabalhadora da Ala, procurou novamente a família de quem eles alugaram a varanda da casa nos idos de 2003, colocando em concretude o caminho de autossuficiência que ela e seus colegas vinham edificando.

Então, desde 2009 a Ala Loucos pela X mantém seu funcionamento autônomo dos serviços de saúde onde se desenvolveu, com sede alugada na mesma varanda da casa da Dona Ione. Nos últimos anos tem-se ampliado as atividades do grupo de trabalhadores, que hoje se denomina um empreendimento social, tanto em volume, quanto variedade; produziram fantasias para outras escolas de samba, fabricaram miniaturas de baianas (ala tradicional dos desfiles) e pequenos bonecos de Artur Bispo do Rosário, realizaram a ornamentação de um casamento e o próprio curso de formação de aderecistas.

Sua composição é em grande parte a do grupo que já trabalhava na oficina de geração de trabalho e renda no CECCO, tendo havido o afastamento de algumas pessoas e a entrada de novos trabalhadores. Estes participantes de um curso de formação de aderecistas que os trabalhadores da Ala ofereceram aos frequentadores da Rede de Atenção Psicossocial da zona norte em 2015, através de recursos do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo (ProAC).

Os trabalhadores mantêm a organização do trabalho inspirado nos princípios cooperativos; especificamente em relação ao carnaval, continua o processo de abertura anual do grupo para discutir a entrada de novos interessados e as configurações mais detalhadas de como sistematizarão o trabalho coletivo.

Entre o final de 2015 e o meio de 2017, período em que a pesquisa foi realizada na Ala, aconteceram alguns fatos, discussões e definições importantes para o empreendimento. Para o carnaval de 2016 foram confeccionadas quatro alas para a X9 Paulistana, para que a Ala contou inclusive com a contratação de trabalhadores temporários. Após o carnaval de 2016 o grupo se pôs a discutir as possibilidades e dificuldades de legalização do empreendimento, levando em conta os embaraços causados pela regulamentação insuficiente dos negócios como a Ala ao lado da relevância de regularizar o trabalho de todos que fazem parte dela.

Para o carnaval de 2017 a Ala fabricou duas alas para a X9 Paulistana e duas alas para a Vai-Vai, uma das grandes e maiores campeãs dentre as escolas de samba de São Paulo – um

trabalho que marca a ampliação de mercado da Loucos pela X e que trouxe novos desafios. Em meio às intensidades dos trabalhos para o carnaval de 2017 um acontecimento inesperado e triste se colocou. No final da manhã do dia 10 de janeiro D. Ione passou mal e não resistiu, vindo a falecer por um enfarto.

A perda de Dona Ione caiu como um raio sobre as cabeças de todos da Ala e sobre os que dela tomam parte, causando dor imensa pela perda da amiga, parceira, colega de trabalho, alguém que por diversas vias foi se tornando um porto-seguro para as pessoas da Loucos pela X. Foi um momento em que o grupo priorizou estar junto e recebeu intensamente o apoio de sua rede de parceiros, movimentos essenciais para acolher o sofrimento de cada um e para que fosse possível seguir com o trabalho e colocar a Ala Loucos pela X na Avenida.

Dona Ione era uma figura central para a Ala, amiga antiga dos trabalhadores que compõem a Ala desde o CECCO, referência de cuidados e ensino no processo de trabalho em seu papel de coordenação, uma trabalhadora cheia de potência e talento nos adereços e demais trabalhos pelos quais a Ala se aventurou. Ela foi também a referência de acolhimento do grupo quando decidiram sair do ateliê de Joamar. Quando o grupo pensava num lugar para ser sua sede Aparecida e Enivaldo procuraram Dona Ione para saber se tinha interesse em alugar o espaço em sua casa novamente e seu aceite foi um passo nunca esquecido pelos integrantes da Ala. Por muito tempo o lugar era chamado por eles de a casa da Dona Ione, até que por insistência dela e transformações na compreensão do grupo, eles foram assumindo aquele lugar como o barracão ou o ateliê da Ala Loucos pela X.

A questão do espaço que a Ala aluga em sua casa foi uma das incertezas que se abriu no grupo após o falecimento dela. Em meio a todo o sofrimento por sua perda, ainda havia a preocupação com o futuro da Ala no espaço, pois o contrato de locação era verbal e feito com a própria Ione, não havendo nenhum compromisso estabelecido de sustentação desse combinado com o restante de sua família. Por esse motivo, tal foi a surpresa dos trabalhadores quando os filhos de Dona Ione manifestaram o interesse e o desejo de que a Loucos pela X permanecesse no local, enfatizando que viam o quão fundamental aquele grupo foi na vida de sua mãe e que era o sonho dela que eles ocupassem a casa.

Dessa maneira, com o apoio de sua rede de parcerias, a partir de agosto de 2017 a Ala passa a alugar além da varanda da casa da Dona Ione, também a estrutura da casa, tornando o ateliê muito mais amplo, confortável e cheio de possibilidades. Junto aos filhos de Dona Ione, algumas adaptações estão sendo pensadas para a construção, algumas ideias de como ocupar os espaços já vão se desenhando e os afetos de luto e alegria por ali vão se movimentando.

Dona Ione marca a história da Ala em diversas passagens ao dar lugar e suporte para que esse sonho ganhasse concretude. Também ao narrar a importância da Ala em sua vida, representou a história de muitos dos integrantes do grupo; ela muitas vezes contou no decorrer dessa pesquisa e em outros espaços sobre como deixar-se pertencer àquele grupo e tomar para si projeto ampliou suas possibilidades de vida, e certamente com essa disponibilidade, efetivou encontros que marcaram também a história da Ala. E contando do sonho que tinha consigo e compartilhava com os colegas de que esse trabalho se ampliasse e tivesse sucesso, acabou sendo meio essencial de efetivação de muitos dos passos importantes da Ala.

A Ala ainda segue com as ideias e planejamentos para as mudanças que se fizeram necessárias com a partida de Dona Ione, bem como com as novidades que serão possíveis como consequência do aluguel da casa. Segue também o propósito de regularização do empreendimento e seus trabalhadores, a construção de projetos coletivos com a AVA e outros empreendimentos econômicos solidários.

Em breve os trabalhadores se engajarão na adaptação e preparação da casa como um todo para comportar o ateliê e logo iniciam a organização e as negociações para o trabalho para o carnaval de 2018. Segue o trabalho da Loucos pela X, desbravando caminhos novos, um passo de cada vez, passos pequenos e passos largos, todos dados por umas vinte pessoas de uma vez.

"Muita coisa importante falta nome"

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

4. DICIONÁRIO DA ALA LOUCOS PELA X

Açaí: fruto de uma palmeira, utilizado para fabricação de alimentos e bebidas. Tema do samba enredo da escola de samba X9 Paulistana no carnaval de 2016, destacando a relação de crescimento de Belém do Pará com o cultivo da árvore que dá o açaí. Para o carnaval de 2016 a Ala Loucos Pela X trabalhou apenas com a X9, fazendo as fantasias de quatro alas da escola: Açaí – A Fruta que Chora, Os Ribeirinhos, que a própria Loucos desfilou, Sabores do Açaí e Açaí Fonte de Beleza e Juventude, de modo que o açaí tornou-se tema onipresente no dia-a-dia na Ala, principalmente representado no roxo, cor do fruto. As fantasias que demandaram mais tempo de elaboração, Fruta que Chora, apelidada de fantasia do índio pelo grupo de trabalhadores, e a Fonte de Beleza, mais conhecida entre nós como fantasia da borboleta, eram predominantemente roxas. Foram cinquenta e cinco mil bolinhas de isopor cobertas com glíter roxo e incontáveis plumas roxas aparadas, deixando seus rastros por todo o ateliê, grudados na pele de quem lá trabalhava.

A sinopse do enredo contava a lenda do surgimento do açaí e trazia elementos da história do Pará, temas novos para quase todas as pessoas na Ala, suscitadores de perguntas e conversas entre um adereço colado e outro; Simone, sempre muito interessada nos símbolos e nas narrativas, falava ricamente sobre os Tupinambás, a Revolta dos Cabanos, os ribeirinhos, o Mercado Ver-o-Peso. A tal fruta açaí despertou curiosidades, quase nenhum dos trabalhadores a tinha experimentado, apareciam cogitações sobre seu sabor, seu preço, seus diferentes usos. Ao longo dos meses um experimentou numa lanchonete, outro comprou um picolé de açaí, até que um dia o Saulo levou pote de sorvete de sabor açaí para todos provarem, e depois de tanta expectativa... ninguém se impressionou – o açaí era mais entusiasmante nas bolinhas gliterizadas.

Verbetes relacionados: Choro da pena; Cola.

Aderecista: a Ala Loucos pela X produz fantasias. Fazer adereços que compõem as fantasias de escolas de samba é o carro-chefe da Ala desde seu surgimento, já há dezesseis carnavais. Foi com o propósito de fabricar uma fantasia que a oficina de reciclagem de papel se volta para o carnaval e vai fazendo dele seu mercado principal.

A relevância dessa produção é justificada por muitos fatores. A fabricação das fantasias, e ocasionalmente de outros adereços para as escolas de samba, como partes de carros alegóricos, constitui a principal atividade da Ala em termos de tempo de trabalho ao longo dos anos, de tempo de ocupação durante o ano, além de ser o serviço que compõe maciçamente a renda do empreendimento, e mais ainda, é a parte do trabalho na qual os trabalhadores parecem mais se reconhecer.

Quando a Loucos pela X vai se apresentar em algum evento é comum que eles se organizem em torno da fabricação das fantasias, sempre que possível expondo-as ou usando-as. Algo semelhante acontece quando recebem visitas no ateliê, quando vão contando sobre o processo de fabricação e organização do trabalho e, invariavelmente, alguém traz as baianinhas e o costeirinho, peças que eles fizeram nos últimos anos e que reproduzem em miniatura fantasias detalhadas inspiradas em alas de baianas e um costeiro semelhante aos que compõem boa parte das fantasias de carnaval.

Assim como todos os trabalhadores contam do orgulho de ver as fantasias prontas, de vestir a fantasia feita por eles mesmos e de ver outros foliões usando-as no Anhembi. No carnaval de 2017, os retoques finais da fantasia que a própria Ala desfilaria posteriormente estavam sendo dados quando as fantasias da primeira ala que saiu do ateliê já passavam pela avenida em outra escola de samba, e então as atenções se dividiam; pelos celulares algumas trabalhadoras acompanhavam o desfile, vigiando para avisar todo mundo na hora que enormes laços amarelos do orixá que a Ala fez aparecessem na telinha.

Esse orgulho pela fantasia que é trazido pelas pessoas da Ala apresenta sentidos de fantasia concreta e simbólica. Simbólica porque boa parte dos trabalhadores diz da satisfação de ver o folião brincando na fantasia de carnaval, algo com o que vai se divertir, sambar, brincar. As fantasias de tecido, plástico e brilho acabam compondo o subterfúgio do fantasiar, do faz-de-conta que é possível no carnaval. Como disse Simone um dia no ateliê, quem trabalha na Ala, de alguma maneira, proporciona alegria.

Muitas vezes esses trabalhadores dizem também de um orgulho do produto em si, de ver a beleza do resultado final, a qualidade dos adereços que fizeram e saber que eles os fizeram. Na fantasia é possível enxergar o trabalho que eles conduzem, o conhecimento que têm e que desenvolveram, os desafios que enfrentaram para chegar ao resultado final. O que vai nos dando pistas das outras produções da Ala Loucos pela X que permeiam a concretude da fantasia, como a construção de um saber e de uma identidade profissional. Fazer fantasia, ser aderecista, significa ter um trabalho e uma profissão.

Considerando que a maioria dos trabalhadores da Ala vive a experiência da loucura ou de outros sofrimentos psíquicos⁷ junto a outros fatores de vulnerabilidade social, o acesso a empregos é muito difícil. Os obstáculos são inúmeros, desde a incompatibilidade de suas possibilidades de levar a vida com as exigências feitas pelo mercado de trabalho, passando pela estigmatização, pela exclusão pela idade, rendimento diminuído pelo uso de psicofármacos, restrições dos familiares, e outros fatores estruturais de exclusão social que permeiam a vida da população que vive nas periferias, como problemas de acesso à educação, à cultura e vagas de emprego formal, no caso de boa parte dos trabalhadores da Ala, até mesmo do emprego informal (Aranha e Silva, 1997; Saroni, 2004)

Assim, entre as pessoas que compõem a Ala, muitas tiveram trabalhos formais, porém não tiveram mais inserção nesse mercado após terem vivido momentos em que sintomas mais graves, relacionados a algum tipo de sofrimento psíquico e comprometimento da saúde, transformaram seu jeito de andar a vida. Outras pessoas não chegaram a trabalhar em empregos formais ou em informais que são estejam relacionados às iniciativas de geração de renda da RAPS. Todos contam das dificuldades de encontrar vagas de trabalho para as quais sejam qualificados e de serem selecionados para elas.

Numa conversa que fizemos sobre a escrita deste dicionário em abril de 2016, os integrantes da Loucos pela X e eu falamos sobre o que era o trabalho e o papel dele na vida das pessoas em geral, abordando mais objetivamente temas que apareceram em diversos momentos da nossa convivência. Apareceram principalmente duas dimensões, o trabalho como possibilidade de dignidade e o trabalho como fonte de renda:

“*Sid*: tem uma música do Fagner, né, Guerreiro Menino, trabalho... o homem sem trabalho não tem honra, né, se morre,

⁷ É necessário trazer aqui o problema do emprego de palavras e expressões que tentam dar conta dos fenômenos relacionados à vida psíquica pelos quais as pessoas experimentam estados de anormalidade em relação a seus estados de saúde mental, fenômenos chamados na psiquiatria e nos textos oficiais do Sistema Único de Saúde de transtornos mentais graves, em outros momentos de adoecimento psíquico. Tais experiências estão presentes neste trabalho porque estão presentes na vida da grande maioria dos trabalhadores da Ala Loucos pela X, iniciada justamente por usuários de um Ambulatório de Saúde Mental e posteriormente composta pelos usuários de um Centro de Convivência e Cooperativa. Cada trabalhador que se relaciona com um fenômeno desse tipo vive uma experiência singular, nem todos vivem ou viveram com os sinais que são classicamente atrelados à loucura, portanto, também a variedade de histórias e relações com os fenômenos psíquicos torna complicada a tarefa de elaborar uma referência geral. Escolhi usar “experiência da loucura ou outros tipos de sofrimento psíquico”, apesar de ter claro que nem todas essas experiências causam sofrimento necessariamente, mas de alguma maneira trazem um rompimento dos estados de normalidade anteriores da própria pessoa; trazendo a loucura em sua multiplicidade, retirada da carga de preconceitos e rótulos a ela atribuídos. Consciente da insuficiência da expressão, adoto-a como solução suficiente e provisória para os objetivos deste trabalho.

se mata. (risos) Sem trabalho é ruim né, porque a pessoa, dignifica a pessoa, né.

Luid: se a pessoa não trabalha ela fica em vão, fica vazia, né.

Sid: a pessoa se sente inferior, né. (...)

Luid: tem gente até que tem muito dinheiro e trabalha, assim, fica lá na mesinha só administrando, mas trabalha mesmo sem precisar de dinheiro por que dignifica. Igual, você falou, né Sid, cê colocou lá no começo, trabalho dignifica o homem. (...)

Sid: mas não é o caso só de distrair, é ganhar dinheiro também, né.

Flávia: o trabalho cumpre essas duas funções?

Sid: tem que ganhar dinheiro meu, porque só pra... pra...

Flávia: não dá pra dizer que também é só pra ter honra, né.

Sid: é o poema lá dele, a honra e tal, é a pessoa se sentir mais útil né...

Edite: é a necessidade também...

Sid: é a auto-estima, é auto-estima como é que fala, né. É a pessoa se sentir alguém, é ir no shopping, ver uma coisa e poder dividir, ter crédito né, no crediário (...)."

Trabalhar aparece como constituinte de uma boa imagem, tanto da pessoa consigo mesma, quanto da pessoa para com a sociedade, sendo ambas representadas na possibilidade de consumir: sentir-se alguém passa pela visão do outro, no caso do mundo capitalista, pelo outro reconhecer que eu mereço ter crédito financeiro. Algo que repercute as discussões psicologia social sobre o lugar do trabalho na vida humana: ao transformar a natureza pelo trabalhar, o homem transforma a si próprio, conferindo forma útil a sua existência e despertando o reconhecimento no mundo externo a si mesmo, assim, constrói sua história subjetiva e social pelas trocas e pelos laços que o trabalho possibilita (Ribeiro, 2007).

Nessa conversa que tivemos, surgem as questões de que o trabalho na Ala não tem carteira assinada e não gera renda durante o ano todo, o que, para Sid, o aproxima de um bico e por isso seria importante o movimento que o grupo vinha pensando na época para legalizá-lo. Nesse ponto de vista, o trabalho no carnaval e na Loucos pela X não corresponde aos requisitos para uma posição valorizada e reconhecida para os padrões do capital, e, possivelmente, não é recebido amplamente como um trabalho tão sério quanto um trabalho

formal num outro segmento de negócios. Uma observação notável feita por Sid e Edite nesse dia e compartilhada pelo grupo, retoma que essas são questões compartilhadas com os trabalhos nas artes em geral.

No caso da Ala, o trabalho remunerado ainda é majoritariamente sazonal, inserido no mercado do carnaval e informal, do ponto de vista da legalização dos vínculos dos trabalhadores com o negócio, o que coloca o grupo numa condição de minoridade na hierarquia de valorização capitalista. A experiência da Loucos pela X acaba tendo grande reconhecimento num círculo de pessoas que de alguma maneira se envolvem com o carnaval, com a economia solidária ou a saúde mental – ou seja, gente que de alguma maneira se insere em contextos que problematizam as exigências do mundo do capital – porém, como apareceu na nossa conversa, essa valorização não se dá do mesmo modo no contexto ampliado de vida do grupo de trabalhadores.

Conjuntamente, os trabalhadores foram trazendo nessa conversa que, apesar de não ser um trabalho formal, pessoalmente o trabalho na Ala é gratificante como os outros trabalhos são. Clarice destacou seu caráter de constante crescimento, dizendo de como o trabalho todo ano se transforma e exige que todo mundo faça coisas diferentes, aprenda coisas novas. Paulo coloca outra dimensão do reconhecimento, expondo sua alegria com o destaque que o trabalho ali feito tem, sendo recebido como obra de arte. Nesse sentido, eles dizem, o reconhecimento vem da satisfação que eles mesmos sentem com o trabalho que fazem e com a valorização das pessoas que desfilam na Ala.

Os temas levantados pelos trabalhadores da Loucos pela X retomam a relação entre identidade e trabalho que a psicologia social, a sociologia e muitas outras áreas do conhecimento estudam há muito, a partir da compreensão de que o trabalho é categoria fundante do ser humano e suas formas de sociabilidade.

Com a transformação histórica do trabalho de algo que serve para suprir necessidades básicas para ser um criador de riquezas, também o homem se viu transformado de indivíduo em trabalhador, assim, o trabalho passou a significar um instrumento do valor e da dignidade humana (Coutinho, Krawulski e Soares, 2007; Wautier, 2012), princípios que claramente se apresentam na conversa com a Ala. Levando em conta tais considerações, podemos apreender como fazer fantasias produz efeitos na vida dos integrantes do grupo ao criar uma identidade profissional, que constitui a identidade em geral⁸.

⁸ Podemos pensar identidade aqui como Ciampa (1987) a desenvolve, como um conceito dinâmico, algo que está em um processo contínuo e que é o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata, o que o diferencia e o iguala, sempre em consequência das relações em que o sujeito se insere. É relevante destacar ainda sua

É notável que nas apresentações coletivas e pessoais com frequência os trabalhadores se anunciam como aderecistas. Dentre todas as atividades que realizam enquanto parte da Ala Loucos pela X e em meio às diversas funções que cumprem no empreendimento, parece ser com essa que eles mais claramente se identificam e estão apropriados.

E no mundo de trabalho em que a Ala se insere é possível entender que ser aderecista é trabalhar num segmento pequeno de mercado, em que muitas pessoas atuam de passagem e não se estabelecem, por isso não se especializam. Ser aderecista demanda um saber específico, artesanal, que leva tempo de aprendizado e treinamento, um saber-fazer que é pouco difundido e um tanto incomum.

Perceber-se portador de um conhecimento pode mudar a concepção da pessoa sobre si mesma, diante de um mundo em que saber é um dos maiores valores, e ser aderecista proporciona essa experiência para os integrantes da Loucos pela X. O curso de formação de aderecistas que a Ala promoveu em 2015 aparece como um marco para alguns trabalhadores, pois, nesse contexto, eles ocuparam o lugar de ensinar a outras pessoas o conhecimento que adquiriram ao longo dos anos, um processo que tende a despertar a própria consciência para o que se sabe e para o valor disso.

Na concepção hegemônica de trabalho em que estamos mergulhados, ser um trabalhador especializado num segmento de produção qualifica alguém diante do funcionamento de mercado que enaltece uma divisão técnica pormenorizada do trabalho (Aranha, 2012), valores que repercutem na auto-estima – como colocou Sid – de todos, e de maneira significativa na de alguém que não teve sua mão-de-obra valorizada historicamente e ou não tinha nichos de inserção profissional.

Nesse tópico é relevante dizer da grande consideração que a Ala Loucos pela X tem construído no meio do carnaval de escolas de samba paulistano, contando com o reconhecimento e a confiança de diversas figuras das escolas de samba e dos trabalhadores do carnaval. O que, junto às demais questões levantadas, contribui para criar um lugar social outro para as pessoas que trabalham na Ala, em que se experimenta um prestígio próprio e de uma parte da sociedade em que se estabelecem.

Assim, vamos percebendo que a partir das produções materiais – das fantasias, dos desfiles, dos artesanatos – a Ala vai produzindo muitos efeitos imateriais nas vidas das pessoas que a constroem, principalmente dos que compõem seu grupo de trabalhadores. São efeitos que se desdobram da produção de trabalho e renda, que ora se relacionam com as

demandas do capitalismo de modo a criar condições para que os trabalhadores da Loucos pela X vivam uma pertença social maior dentro do sistema em que nos inserimos, e ora produzem condições de enfrentamento desse mesmo sistema, refutando-o em suas incongruências e violências.

Como coloca Ana Aranha (2012):

(...) no processo de produção capitalista, o comando está nas mãos dos proprietários dos meios de produção e esse comando se reflete na superestrutura política, jurídica e ideológica que vai determinar a forma de convivência entre os homens, determinar valores e modelos de comportamentos, estabelecer o padrão estético e ético das relações humanas, mediados pela ideologia do bloco dominante. (p. 85)

Dessa forma, viver completamente deslocado desse modo de vida é, senão utópico, produtor de intenso sofrimento. O que a Ala desenvolve é um movimento de inserção social crítica, porque busca permitir que as pessoas acessem o trabalho enquanto um direito e um promotor de cidadania, circulem pelo meio social em que vivem a partir de um lugar social digno e ampliem suas possibilidades de vida. Porém, não sem organizar resistência aos mecanismos de exclusão que a própria sociedade capitalista produz, recusando-se a integrar a mesma lógica de trabalho. Ser aderecista na experiência da Ala comporta essa complexidade.

É certo que ser trabalhador da Ala Loucos pela X é mais do que ser aderecista, abarca atividades como ser associado ao grupo, ser gestor, ser militante, ser promotor de cultura, ser artesão, ser folião, dentre outras tantas identidades que cada um ali prioriza e desenvolve de acordo com os sentidos que estar naquele grupo de trabalho desperta. De qualquer maneira, trabalhar com os adereços deu origem a todas essas dimensões e as permeia até hoje. É meio e objetivo das produções materiais e imateriais da Loucos pela X.

Verbetes relacionados: Prestígio; Vida.

Carnaval: uma bagunça organizada. É uma festa popular, que representa a alegria do povo em suas cores, fantasia e música. É um caldeirão que mistura pobres, ricos, jovens, idosos, loucos, menos loucos, sem sabermos ao certo quem é o que. Dentro de uma escola de samba existem posições de mais ou menos exposição, honra e poder, mas que são ocupadas de uma forma que desconfigura a lógica das relações cotidianas: pessoas de extratos sociais poderosos podem comprar uma fantasia e festejar anonimamente dentro de uma ala, junto a mais cem foliões, ao passo que uma menina da comunidade pode ser destaque à frente da bateria, com

muita pompa e luxo. O carnaval humaniza, na medida em que aproxima pessoas que nos dias comuns enxergariam diferenças entre si à primeira vista.

O primeiro carnaval de que a Loucos Pela X participou foi em 2002, momento em que o carnavalesco da escola de samba X9 Paulistana convidou as pessoas que participavam da oficina de reciclagem de papel do Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã para fabricar e desfilar uma fantasia inspirada no artista plástico Arthur Bispo do Rosário. Numa estreia avaliada em todos os seus detalhes, em termos de riscos e possibilidades que se abriam, usuários do serviço contavam com ajuda próxima para tudo, desde o custeio de materiais pela família para produzir fantasias, até as mãos e olhares atentos dos profissionais de saúde ao seu lado na hora de passar pelo Anhembi. Naquele momento, carnaval era a novidade de estar sob os holofotes, o medo do barulho, das luzes, da exposição, das reações; também era assumir os loucos na avenida com radicalidade, a chance de falar sobre quem muitas vezes vive em casa e nos serviços de saúde, a chance de viver uma experiência que exercitava os limites dos usuários, dos trabalhadores, dos envolvidos com o carnaval.

Depois de quinze anos fazendo fantasias e desfilando, carnaval é responsabilidade, é trabalho. O carnaval não é só quatro dias de um feriado nos primeiros meses do ano, é o processo que se inicia muito antes do ano anterior acabar, quando se atribuem as fantasias aos ateliês que as fabricarão e a primeira ferragem chega ao barracão, se planeja e se prepara o trabalho do ateliê e da ala que desfilará. E com isso, carnaval é acordar cedo, é passar calor no barracão, é trabalhar cada peça que passa pela sua mão, colo, cabeça, olhos, é decorar samba, é queimar os dedos com cola quente, é varrer pena e tecido do chão, é preocupação com prazos. Carnaval é meio de vida.

Para a Loucos pela X carnaval é como contar uma historinha: a fantasia é um elemento para contar a história, fazer a fantasia é como trabalhar nos bastidores do teatro, a roupa que se faz para compor o personagem que ganha vida no espetáculo que é o desfile. Na avenida os chefes de ala, diretores dessa peça, mostram o lugar onde fica cada ator, mais para o canto, mais para a frente, e dos bastidores os trabalhadores passam a encenar a história, viram os personagens vestidos nos figurinos que fabricaram. Enquanto personagens na avenida, esquece-se um pouco a vida comum, vive-se a emoção daquele espetáculo, faz-se o que é preciso para que ele saia bem para o público. Antes o frio da barriga na avenida era medo do desconhecido, hoje o frio na barriga é a expectativa da realização de trabalho.

Verbetes relacionados: Adrecista; Desfile.

Choro da pena: as penas de pato e plumas de avestruz choram. O choro da pena é o lado para o qual ela se curva mais, podendo chorar mais para a direita ou mais para a esquerda, pois dependendo de qual asa do pato ela veio, a pena tem uma curvatura. Isso pode ser levado em conta na hora de usar a pena no adereço: em alguns é importante que as penas chorem todas para um lado só, em outros não faz diferença, ou pode ainda ser bom que os choros sejam todos misturados. Muito usadas nas fantasias de carnaval, em 2016 estiveram especialmente presentes em uma das fantasias confeccionadas pela Loucos pela X, a do índio, a primeira ala da escola de samba a entrar na avenida, o que confere toda uma importância à fantasia, muito elaborada, cheia de detalhes e dificuldades para sua confecção. A presença de tantas penas marcou a elaboração do carnaval desse ano na Ala, por isso logo nos primeiros dias me deparei com o choro da pena; Dona Ione, Clarice e Neide conversando se a pena chorava para um lado ou para o outro, se elas deveriam separar em pilhas que choravam diferente.

Verbetes relacionados: Açaí; Cola.

Cola: uma das ferramentas de trabalho mais presentes no trabalho da Ala Loucos pela X e parte essencial do saber do aderecista é o uso das colas chamadas comumente de cola quente e cola fria.

A cola fria, ou cola de contato, em geral é passada nas duas superfícies que se pretende colar, o aderecista deixa secar um pouco e então junta, grudando cola com cola – por isso o nome cola de contato, conta o Pedro. É uma cola que torna o trabalho mais rápido, porém é usada mais nas forrações dos costeiros, pois ela é amarela e pode sujar tecidos e acabamentos que ficam à mostra. Tem um cheiro bastante forte e é usada onde tem mais ventilação, inclusive não é utilizada por alguns trabalhadores que não se sentem bem por causa disso.

Esse tipo de cola costuma ir se acumulando na ponta dos dedos, formando crostinhas de cola grudenta que às vezes se mistura com o material que está sendo colado formando uma sujeirinha difícil de sair; o truque ensinado pelos trabalhadores é passar as mãos na água para que a cola saia com mais facilidade. Ver as pessoas tirando essas colinhas dos dedos é uma cena constante na Ala, enquanto alguns se irritam com a dificuldade de desgrudar, outros gostam dessa tarefinha, dedicam alguns minutos e no fim do trabalho que usa a cola fria sentem falta do que praticamente vira um tique.

Já a cola quente vem em bastõezinhos usados em pistolas elétricas, que derretem a cola e a liberam através do uso do gatilho. A cola sai muito quente da pistola, é passada em uma superfície e o aderecista logo precisa colocar a outra superfície a ser colada, segurando-as juntas até que a cola esfrie um pouco, só então é que a colagem fica firme. É uma cola

transparente e faz colagens resistentes, bastante usada nos acabamentos, sendo imprópria apenas para os materiais que não resistem ao seu calor.

Usar a cola quente pela primeira vez é um momento que gera expectativa, pois o manejo da pistolinha e da cola frequentemente gera queimaduras, principalmente quando não se tem prática. É como uma iniciação ao trabalho de adrecista, que se completa no momento da primeira queimadura.

Repor cola é um ponto importante do cotidiano da Ala, pois como são muito usadas, um esquema que facilite seu uso impacta no trabalho. As colas frias chegam no barracão em galões grandes, de 18 litros, então para o uso na montagem das fantasias na maior parte das vezes os trabalhadores coletam a cola no galão e abastecem pequenos tubos fechados com bicos, o que permite aplicar a cola com mais precisão. As colas quentes vêm em pacotes com quilos de bastõezinhos, que são consumidos rapidamente pelas pistolas e são repostos a todo momento, por isso costumam ficar montinhos de cola quente entre as pessoas que estão usando.

Abastecer de cola é uma tarefa organizativa e colaborativa do ateliê, é comum ver um grupo que trabalha numa mesma atividade arranjar um revezamento para buscar as colas quentes nos pacotes ou abastecer os tubinhos que estão sendo usados para a cola fria. Em geral não é um combinado feito verbalmente, as pessoas vão se disponibilizando a ir buscar a cola, depois vai alguém que ainda não foi, e assim vai, numa iniciativa de não concentrar numa pessoa só a tarefa.

Não é lá uma regra rigorosa, se alguém está trabalhando num cantinho sem muito espaço para sair não vai ser cobrado para buscar a cola, ou quando alguém visita o ateliê, está ajudando pontualmente no trabalho, os trabalhadores da casa organizam o material a ser usado, mas se alguém trabalha lá e passa um tempo sem se candidatar a buscar, seja as colas ou outro material que acaba sendo consumido de tempos em tempos, uma hora alguém vai pedir que vá – a delicadeza desse pedido varia não só em relação a quem o formula, é influenciada também pela quantidade de trabalho acumulado e pela proximidade com o carnaval.

É como um pacto silencioso em que as pessoas vão se inserindo ou sendo inseridas. Um modo de organizar o trabalho que transita entre a austeridade de uma escala e o descompromisso de uma gentileza, depositando certa confiança no desejo de cada trabalhador de compor um ambiente de trabalho agradável.

Verbetes relacionados: Costeiro; Queimadura.

Costeiro: estrutura que é adereçada para compor algumas fantasias de carnaval e é usada pelo folião como uma gola que envolve as costas e o peito. O costeiro chega no ateliê como uma ferragem sem vida, que em quase nada dá pistas sobre como será a fantasia, precisa ser encapado com tecido, colado com cola fria, depois vai sendo adereçado com detalhes que finalizam a fantasia, como peças de espuma, penas, rolotês, galões, entre tantos outros acabamentos. Forrar costeiros é uma atividade demorada e cheia de etapas, que exige concentração e prática. Em boa parte das fantasias os homens trabalhadores da Ala é que ficam responsáveis pela forração, João, Sid e Enivaldo são pessoas que costumam falar bastante em outros momentos, mas acabam ficando quietinhos quando estão fazendo esse trabalho.

Verbetes relacionados: Choro da pena; Cola.

Desfile: é o momento de ápice do carnaval, após fabricar personagens, construindo-os através de sua roupa, conhecendo-os através de seu enredo, é hora de contar suas histórias com a escola de samba para o público, e nesse decurso por a prova o trabalho feito no processo de preparação do carnaval. Durante este processo a expectativa do desfile gira em torno de saber quem vai desfilar, partilhar a experiência com as pessoas que irão desfilar pela primeira vez, de soltar o desafio: “quem já decorou o samba da escola?”. Imagina-se como vão ficar as fantasias todas juntas na avenida, que movimento vão fazer, se serão pesadas, se alguma parte apertada, que tipo de dança favorecem, alguém formula o desejo em forma de expectativa: “será que a X9 vai ganhar?”. Ao mesmo tempo vão surgindo preocupações com que adereços têm mais perigo de danificar, que partes precisam de mais cuidado dos foliões, preparações para colocar a ala dos componentes da Loucos pela X na avenida.

Mesmo os trabalhadores que não desfilam ou naquele ano não desfilarão se envolvem com esse momento, afinal ele é ao mesmo tempo um dos objetivos do trabalho de meses e o início do desfecho desse trabalho. Algumas pessoas não se sentem bem no desfile, passam mal, outros não se sentem atraídos por esse aspecto do carnaval, ou vivem momentos em que as condições da vida pedem moderação, não se beneficiariam de desfilar aquele ano. Ainda que não estejam lá de corpo inteiro, quem não vai se prepara para o desfile, seja para acordar na madrugada, para gravar e ver no dia seguinte, para estar com quem também torce e quer acompanhar.

É um dia de receber as pessoas que vêm compor a Ala Loucos pela X na Avenida, de desenvolver um outro papel no trabalho, ser anfitrião, organizar os comes e bebes, encontrar

os parceiros que vêm sempre nessa época, tirar as dúvidas e matar as curiosidades de quem irá desfilar pela primeira vez. Um misto de responsabilidade e diversão.

No dia do desfile alegria e tensão se misturam, a ansiedade vai crescendo à medida que a linha amarela do “valendo” se aproxima, as vozes se sobrepõem, dizendo: “Todo mundo sabe o samba? E a coreografia? Todos em seus lugares? Fantasia toda no lugar? Será que podemos tirar foto com aquele componente ali, daquela ala que a gente fez a fantasia? Como esse carro alegórico é grande! Cuidado para não formar buraco na evolução! Quando chegar perto dos jurados capricha mesmo. Seu chapéu está bem preso? O samba desse ano é muito bom.”.

No fim do desfile cansaço, realização, em 2016, preocupação, a X9 teve vários problemas em sua passagem pela avenida, em 2017 a sensação de honrar Dona Ione com a persistência em desfilar mesmo em meio à saudade e ao cansaço. Ainda assim, alívio e orgulho, o trabalho de um ano vai-se concluindo, as pessoas pularam e se divertiram a bordo de fantasias feitas pela Ala.

No encontro seguinte ao desfile todos trazem suas impressões, vivências, opiniões, informações dos pontos de vista em que puderam estar para acompanhar o espetáculo, no canto de cá, do lado da bateria, na arquibancada, no sofá de casa – o desfile é uma vivência do grupo todo.

Verbetes relacionados: Carnaval; Quarta-feira de Cinzas.

Empreendimento social: Quando estudantes, usuários e trabalhadores da rede de saúde mental vão conhecer o trabalho da Ala Loucos pela X no ateliê ou em eventos em que a Ala é convidada a contar de sua experiência, é frequente o uso do termo empreendimento social na sua apresentação.

É uma designação que tem sido escolhida para localizar o trabalho da Ala diante do mercado em que ela se insere e de um campo conceitual vasto, que discute iniciativas econômicas em que o trabalho é reconhecido como meio privilegiado de intervenção na sociabilidade de seus trabalhadores e ou no contexto social ampliado em que se insere.

Enquanto parte do Ambulatório de Saúde Mental J/T e do CECCO J/T, a Loucos pela X era identificada como uma oficina de geração de renda de um serviço de saúde mental, bem como aparece nos escritos de Garcia (2004) e Gava (2006) sobre a Ala. Desde seus primórdios, já lá na época da oficina de reciclagem de papel no Ambulatório, o grupo era um dos que surgiam no âmbito da Reforma Psiquiátrica brasileira experimentando o trabalho

como parte fundamental de um projeto de reabilitação psicossocial das pessoas que vivem a experiência da loucura ou outro tipo de sofrimento mental.

As intensas e constantes trocas do Movimento da Luta Antimanicomial brasileira com a desinstitucionalização proposta pelo movimento da Psiquiatria Democrática Italiana incluíram discussões do trabalho enquanto recurso essencial da reabilitação psicossocial (Lussi, 2009). Enquanto direito, promotor de redes e de emancipação, o trabalho tornou-se parte central da concepção de uma atenção à saúde mental fora dos manicômios, habitante do território, por isso iniciativas de trabalho cooperativo permearam a Reforma Psiquiátrica Italiana e foram forte inspiração para o processo no nosso país.

Com esses referenciais, a oficina de reciclagem de papel constituía parte das iniciativas dos serviços de saúde mental brasileiros que mesmo antes da formalização da política pública baseada na reabilitação psicossocial já pensavam em como o estigma da loucura se relacionava com a exclusão do mercado de trabalho e com a desvantagem social, ampliando suas ações da assistência tradicional de saúde com a iniciativa de uma oficina que propunha intervir nas potências de produção e criação dos usuários.

No inusitado do convite do carnavalesco Lucas Pinto uma importante ampliação se dá na produção do grupo de usuários que trabalham na oficina de geração de renda: fazer e desfilar as fantasias para a X9 Paulistana pede uma maior profissionalização da oficina, mas, além disso, coloca essas pessoas dentro da comunidade do samba, dá o passe de entrada para a quadra da escola, os insere num movimento e num evento cultural de grande reconhecimento social na região em que esses usuários-trabalhadores-agora-componentes habitam.

Ao se estabelecer como ateliê de adereços de carnaval e ala componente da escola de samba, a Loucos pela X torna complexas suas ações de produção de vida para além da geração de renda e de outros efeitos imateriais do trabalho, estabelecendo como seu outro eixo estruturante a cidadania que se dá na circulação pelo mundo do carnaval. Isso se mostra, por exemplo, num momento como o da preparação do carnaval de 2017, em que mesmo com o trabalho se avolumando e o fundo de caixa do negócio já raspando mesmo o fundo da caixinha, o coletivo se organiza e prioriza a ida ao ensaio técnico. A ida ao ensaio técnico anterior renovou um saber que há tempos esse grupo tem: trocar ideia com os passistas, ver as luzes do Anhembi, deixar-se contagiar pela bateria, rir das trocas de palavras ao tentar decorar o samba novo, tudo isso é riqueza desse trabalho e produz mais riqueza, da financeira mesmo, ao possibilitar um outro estado de espírito na volta ao trabalho do dia seguinte.

Assim, o carnaval desloca a Ala do lugar estrito de oficina de geração de renda, a coloca em comunicação com outras dimensões da sociabilidade e até mesmo abre possibilidades de contato com outras vertentes que tocam o trabalho com as fantasias, a economia criativa. A Ala tem se inserido nesse campo que, segundo De Marchi (2014):

Partindo do princípio de que a criatividade tornou-se a chave para a promoção de um novo desenvolvimento, socialmente inclusivo, ecologicamente sustentável e economicamente sustentado, propõe-se fomentar diferentes setores produtivos que possuem como denominador comum a capacidade de gerar inovação a partir de um saber local, agregar valor simbólico a bens e serviços, além de gerar e explorar direitos de propriedade intelectual. (p. 195)

Esta é uma ideia que tem sido adotada por diversos governos e organizações internacionais como diretriz de políticas públicas para os setores de comunicação e cultura, traz uma perspectiva que rearticula a relação entre cultura, economia e sociedade (De Marchi, 2014). A partir dessas concepções programas como o ProAC⁹ criam oportunidades para que ideias relacionadas às culturas locais que teriam pouca condição de se levarem adiante custando-se autonomamente, sejam produzidas e divulgadas. Uma seara que a Loucos pela X têm explorado nos últimos anos ao formular projetos para participar do ProAC, o que frutificou no curso de formação de adrecistas realizado em 2015.

São desdobramentos mais recentes, vindos da busca de profissionalização e expansão do empreendimento, cujas raízes na saúde mental nos levam a outras influências. As iniciativas de geração de renda do campo da Reforma Psiquiátrica tiveram uma parceria profícua para discutir o trabalho enquanto direito e promotor de cidadania no movimento da Economia Solidária (Ecosol). Os princípios cooperativistas presentes nas experiências italianas já se apresentavam nos modos como os grupos de geração de renda se organizavam por aqui e encontraram ressonância nos debates que as cooperativas e os empreendimentos economicamente solidários promoviam em seu campo.

A Economia Solidária tem sua origem remetida às cooperativas montadas por trabalhadores ingleses após o grande desemprego ocasionado pela Revolução Industrial do século XIX e às propostas do Socialismo Utópico (Dourado, 2016), compartilhando com as iniciativas de trabalho dos serviços de reabilitação psicossocial o propósito de criar oportunidades que abrangessem as diferentes possibilidades de trabalho, em oposição à

⁹ Criado em 2006, o Programa de Ação Cultural, o ProAC, é um mecanismo público de financiamento direto para a produção artística no Estado de São Paulo. Fomenta e difunde a produção artística em todas as regiões do Estado, em diversas expressões culturais contempladas pelo programa em editais, como teatro, dança, música, literatura, circo, festivais de arte, audiovisual, museus, diversidade e artes visuais (<http://www.cultura.sp.gov.br>).

desigualdade que o modo de produção capitalista gera ao excluir quem não se insere nos critérios de competitividade (Singer, 2002).

Desse modo, os princípios que caracterizam um modo de produção economicamente solidário foram sendo trazidos para a construção das oficinas de geração de renda, como a autogestão democrática, livre e igualitária a ser realizada por todos os trabalhadores envolvidos, a eficiência financeira estabelecida como prioridade lado a lado com o desenvolvimento humano, este considerado produção imaterial do negócio (Singer, 2002).

Este encontro dos horizontes éticos e políticos da Economia Solidária e da Reforma Psiquiátrica brasileira se consolidou em iniciativas locais de discussão, como a criação da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo, e no âmbito da gestão federal, quando em 2004 a Coordenação Nacional de Saúde Mental (CNSM) e a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) se articularam na criação da Política Nacional de Saúde Mental e Economia Solidária durante o I Encontro Nacional de Experiências de Iniciativas de Geração de Trabalho e Renda (Aranha e Silva & Fonseca, 2002). Desdobrou-se também no Programa de Inclusão Social pelo Trabalho, incluído nas ações de reabilitação psicossocial da Rede de Atenção Psicossocial, como medida de incentivo técnico e financeiro para as chamadas iniciativas de inclusão social pelo trabalho (Brasil, 2012).

Enquanto parte do Ambulatório e, posteriormente, do CECCO, a Ala se inseriu na interface com a Ecosol, aderindo a suas propostas, sobre as quais são baseados vários dos combinados organizativos do seu processo de trabalho até hoje. A compreensão do grupo como um coletivo de donos do negócio, a gestão democrática, a valorização da sustentabilidade ambiental, a centralidade do trabalho como possibilidade de criação de um lugar social para trabalhadores são noções cultivadas no dia-a-dia da Loucos pela X vindas de suas origens na Economia Solidária e ainda hoje compartilhadas nesse campo, através da participação da Ala na Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo, por exemplo.

Hoje uma diferenciação entre os empreendimentos solidários compostos por usuários da Saúde Mental e a Ala se desdobra em desafios cotidianos um pouco diferentes para cada qual, principalmente após a saída da Loucos pela X da RAPS, com a expulsão do grupo do CECCO J/T. Nesse momento a Ala é o único empreendimento da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo composto por pessoas em desvantagem social (de várias ordens, mas distintivamente) pela experiência da loucura e outros tipos de sofrimento mental

que não está vinculado a um serviço público de saúde mental (Aranha e Silva, comunicado em seminário, 25 de maio, 2016)¹⁰.

Podemos começar a discutir os efeitos de se estar ou não dentro de um equipamento da RAPS através da estrutura material que o serviço público cede aos empreendimentos solidários vinculados, como o espaço de desenvolvimento das atividades, o fornecimento de energia elétrica, água, gás, telefone, ainda o horário de trabalho de profissionais do equipamento que compõem a equipe da oficina e, em geral, colaboram com os conhecimentos iniciais de gestão do empreendimento e da economia solidária; pode haver também incentivo federal através do Programa de Inclusão Social pelo Trabalho. Exceto este último, são recursos que a Ala teve nos anos em que era parte da atuação do Ambulatório e do Centro de Convivência e foram os desafios iniciais da continuação do empreendimento quando este se tornou autônomo.

Ter que pagar aluguel e as outras contas mensais para que o grupo pudesse continuar trabalhando torna a necessidade de o empreendimento ser sustentável financeiramente mais radical, portanto pede um comprometimento com a produtividade do trabalho e com a gestão do negócio que garanta sua sobrevivência – e que pode não ser tão exigida quando os recursos de continuidade não dependessem diretamente da produção e comercialização da oficina de geração de renda. Aqui é pertinente fazer uma pequena observação sobre uma semelhança entre a sustentabilidade financeira da Ala e de empreendimentos solidários que compõem a Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo: de acordo com um censo realizado por um grupo de pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) (Aranha e Silva, comunicado em seminário, 25 de maio, 2016), a grande maioria dos empreendimentos que participam da Rede relatam a produção de diversos efeitos de inserção social, aprendizagem, até mesmo terapêuticos, na vida integrantes dos grupos, porém não têm ainda conseguindo ter resultados financeiros de modo a ser a fonte majoritária ou exclusiva de renda destes – situação que é inclusive a da Loucos pela X neste momento.

Ainda assim a Ala tem conseguido gerar a receita necessária para a sobrevivência do negócio, e a experiência de depender fundamentalmente do sucesso financeiro do negócio aproximou as problemáticas do cotidiano das questões que habitam os empreendimentos em

¹⁰ Em 25 de maio de 2016 aconteceu em São Paulo o II Seminário Internacional de Cooperativismo Social, promovido pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos de Saúde Mental e Economia Solidária da Universidade de São Paulo (USP) e Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME). Nele, Ana Luisa Aranha e Silva apresentou os dados preliminares da pesquisa coordenada por ela: Diagnóstico participativo da situação sócio-econômica dos grupos e/ou empreendimentos econômicos solidários da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo. Alguns dados expostos neste trabalho foram obtidos através dessa comunicação.

geral, promovendo certa profissionalização e algum distanciamento dos temas mais afins da saúde.

Um tema que pode esclarecer uma mudança profissionalizante que se produziu com a saída da Ala da rede de saúde são as alterações nas relações entre os trabalhadores que eram usuários do CECCO e os trabalhadores que eram profissionais do CECCO. Singer (2002) destaca a necessidade da constante construção da gestão democrática em cooperativas e outras modalidades associativas atuantes segundo os princípios da Economia Solidária. Ele demarca como um desafio da autogestão coletiva a tendência dos cooperados de reproduzirem as práticas capitalistas no processo de trabalho, levando em consideração sua inserção e aprendizagem do mundo do trabalho dentro de uma sociedade em que a lógica capitalista é hegemônica; junte-se a isso que boa parte dos cooperados nos empreendimentos tiveram em sua formação pouco ou nenhum acesso a conteúdos de gestão de negócios ou empreendedorismo. Esses fatores favorecem a maior apropriação dos trabalhadores dos processos de produção, em detrimento dos processos de gestão, que tendem a ser concentrados nas pessoas que têm maior conhecimento destes.

No caso dos empreendimentos solidários vinculados aos serviços de saúde mental mais um elemento se coloca como propiciador da concentração das ações decisórias, portanto de maior poder, em alguns poucos integrantes dos grupos de geração de renda, o fato de a grande maioria dos que têm maior grau de instrução e ocupam postos de coordenação são também profissionais de saúde que trabalham no serviço. Não só os profissionais ocupam papéis de cuidado para com os usuários em outros espaços do serviço de saúde, como também na maioria das vezes são os únicos do grupo de geração de renda que recebem uma remuneração contratada e fixa para atuar ali.

Ao deixar o Centro de Convivência e Cooperativa, as relações entre os trabalhadores da Ala que eram profissionais e os que eram usuários do serviço precisaram ser ressignificadas; no que se refere à Ala, eles passam a ser colegas de trabalho, donos sem distinção de remuneração do seu trabalho ali. Mesmo que o coletivo estabeleça funções diferentes para alguns trabalhadores e que cada um venha de uma condição de vida diferente que sustenta sua permanência no empreendimento, estabelece-se uma ruptura no desequilíbrio de forças que concentrava poder nos profissionais do CECCO, havendo uma redistribuição de direitos e compromissos entre os integrantes da Ala.

Dessa forma, a Economia Solidária e sua interface com a saúde mental aparecem como referência fundamental da Ala Loucos pela X, bem como os atores e autores desse

campo são interlocutores históricos e efetivos do seu trabalho, ainda que hoje as experiências dessa área não se apresentem como situações de identificação integral com a da Ala.

Outro campo conceitual com o qual o percurso da Loucos pela X pode estabelecer diálogos se relaciona menos com o universo da saúde e mais com as discussões da economia social. O termo “empreendimento social” tem sido empregado nesse contexto econômico como uma nova abordagem para propostas de transformação social, alternativa às ações de responsabilidade social das empresas regulares (sem relação com sua atividade central) e à atuação das organizações sem fins lucrativos. Um empreendimento social caracterizaria a organização que trabalha com problemas sociais através de um negócio com sustentabilidade financeira e que se relaciona com os mecanismos de mercado. (Limeira, 2015; Oliveira 2004).

Algumas variações no emprego do conceito aparecem em diferentes autores, que por vezes enfatizam mais sua característica de busca por impacto social e afirmam o desinteresse pela distribuição de lucros – aproximando os empreendimentos sociais com o terceiro setor – enquanto outros autores descrevem empreendimentos que buscam seu desenvolvimento financeiro, cujo serviço prestado ou produto tenham impacto social, portanto aproximando-se mais do segundo setor. Nesse espectro de atuação, empreendimentos sociais podem atuar visando o impacto social tanto por ter associados que integrem segmentos de vulnerabilidade social, quanto por prestar serviços a esses segmentos, ou ainda por oferecer apoio técnico e financeiro a outras empresas sociais (Limeira, 2015).

O funcionamento da Ala em muito se relaciona com a descrição que Naigeborim (2010) propõe para este tipo de negócio: são empreendimentos que pretendem gerar recursos suficientes para cobrir suas operações e sustentar seu crescimento, em que, porém, o lucro não é o fim em si mesmo, é um meio de promover ações sobre os problemas sociais e ou ambientais com os quais se trabalha, portanto, a medida do sucesso deixa de ser a produção de capital e privilegia a efetividade das ações de impacto social.

A discussão conceitual dos empreendimentos sociais se afasta das propostas da Economia Solidária elaboradas por Paul Singer, teórico que tem sido referência na interface com as políticas públicas de saúde mental, na medida em que este defende o trabalho cooperativo ou associativo autogestionário como meio de superação do modo de produção vigente, inserida na crítica e no combate socialistas ao capitalismo (Singer, 2002). Porém as diferenças entre o empreendedorismo social e a Economia Solidária se turvam um pouco quando trazidas as conceituações de outros autores sobre este campo; Gaiger e Laville (*apud* Dourado, 2016), atribuem a característica solidária principalmente à livre associação, autogestão e à possibilidade de reproduzir vida ampliada em sociedade.

Um fator muito relevante, porém, distancia a Loucos pela X da possibilidade de se regularizar como uma empresa social ou como uma cooperativa social: a impossibilidade legal de pessoas que recebem aposentadoria por invalidez ou Benefícios de Prestação Continuada trabalharem. Problema compartilhado com usuários trabalhadores de oficinas de geração de renda da RAPS, este tem sido um dos dilemas principais da Ala na busca por um caminho de legalização do empreendimento.

Circulando por esses diversos campos conceituais, compartilhando elementos com cada um deles, porém não conseguindo estabelecer uma identificação global com nenhum, é necessário destacar que a dificuldade de precisar um lugar jurídico para a Ala, que designe uma nomeação para sua condição legal e que indique as referências de seu processo de trabalho se relaciona também com a situação teórica e política das iniciativas de trabalho voltadas a ações com e para pessoas em situação de desvantagem.

As políticas públicas e a legislação voltadas para o amparo a estas ainda não estabelecem diretrizes claras sobre as condições de desenvolvimento deste tipo de trabalho, deixando muitas brechas, como a inexistência de uma portaria de financiamento para os Centros de Convivência e Cooperativa da RAPS, e como a proposta de lei de regularização dos empreendimentos solidários que espera há anos para tramitar nas casas do Legislativo; e mais, algumas vezes estabelecendo diretrizes contraditórias, como a ilegalidade de atividades comerciais dentro de serviços públicos (Brasil, 1999). No campo teórico, Economia solidária é considerada uma expressão conceitual em disputa (Dourado, 2016), bem como a conceituação de empreendimento social e empresa social ainda carece de discussões acadêmicas da sua aplicação no cenário brasileiro (Lussi & Pereira, 2011).

É interessante perceber que “empreendimento social” é uma expressão usada principalmente por Pedro quando a Ala está se apresentando a visitantes ou em eventos, por isso foi trazida como verbete neste trabalho, porém não é usada quando nas conversas entre os trabalhadores. Para quem trabalha no cotidiano da Ala, vive e cria os combinados de trabalho que a compõem, o nome “oficial” que esse conjunto organizativo teria parece não fazer tanta diferença, uma vez que as problemáticas do dia-a-dia parecem girar mais em torno da vivência desses combinados.

Retomo aqui o dia em que houve a tradicional reunião anual com as pessoas interessadas em trabalhar no carnaval, neste caso o de 2017, para fazer o contrato verbal sobre como o grupo organizaria seu processo de trabalho. Nesse dia participava pela primeira vez um rapaz, Márcio, que frequenta o CECCO J/T e se interessou pelo trabalho pelos relatos do pessoal da Ala com quem ele convive lá, por isso o grupo começou a explicar como

funcionam os horários, outra pessoa lembrava de falar sobre o registro dos períodos de trabalho, alguém explicou sobre organização dos pagamentos... Notável que durante mais de uma hora nenhum nome foi dado para o conjunto de pontos que estavam sendo explicados ali; “empreendimento social” só surgiu quando Márcio perguntou se eles recebiam cesta de natal no fim do ano, todos riram e Pedro começou então uma explicação um pouco mais teórica, reforçando o caráter cooperativo da Ala e o que os diferenciava do se empregar numa empresa comum.

Verbetes relacionados: Adrecista; Gestão.

Etnografia: “As ciências não falam do mundo, mas constroem representações que ora parecem empurrá-lo para longe, ora trazê-lo para perto” (Latour, 2002).

Produção de conhecimento não é um conceito novo na Ala Loucos pela X, desde seus primeiros anos várias pessoas que fizeram parte de sua trajetória reconheceram a relevância de registrar e refletir sobre os caminhos que ela empreende – tal percepção é compartilhada pelos trabalhadores que a compõem. Algumas pesquisas e monografias já foram produzidas a partir da experiência da Ala, aprimorandos já tiveram o projeto enquanto parte de seu campo nos serviços de saúde a que ele foi vinculado, cursos de graduação e pós-graduação chamam os adrecistas para fazer relatos de seu trabalho, reportagens são produzidas sobre o empreendimento, alunos e profissionais da saúde vão conhecer o que fazem.

A convivência extensiva, central na proposta de pesquisa de inspiração etnográfica que eu levei para a Ala, era talvez o aspecto mais inédito em relação aos trabalhos acadêmicos dos quais eles já participaram, pois, seus relatos sobre outros trabalhos giram em torno de entrevistas e pedidos para contarem sua história. Mas mesmo a convivência com pessoas em formação não é novidade no percurso do grupo, como dito acima os aprimorandos do Programa de Aprimoramento Multiprofissional em Saúde Mental Mandaqui/Jaçanã estavam quase diariamente no Ambulatório ou no CECCO, que já abrigaram a Ala, e participavam intensamente das atividades do então grupo de geração de renda, e nos últimos anos é comum que alunos do curso de Psicologia onde Simone trabalha venham passar parte de suas férias ajudando na produção do carnaval.

Acredito que essas circunstâncias se relacionem com a familiaridade com que minha proposta de realizar uma pesquisa na Ala, me inserir em seu cotidiano de trabalho e de desenvolvê-la em parceria com eles, foi recebida pelos trabalhadores. Tenho a opinião, que me parece curiosa, de que o estranhamento dos trabalhadores com a pesquisa tenha aumentado ao longo do tempo em que eu estive em campo, ao invés de diminuir, como talvez

seria de se esperar. Não digo um estranhamento em relação a mim, pois as pessoas da Ala de maneira geral estavam dispostas a me conhecer e eu a elas, então com os dias uma certa reserva inicial foi dando espaço para interações mais orgânicas e relaxadas – com maior e menor grau de aproximação, não só minha presença foi se tornando mais familiar, como as trocas com muitos dos trabalhadores se aprofundavam em confiança e vínculo.

Já sobre a pesquisa, o processo parece ter sido um pouco diferente. Após os primeiros dias de reconhecimento mútuo, diferentes pessoas vinham espontaneamente conversar comigo sobre seus percursos pela saúde, sobre quanto e como experiências de adoecimento mental e do corpo em geral permeavam suas histórias¹¹. A recorrência do tema, tendo em vista que só havia chegado há alguns dias no ateliê, levou-me a considerar que essa pudesse ser a expectativa, compartilhada por algumas pessoas, sobre meus interesses em fazer a pesquisa com eles. Eu também estava, de um outro ponto de vista, num processo de descoberta sobre quem era essa pesquisadora na Ala: tateava entre os trabalhos de adereçar, procurando um ponto de interlocução inicial com o outro ao meu lado, e me apoiava nas perguntas sobre as tantas coisas desconhecidas sobre o mundo do carnaval, imbuída do propósito de não impor minhas questões ao campo a priori. De maneira que eu abraçava os temas que me eram propostos e possivelmente parecesse um tanto vaga em relação ao que pretendia com a pesquisa.

Minha impressão é que depois de uma ou duas semanas pairava no ar a questão sobre o que eu fazia ali, pois eu não fazia muitas perguntas espontâneas do tipo que mais comumente devem chegar aos trabalhadores, relacionadas a serem um grupo de trabalhadores que tem a característica de ser composto por pessoas que vivem a experiência da loucura ou outras complexidades, sofrimentos, dificuldades limitantes da vida psíquica – essas conversas já não eram o principal assunto que puxavam comigo, parecíamos, por uns dias, pesquisar mentalmente assuntos sobre os quais conversar se não fossem as interações gerais do grupo.

Essa questão estava posta para mim também, eu me perguntava que perguntas eu devia fazer, se eu devia voltar meu olhar para alguma coisa, se não era preciso especificar um objetivo mais claro do que conhecer o cotidiano da Ala e o que ali se produzia, como eu costumava formular. Mas eu considerava a minha formação na área da saúde como as minhas lentes mais fortes de refração do mundo¹² e tinha ido para a Ala enquanto campo justamente

¹¹ No verbete *Psicólogo(a)* discorro mais especificamente sobre reflexões que tocam a essas conversas.

¹² Remeto-me aqui à advertência que Cardoso de Oliveira (1998) faz sobre a domesticação teórica do olhar do pesquisador de campo, a qual não se pode neutralizar, mas para a qual é preciso estar atento: “(...)Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade” (p. 19).

pelas pistas do que eles podiam realizar fora do cordão sanitário, como destacam Simone e minha orientadora Maria Luisa, então me atentava para receber o que as pessoas queriam me contar nesse sentido, mas não focar minha atenção estritamente nesse caminho.

O ritmo intenso do carnaval e a produção das fantasias se encarregaram de levar essas necessidades de definição todas um pouco para debaixo da poeira roxa que tomava conta do ateliê. Talvez todos tenhamos achado por bem focar no que nos parecia mais natural no momento, trabalhar juntos, eu aprendendo com eles a aparar penas, lidar com cola quente, distinguir a frente e o avesso dos acabamentos, e assim trocar conversas que se trocam com quem se trabalha no cotidiano: alguns percursos da vida, as músicas preferidas, os preços do mercado, os planos para a semana, as opiniões sobre alguma notícia importante, as dificuldades em transitar de casa para a Ala. Assumi que nos conhecer era parte da pesquisa e o pessoal da Ala parecia bem com esse ritmo também; deixei que o mundo da Ala tomasse conta da minha atenção, passando a me nomear como adrecista-em formação-curiosa.

Só alguns meses depois me deparei com as formulações de Peter Spink(2009) sobre os estudos do cotidiano como modo de pesquisa na psicologia social, em um texto que já desperta inquietação pelo título: O Pesquisador Conversador no Cotidiano. Para o autor o cotidiano é tudo o que temos, pois, a vida é um fluxo desses acontecimentos corriqueiros e irrelevantes, acontecendo em micro-lugares; sobre os quais ele diz:

A idéia de um micro-lugar é uma idéia figurativa ou metafórica mais do que uma definição objetiva (Menegon & Spink, 2005). Seu propósito é de chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem. (p. 70)

Com essa compreensão, Spink fala da possibilidade prática de pesquisa da psicologia social como a “inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários” (2008, p. 70) e aponta dois desafios para quem se coloca nessa perspectiva. O primeiro é que aprendamos a prestar atenção nesses acontecimentos diários, reconhecendo que na cotidianidade é que são produzidos e negociados os sentidos. O segundo desafio, que me remete a esse processo de entrada no campo dessa pesquisa, é aprender a prestar atenção nesses pequenos acontecimentos como parte do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante.

Naquele momento, com algumas referências etnográficas vagamente passando pela cabeça e me deixando confiar no movimento que fazíamos juntos, meus colegas de Ala e eu, aconteceu de eu conseguir colocar de lado por um tempo a busca ativa por objetivos e

“dados” de pesquisa e entrar maciçamente no fazer diário daquele grupo de pessoas. Por algumas semanas nossas preocupações cotidianas pareciam ser muito próximas: fazer contagem regressiva com Renato para acabar de forrar os costeiros, tentar descobrir com Dona Ione em que ordem colar os adereços quando Pedro não estava no ateliê, não demorar para entrar na fila de esquentar a marmita quando estava com fome, aprender a cantar o samba da X9 com Arruda. No auge dessa época cheguei a sonhar que meu quarto estava cheio de plumas roxas flutuando pelo ar.

Em meados de janeiro algumas preocupações sobre a continuação da pesquisa voltavam a se formar, já fazia quase dois meses da minha chegada na Ala e o carnaval se aproximava. Depois dele a intensidade de atividades da Ala diminuiria bastante e o combinado que fizemos a princípio era de que eu estaria com eles durante os trabalhos do carnaval. Eu estava conhecendo profundamente o que era o cotidiano da Ala e àquela altura já tinha ouvido muitas histórias sobre as pessoas e sobre o grupo, entretanto ainda não visualizava o caminho da pesquisa.

Levei essas questões para minha orientadora, contando principalmente sobre como estava sendo o dia a dia no campo e a partir do acontecimento da história de Neide sobre o qual Sandra veio me perguntar se eu escreveria aquilo tudo no meu dicionário, Maria Luisa fez uma sugestão: “Por que não fazer um dicionário mesmo sobre a Ala?”. Ela me trouxe o grande volume do livro de Passagens, de Walter Benjamin (2006), mostrando como ele escrevia trechos sobre vários aspectos e cenas da cidade de Paris do início do século XIX, divididos em grandes temas; contou ainda sobre uma discussão entre os estudiosos da obra acerca de ser um trabalho inacabado, ou se Passagens era justamente aquele modo incomum de lidar com a escrita.

A ideia do dicionário soou muito interessante desde o princípio e fui embora explorando os sentidos que aquilo poderia ter. Alguns pensamentos mais ou menos soltos que já me rondavam foram se organizando nesses dias, fui reconhecendo nos elementos que já estavam presentes no meu cotidiano com as pessoas da Ala a base para essa forma que estava emergindo. Magnani (2009) designa esse momento como característico da experiência de pesquisa de campo cuja referência é a etnografia:

Esse é um *insight*, uma forma de aproximação própria da abordagem etnográfica que produz um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outros métodos. Trata-se de um empreendimento que supõe um determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em algum momento, como mostrou Lévi-Strauss, os

fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado. (p. 135).

O dicionário apareceu como uma imagem que apresentava muito bem o processo pelo qual estávamos passando na pesquisa de campo, de explorar a vida como as pessoas a vivem enquanto trabalhadores na Loucos pela X, conhecendo os significados que lhes são únicos. De perto e de dentro (Magnani, 2002) era possível distinguir a concretude do que nos levou a essa pesquisa e para o que Maria Luisa, Simone e todos os outros que produziram sobre a Ala e se interessam pela sua experiência já apontavam há muito tempo: algo muito singular se produz entre aquelas pessoas. O dicionário aparece como um meio de comunicar os sentidos que compõem essa experiência, levantando aspectos que pertencem ao que é importante no fazer da Ala, o que é característico do modo como essas pessoas levam esse projeto de vida coletivo; bem como é uma maneira de ressignificar conceitos, contando os significados próprios desse grupo para definições que já estão aí colocadas.

A ideia de construir um dicionário da Ala aparecia também como um modo de tematizar a proposta de construirmos essa pesquisa em conjunto, a qual já permeava o trabalho de campo desde seu início, abrangendo a compreensão da pesquisa como produção do encontro dos nossos saberes; exercitando a proposta para a qual se reorientam a teoria e a prática de pesquisa etnográficas a partir da antropologia interpretativa que propõe Geertz, pela qual o próprio encontro etnográfico é focalizado como processo de construção de conhecimento (Geertz, 2008; Lacerda, 2001; Schmidt, 2006). Nessa mesma direção, o desenvolvimento do dicionário poderia ser meio de explorar o potencial da pesquisa participante enquanto prática que favorece o fortalecimento de comunidades interpretativas “que integrem o conhecimento científico, o pensamento do senso comum, os saberes populares e a mídia para um confronto dos problemas sociais em nível local, nacional ou internacional” (Schmidt, 2006, p. 13).

A proposta de uma escrita que não se apresenta exatamente nos moldes estruturais de um texto acadêmico condizia com a realização de um modo de pesquisar que não se apresenta em termos de definição de objetivos, métodos para atingi-los e resultados avaliativos, mas que se desenha ao longo de uma interação orgânica com os acontecimentos da vida como se dá no campo de pesquisa, extrapolando quase sempre a rigidez de tempo e ordem da ciência convencional. E mais, nesse caso específico, a experimentação de um texto reconstruído de novas maneiras se relaciona com o caráter artístico de um campo tão criativo quanto pode ser o do carnaval.

Essa relação entre as referências etnográficas e a arte se fortalece no *Writing Culture*, um movimento de antropólogos que propunha críticas ao empirismo e à metodologia de pesquisa de campo etnográfica, cujo objetivo é um texto que se pretende realista. Promotor da criação de textos que rompem com a tradição antropológica de narrações naturalistas, *Writing Culture* marca o incentivo à interlocução entre antropologia e as artes, na busca de produzir novas linguagens enquanto ferramentas para pesquisar um mundo que é mais complexo, paralelo e fragmentado do que o mundo da época em que a etnografia se formulava pela primeira vez (Marcus, 2004).

Marcus (2004) defende que ao se disseminar a etnografia para comunidades mais amplas, as virtudes dessas interlocuções não podem ser baseadas exclusivamente no modo de fazer tradicional antropológico. De sua perspectiva, a antropologia se beneficiaria em incluir em suas referências elementos dos modos instáveis pelos quais vários artistas têm se apropriado da etnografia, visão essa que se aproxima das circunstâncias de produção desta pesquisa: uma incursão pelas referências etnográficas, da saúde e da arte que perpassa o campo em que acontece, sustentando o rigor acadêmico em diálogo com a espontaneidade que traz o campo.

Muitos foram os modos como a ideia de produzir um dicionário da Ala Loucos pela X contemplava o sentido dessa pesquisa, por isso levei a proposta para campo. Em meio aos afazeres das fantasias, fui contando para uma e outra pessoa a cena de Sandra com minha escrita do dicionário, lembrando junto com os que estavam presentes, e soltando a ideia de fazermos um dicionário mesmo juntos. Minhas explicações giravam em torno de escrever o significado de palavras que nos ajudassem a falar sobre o que é específico da Ala, sobre o que faz a Ala ser o que ela é, dava exemplos como o choro da pena, o relotê, palavras que já haviam levantado conversas sobre sua estranheza para mim e para Saulo e Paulo, que estavam trabalhando na Loucos pela X pelo primeiro carnaval. As pessoas balançavam a cabeça, sorriam, achavam divertido, mas a conversa não gerava muitas reações. Penso que além de ser uma ideia um tanto exótica, que não se assemelha com o que se pensa da escrita acadêmica, o convite para fazermos um dicionário também não deixava claro logo de início em que isso tocava a eles da Ala, em que implicava esse convite, e eu também não sabia ao certo.

Com a proximidade do carnaval o trabalho demandava mais e mais atenção aos detalhes, pois na montagem final das fantasias o foco se volta para a aplicação mais regular possível dos acabamentos – variações entre as fantasias de uma Ala são consideradas infrações. Era também um momento em que o cansaço tomava conta mais cedo e crescia a tensão pela expectativa de que desse tudo certo. Foi preciso pensar o lugar do dicionário nesse

contexto de reta final do carnaval; elaborei um pouco mais a ideia do dicionário e numa tarde pedi a atenção de todos, expondo com mais forma a proposta de fazermos um dicionário da Loucos pela X, levei um caderninho onde podíamos anotar as palavras e ideias sobre as quais quiséssemos falar no dicionário e deixei sobre a geladeira, junto ao caderninho de ponto, então poderíamos depois do carnaval desenvolver esses significados com mais calma. Levei dois verbetes que eu havia escrito para dar uma ideia do que eu estava imaginando quando falava do dicionário, queimadura e choro da pena, explicitando que esse era só um jeito de fazer, podia ser de outras maneiras também.

Por esses dias uma cena parece ter sido ilustrativa do que poderia ser o dicionário: uma aluna de psicologia foi conhecer a Ala, pensar com eles a possibilidade de fazer seu trabalho de conclusão de curso sobre a Loucos pela X, depois disso ela e sua mãe passaram a ir com frequência ao ateliê ajudar na fabricação dos adereços. Numa tarde essa senhora perguntou a alguém que estava por perto que materiais precisava buscar para trabalhar num certo adereço, ao que lhe responderam que pegasse o galão, que vem a ser um acabamento muito usado na Ala. A senhora procurou pelo terraço e voltou com um latão de tinta vazio que estava por lá para outros fins, então todos que estavam em volta começaram a dar risada, eu acompanhava a cena mais ou menos de longe quando Clarice me chamou para dizer: “essa pode ir pro dicionário”.

Nessa época era frequente alguém me apontar palavras que podiam ir para o dicionário, mas no caderninho mesmo pouca gente escrevia. Por isso me chamou atenção quando na última semana antes do carnaval algumas pessoas começaram a escrever no caderninho suas histórias na relação com a Ala Loucos pela X. Fabiana, trabalhadora do Bar BibiTantã que costuma ir ajudar na Ala alguns dias do carnaval, foi a primeira a procurar por mim e perguntar pelo caderno, após o que outras três pessoas a viram escrever e foram fazendo o mesmo ao longo da semana. Aparecida foi uma das pessoas que escreveu longamente; já ciente das brincadeiras correntes entre o grupo sobre sua letra ser difícil de ler, perguntei se ela lia comigo o que escreveu, ao que ela sugeriu que gravássemos. De maneira geral, elas contam as circunstâncias em que conheceram a Ala e o que isso acrescentou em suas vidas: Fabiana destaca a parceria do Bar BibiTantã com a Ala, que lhe deu oportunidade de desfilar em uma escola de samba pela primeira vez e trabalhar com as fantasias; Dona Ione se refere à Ala como sua única fonte de renda e sua terapia; Nair ressalta a recepção que teve das pessoas e como sente-se grata por isso; já Aparecida contou um pouco da história da Ala, de suas atividades lá e do enredo da X9 em 2015.

Uma semana após o carnaval o grupo marcou duas reuniões de avaliação e planejamento das ações para o ano que se iniciava, de acordo com o calendário do mundo carnavalesco. Nessa ocasião Simone sugeriu que retomássemos o assunto do dicionário e combinamos experimentar fazer conversas só sobre isso, levantando assuntos e palavras que podiam nos ajudar a desenvolvê-lo. Propus que começássemos com três dias e então pensarmos se estava bom ou se queríamos marcar mais vezes.

As conversas tinham proposta de durar uma hora e meia e aconteceram com um espaço de duas semanas entre cada uma delas. Acabamos girando mais em torno de temas que eu tinha na manga para disparar as conversas, pois as palavras que separamos durante o carnaval já não faziam tanto sentido assim, não geravam muito assunto, e o pessoal aderiu pouco à ideia de que eles pensassem em um tema que nos ajudasse a “assuntar”, como eu costumo dizer. Nessas conversas falamos livremente sobre questões abrangentes, como trabalho, carnaval e geração de renda, devaneando por onde a conversa fosse andando, cada um trazendo o que lhe ocorria, até o assunto se esgotar naturalmente. Na conversa seguinte eu lia para todos o texto que sistematizei a partir das nossas conversas, desenvolvendo alguns verbetes e nós conversávamos sobre o que estava legal e o que seria bom alterar. As duas primeiras conversas foram bastante cheias e intensas, quase todos participando e algumas sugestões de alteração na escrita, ao contrário da última, em quase todos estavam dispersos, muito quietos, parecendo sem vontade de fazer as conversas sobre o dicionário, inclusive eu. Fui colocando para todo mundo a hipótese de já termos esgotado esse formato de conversas por enquanto e que fôssemos falando do dicionário um pouco de cada vez como parte de uma ou outra reunião normal da Ala e a ideia foi bem aceita.

De abril até o começo de junho as reuniões do grupo de trabalhadores diminuíram em frequência e contaram com menos participantes, grosso modo, provavelmente como reflexo de nesse ano não terem surgido oportunidades de trabalho remunerado e produção após o carnaval. As atividades mais regulares foram retomadas no começo de junho, com reuniões semanais cujas pautas centrais são o início do planejamento do negócio e possibilidades de entrada no mercado do carnaval para essa temporada que chegaria em breve. Nesse ínterim as conversas sobre o dicionário ficaram meio adormecidas, sendo a pesquisa abordada novamente numa conversa sobre comitês de ética e os termos de consentimento livre e esclarecido, na qual falamos sobre participação em pesquisa, situações de uso de poder do pesquisador e do interlocutor, a que nos atentamos ao fazer parte de uma pesquisa.

A essa altura as pessoas da Ala já estavam acostumadas à minha presença em suas atividades dos mais variados tipos. Acompanhei o processo de negociação dos trabalhos para

o carnaval de 2017, entre eles e com as escolas de samba com quem trabalhariam. Estive no longo processo de faxina e reforma do barracão, quando mutirões dos trabalhadores separavam materiais para doar, colocar no lixo reciclável ou guardar, lixamos paredes, limpamos chão, mexemos na disposição dos móveis do ateliê.

Eu também já estava acostumada com essa posição que construí com eles de pesquisadora sempre presente. Passado o momento em que estava me aproximando pela primeira vez das coisas e das pessoas, estar em pesquisa não consistia em estar o tempo todo com uma interrogação na cabeça ou uma pergunta na boca. Depois de alguns meses lá, principalmente depois do carnaval de 2016, percebi que minhas questões sobre o campo iam se formando por essa convivência longitudinal. Muitas vezes, quando essas questões iam-me aparecendo, um acontecimento que certamente eu não presenciava pela primeira vez se destacava e compunha um sentido novo diante dos questionamentos que andavam se movimentando, num momento em que eu voltava a estranhar o que durante os meses foi se tornando familiar para mim (Rocha e Eckert, 2008).

No estar em campo, registrar minhas experiências lá e me dedicar a formular um texto que comunicava tudo isso a partir da preparação para a qualificação, fui percebendo como a escrita concretizava a pesquisa que se dava no estar junto. O processo de formular um texto que se comunicava com leitores outros me levou a olhar para como estávamos nos relacionando com a pesquisa, aos trabalhadores da Ala e eu, como ela estava se efetivando no viver características do processo de trabalho, das relações, e outros tantos objetos com as pessoas daquele grupo; aí eu fui sentindo os primeiros efeitos do escrever para os quais Cardoso de Oliveira (1998) chama atenção: no ato de produzir o texto o pensamento caminha, encontrando reflexões que dificilmente aparecem antes da textualização.

Voltamos a tratar do dicionário coletivamente em algumas situações mais pontuais. Num dia levei o capítulo “Para ler um dicionário: uma história ao lado” para que lêssemos juntos, partindo na compreensão de que eu pretendia contar ali uma parte da história deles, da qual não participei e que escrevi a partir da narrativa de outros autores que escreveram sobre a Loucos pela X e a narrativa dos próprios trabalhadores, portanto, precisava saber se havia algum erro de dados e, principalmente se o modo como a contei fazia sentido para eles.

Comecei lendo para eles o texto, parando em alguns momentos para fazer alguma pergunta ou estimular comentários, que eram poucos, em alguns momentos Edite e Sid levantavam alguma lembrança do momento retratado no trecho, porém a tarefa seguia sem muita energia; como o processo estava muito lento e o grupo em geral pouco reagia, passei a

contar para eles os pedaços da história que incluí, para que passagens chamei atenção e li especificamente um ou outro trecho em que algo mais delicado estava sendo dito.

Esse foi um dia em que voltaram minhas questões sobre o que seria escrever um dicionário da Ala Loucos pela X com a própria Ala e a minha compreensão dessa ideia foi se resignificando. Esse processo foi se dando de tal forma que, a despeito dos meus convites, os trabalhadores da Ala não desejaram escrever, literalmente, eles mesmos para compor esse texto, também não quiseram ler e apurar linha por linha o que eu ia escrevendo, ainda que eu tivesse levado uma cópia para o barracão. Desse modo, o fazer com, o escrever um dicionário junto foi se configurando nessa disponibilidade de compartilhar o seu cotidiano e um bom pedaço de suas vidas comigo, numa relação de confiança sobre o que eu teria a dizer sobre essa experiência depois.

Depois disso levei os poucos novos verbetes sobre os quais não havíamos falado de um jeito semelhante a como terminou a leitura do capítulo sobre a história, contando do que eu dizia no verbete, que cenas retratava, que ideias desenvolvia, observando como tudo isso repercutia nas pessoas, o que levantavam a partir daí. As experiências foram variadas, havendo verbetes que não suscitavam muitas reações, como o “Prestígio”, e alguns que pareciam se comunicar intimamente com algumas pessoas, como aconteceu maciçamente com o “Quarta-feira de cinzas”.

Com isso foi ficando claro que pesquisar com as pessoas na Ala não garantiria um material final que fosse inteiramente nosso, um texto que seria cem por cento escrito a muitas mãos ou que comunicasse o tempo todo os sentidos que de um verbete ou tema para cada um do grupo. Primeiramente porque num grupo a própria heterogeneidade entre as pessoas provoca sentidos vários que não podem ser conciliados o tempo todo. E em segundo lugar porque eu parto de um objetivo e curiosidade acadêmicos para participar dessa pesquisa, do que os integrantes da Loucos pela X podem partilhar em certas medidas, e em outras não – da mesma maneira que eu só posso partilhar até certo ponto dos motivos que os levaram a se engajar nesse projeto. Desse modo, tentar retratar uma totalidade do campo seria reduzi-lo, pois não é possível uma reconstrução que dê sentido a todas as posições diversas de maneira absoluta (Lacerda, 2001).

Fazer um dicionário da Ala Loucos pela X foi se caracterizando como levantar com as pessoas da Ala e a partir da minha experiência no convívio com elas as peculiaridades, as histórias, as questões e os sentidos que se mostram relevantes no cotidiano de trabalho e na constituição desse grupo, de maneira que se construa em que as diversas vozes compareçam (Lacerda, 2001; Schmidt, 2006). O cuidado de trabalhar com o que pertence à Ala e às

pessoas de lá, com a participação deles e observações que surgiram essencialmente do meu olhar, permaneceu orientando o trabalho, porém sem estabelecer a suposta necessidade – suposta por mim, em algum momento – de que todo o transcurso da escrita fosse estritamente dividido.

Clifford (apud Lacerda, 2001) explicita quão desafiador é o princípio da produção textual que procura expressar o diálogo entre as vozes do campo, pois obriga os escritores a encontrar diversas maneiras de apresentar realidades, estas que ele considera negociadas, inter-subjetivas, cheias de poder e incongruentes. Na Ala o modo que fomos desenvolvendo na tentativa de compor o trabalho foi o compartilhamento da minha escrita com os integrantes do grupo, contando para eles como estava o trabalho, lendo alguns verbetes inteiros, relatando o que diziam outros, partilhando de opiniões, conversando sobre como abordar certos temas.

Na época de finalização do mestrado, fizemos novamente alguns encontros voltados para discutir a pesquisa. Foram dias em que conseguimos reunir parte dos trabalhadores e conversamos de alguns verbetes que foram escritos por último, também pautamos a perda de Dona Ione e como esse fato tão importante apareceria neste trabalho.

Por fim, faremos também uma avaliação desse processo, uma rodada de conversa sobre a experiência da pesquisa na Ala Loucos pela X durante todos esses meses. Estamos estudando também a ideia de apresentar o trabalho da Ala nesta dissertação através do que o grupo de trabalhadores mais faz e diz fazer melhor: adereçando-a.

Verbetes relacionados: todos.

Gestão: no dicionário refere-se ao ato de gerir, de administrar, ou ainda, faz referência a um mandato administrativo público (Michaelis, 2015). Gerir, uma tarefa e tanto para pessoas que não têm conhecimento extenso das teorias administrativas, de fluxo de caixa, de engenharia de produção. Psicólogos, seguranças, estudantes, catadores, *ex-oficceboys*, artesãos, pessoas que nunca trabalharam antes, entre outros históricos profissionais, pessoas que se reúnem na Ala Loucos pela X em torno do objetivo de sustentar um negócio: fazer com que ele produza, tenha qualidade, pague os próprios custos, renda algum dinheiro e cresça. Como gere a Loucos pela X?

Gerir deriva do verbo latino *gerere*, que significa portar sobre si, que por sua vez tem origem indo-europeia em *gas*, fazer andar (Cunha, 1994). Assim, nos afastando um pouco da apropriação teórica que as ciências administrativas fazem da gestão, começamos a ter pistas de como gere a Ala – não à toa um empreendimento que nasce do encontro do carnaval com a saúde mental.

As histórias que os trabalhadores contam sobre diversas épocas da Ala trazem com frequência um elemento de ensaio: a cada nova situação institucional pelas quais a Ala passou, foi preciso criar um novo lugar para aquele grupo dedicado ao trabalho; estratégias diversas de organização da produção foram sendo testadas ao longo dos anos até chegar na preferência pelo modo atual de distribuição das atividades; dinheiro perdido e expectativas frustradas no caminho de conhecer a política e a negociação no mundo das escolas de samba; tentativas, erros e novas tentativas de encontrar o melhor jeito de fazer uma fantasia.

Algo, aliás, que acontece assim até hoje, pois os carnavalescos mandam um protótipo e os materiais para que os ateliês produzam as fantasias com poucas orientações. Fazer uma fantasia é um verdadeiro processo de planejar durante a ação: é mapear quais técnicas familiares serão usadas, quais as dificuldades potenciais, começar e encontrar inúmeros imprevistos, para então negociar mudanças com o carnavalesco; trabalhar com adereços é ter três pessoas trabalhando na mesma parte da fantasia e, depois de fazer duas ou três peças, perguntar aos colegas de que lado eles começaram a colar as bolinhas e então continuar com a melhor estratégia. O que a torna melhor depende também de elencar as prioridades do momento: pode ser a que deu um resultado mais bem-acabado, ou que a própria destreza deu conta de fazer, algumas vezes é a maneira mais rápida, ou ainda, o modo em que o corpo fica mais bem acomodado durante a atividade.

De maneira geral, gerir na toada dos acontecimentos é próprio dos processos de trabalho do carnaval, é como precisam fazer mesmo as escolas de samba mais organizadas diante dos financiamentos incertos, da espontaneidade da arte, da produção na margem das legislações. As mesmas escolas de samba que portam bandeiras com elegância, que fazem andar um desfile ordenado pela Avenida, preparado por quase um ano, inserem-se num mercado em que se gerem imprevistos e mudanças súbitas no planejamento.

Retomando a reflexão sobre a Ala, é preciso fazer a ressalva de que o caráter de experimentação do grupo não abre mão de referências e técnicas que embasem os caminhos escolhidos. Busca-se por muitas trocas, que proporcionam aprendizado, constituindo um tipo de formação que não passa regularmente por livros ou pela sala de aula tradicional. É um processo que se dilui no tempo e no espaço, em diálogos com interlocutores vários: a Economia Solidária, a Luta Antimanicomial, a experiência de outras iniciativas de geração de renda, além dos trabalhadores das escolas de samba e as próprias aprendizagens ao longo da vida de cada trabalhador e do coletivo.

Ao recorrer a conhecimentos já estruturados ou participar da construção de saberes nos movimentos com os quais dialoga, trazendo-os para a construção do seu trabalho e

integrando-os com suas particularidades, o coletivo da Loucos pela X faz um movimento de gestão artesanal, compatível com seus objetos de trabalho. Essa maneira de gerir remete à reflexão que Heidegger (Feijoo, 2004; Heidegger, 2012) faz sobre os modos como o homem pode se apropriar da técnica.

Em *O que é a Técnica* (Heidegger, 2012), ele expõe um modo livre do homem se relacionar com a técnica, em que é possível experimentá-la, não mantendo uma postura de aceitação incondicional de um processo já dado. Um sentido que difere substancialmente do que tem sido atribuído à técnica na modernidade, para o autor, uma definição enclausurada em um meio para atingir um fim.

Na concepção moderna da técnica sobressai uma determinação instrumental da maneira da condução de um processo, utilizando-a apenas para garantir o alcance de um objetivo último. Nesse caso, ela é usada num desafio à natureza, manipulação de recursos em prol de armazenar resultados e o homem ocupa uma função de manipulação da técnica, cujo esforço é centrado em dominá-la.

Porém, para Heidegger, apesar dessa concepção instrumental ser correta, não é necessariamente verdadeira, pois não alcança a essência da técnica. Ele a toma como mais do que um simples meio, porque reconhece em toda produção um movimento de aparecer, de revelar. Nesse sentido, desdobra-se uma relação entre a produção e a concepção grega de verdade (*aletheia*), que trata de desencobrir o encoberto, fazer aparecer.

Para retomar sua essência, o autor remonta à origem da palavra técnica, vinda do grego, *téchne*, cujo uso remetia tanto à manufatura artesanal, quanto ao fazer das belas-artes, e cujo sentido era de levar à frente (Feijoo, 2004; Heidegger, 2012). Enquanto a técnica moderna se descobre na exploração dos recursos, no descobrir a disponibilidade destes para nosso governo e uso, *téchne* remete à possibilidade de compreensão no ato de produzir. É uma compreensão da técnica em que prevalece ter conhecimentos na produção, no tempo dos acontecimentos em que se trabalha (Feijoo, 2004; Heidegger, 1972).

Ou seja, a técnica enquanto *téchne* não se circunscreve apenas à organização dos meios pelo homem, para chegar aos fins, se amplia para a noção da aprendizagem e do planejamento possível a partir do que se revela no ato do trabalho. Uma apreensão que se aproxima do modo pelo qual os trabalhadores da Ala têm se relacionado com as técnicas e tecnologias de gestão do seu trabalho.

Mesmo a percepção que alguns deles têm, como Pedro e Simone, de que a Ala não é exatamente um empreendimento solidário, uma cooperativa, uma empresa comum ou qualquer outra concepção teórica ou jurídica de um negócio, mas procura dialogar com esses

campos e trazer para seu cotidiano de trabalho concepções que fazem sentido ao que a Loucos experimenta, pode ser pensada nesse sentido. Dentre as diversas linhas que se propõem a pensar modos de trabalho descentrados do lucro, a Loucos pela X se identifica com elementos de alguns, se aproxima e busca aprender aspectos de outros, experimenta implementar uma ou outra prática dentre as preferências do grupo de trabalhadores.

A partir da abertura do grupo de trabalhadores para aprenderem com seus diversos interlocutores e comporem suas práticas numa composição de métodos que podem ser conciliados com as necessidades próprias do que fazem e pretendem fazer, vai se caracterizando um procedimento de gestão poroso às novidades e aos imprevistos. As mudanças inesperadas se impõem no dia a dia do trabalho do carnaval num contexto de recursos financeiros limitados, muitas vezes colocam a desistência como única opção à adaptação – e ambas estão presentes no processo de trabalho da Ala.

Algumas vezes é preciso abrir mão de um caminho que de repente se apresenta como inviável e cuja alternativa os trabalhadores não têm formulada, o que acontece desde os pormenores da produção – como a necessidade de desistir de insistir no trabalho de uma costureira que não teria condições de entregar as peças prontas para a Ala continuar o trabalho – até as grandes decisões de condução do empreendimento, como aconteceu no momento em que o grupo sai do CECCO Jaçanã/Tremembé.

Por outro lado, constantemente os trabalhadores incorporam mudanças resolvidas entre si na Loucos pela X, o que pode ser observado, novamente, nas pequenas tomadas de decisão no cotidiano e nas resoluções sobre o negócio que levam a maiores impactos. Nessa perspectiva pode-se citar as adaptações na feitura de um adereço, a decisão de incorporar a costura em máquinas como técnica do ateliê, ou ainda, a busca por alternativas para regularizar os trabalhadores enquanto associados do empreendimento.

Um carnaval nunca é igual ao outro, na fase em que a Ala está lidando diretamente com as fantasias, uma semana não é igual a outra, e até, no auge dessa etapa, um dia não é igual ao outro, e isso não se deve apenas às características do trabalho no carnaval. A dinâmica da gestão da Ala constrói abertura para mudanças, num movimento que, não é irrelevante notar, é diametralmente oposto à cronificação das instituições manicomiais.

As questões abordadas até aqui dão sinais de um aspecto das práticas de gestão que a Ala assume e exercita desde seu início, a autogestão. Esta, um dos pilares da Economia Solidária, concebe uma gerência democrática do empreendimento, de modo que todos os trabalhadores participem das direções tomadas e que o coletivo tenha soberania nos casos em que os associados escolham por algum grau de diferença hierárquica (Singer, 2002).

Os empreendimentos econômicos solidários têm como cerne a articulação entre autonomia e autogestão na práxis do trabalho, considerando que sua finalidade não é limitada à criação de trabalho e de uma economia justa, mas que pretendem também promover sujeitos livres, criadores de suas próprias leis (Carvalho & Trajano, 2004). Um objetivo que se alinha às convicções e causas da Luta Antimanicomial e tem consonância com os objetivos de criação da Ala Loucos pela X.

É exercitando essa premissa que a Ala toca sua existência desde o primeiro carnaval, quando os profissionais do Ambulatório de Saúde Mental se organizaram para ir de braços dados com cada usuário do serviço para a Avenida do Samba, até hoje, numa busca que se mostra incessante de explorar a expansão de autonomia de todos juntos e de cada um.

Qualquer tentativa de compreender o funcionamento autogestionário da Loucos pela X precisa ultrapassar a observação do desligamento do empreendimento da incubação da rede de saúde e se atentar para como esse processo se produz singularmente com cada pessoa que ali trabalha e com o coletivo.

É possível depreender no processo de trabalho diferentes modos de apropriação da construção horizontal e democrática do empreendimento – alguns trabalhadores se colocam e verbalizam com muita assertividade enquanto donos daquele negócio, enquanto outros apresentam com mais frequência uma relação de estar empregado por um outro, uma realidade vivida por quase todos os trabalhadores da Ala majoritariamente em suas vidas.

Nos empreendimentos autogeridos faz-se um compromisso de que todos os trabalhadores conheçam e se preocupem com os problemas gerais do negócio, o que demanda um esforço a mais, o envolvimento num tipo de trabalho que muitas vezes é novidade para trabalhadores que não se inseriam numa lógica democrática (Singer, 2002) e têm pouco conhecimento e vivência desse tipo de proposta.

É seguro dizer que todos transitam por esses pólos de maior ou menor exercício da autonomia regularmente, de acordo com os movimentos próprios e as tarefas que o coletivo se coloca. No geral, a questão da corresponsabilização e da propriedade compartilhada entremeia as pautas de reuniões de organização da produção e de direção do empreendimento, levantadas por diversas pessoas, mas formuladas mais conceitualmente por Simone, Kátia Maria e Pedro. Entretanto, menos obviamente, os processos de gestão se desenvolvem nas negociações do cotidiano de trabalho.

Se nos reocuparmos da origem da palavra gestão, *gerere*, em seu sentido de fazer andar e sua articulação com o desenvolvimento da autonomia, é possível distinguir práticas de gestão menos óbvias para olhos acostumados à gestão meramente gerencial. As cenas são

corriqueiras e inúmeras: João disposto a lavar o banheiro, Aparecida a recomendar as pausas para descanso e refeições, Edite e Sid atentos a como os colegas lidam com uma tarefa mais complicada, Arruda tomando para si a tarefa de fazer os cafezinhos, Sandra com o microfone em punhos para contar a história da Ala, Saulo procurando ativamente meios de tornar uma atividade mais eficiente, Enivaldo ocupado na recepção dos visitantes, Renato partindo para a varreção no final do expediente, Neide engajada na inspeção da qualidade dos adereços finalizados, as preocupações com a duração do expediente de Luid...

São atitudes que se empenham em fazer andar o empreendimento, que permitem sua existência e continuidade através de gestos – palavra também derivada de *gerere*. São posturas que expressam a noção de compromisso com o trabalho e com o grupo, quando as pessoas portam sobre si as tarefas, os objetivos e as bandeiras de Ala Loucos pela X.

Simone, Kátia Maria e Pedro desempenham funções mais diretamente relacionadas a um planejamento mais amplo do processo de produção e de promover caminhos possíveis para o negócio, por exemplo, negociações com as escolas de samba e outros parceiros. Dona Ione desempenhava uma função de coordenação mais direta da produção, a partir de uma demanda do grupo por alguém que organizasse e orientasse o serviço. Entretanto, essa divisão de tarefas, majoritariamente necessária para o funcionamento do negócio e um melhor desempenho no trabalho, não suprime os movimentos de gestão dos trabalhadores, ela tem como incumbência permitir que o negócio siga autossustentável, viabilizando que cada um experimente e desenvolva sua participação autônoma.

O falecimento de Ione, dentre muitas dores, trouxe incertezas e impôs ao grupo que eles se revissem nesse tema da gestão. Uma das incertezas e preocupações que surgiram coletivamente era como seria trabalhar sem sua figura de referência para organizar a distribuição dos trabalhos, ensinar os processos de fabricação de peças novas, acompanhar o desenvolvimento do serviço. Sua ausência convocou falas dos trabalhadores sobre a responsabilidade por manter o trabalho organizado, o ambiente limpo e os adereços caprichados. As circunstâncias configuraram uma situação em que cada um precisaria assumir um tanto das funções que Dona Ione e com isso, mais claramente responsabilizando-se pelo que nos afazeres dela era percebido como gestão.

E tratando-se de um coletivo heterogêneo, composto por pessoas com formações e experiências diversas, e inclusive com desejos e disponibilidades que variam entre si, certamente as pessoas tomarão para si e atribuirão às outras também diferentes funções e papéis de poder. Dentre essa diversidade de histórias de vida é necessário destacar dois aspectos, o de que há diferença nas camadas sociais de origem das pessoas, e o de que boa

parte dos trabalhadores da Ala vive a experiência da loucura ou de outros sofrimentos psíquicos, bem como alguns tem formação profissional na saúde.

Se, como bem aponta Paul Singer (2002), os empreendimentos econômicos solidários precisam estar constantemente atentos à construção da democracia e o fomento da corresponsabilização de todos, na Loucos pela X os dois fatores acima citados tornam maior a necessidade de atenção para movimentos de tutela sobre as pessoas que mais facilmente ocupam as posições de menos poder. As singularidades da composição dos trabalhadores da Ala proporcionam uma pluralidade criativa e fortalecem o desenvolvimento de diferentes ações, bem como exigem um zelo regular para que não se percam oportunidades de compartilhar ocupações que não seriam prontamente exercidas por alguém.

Aqui, podemos apontar outra palavra desdobrada de *gerere* que remete ao caráter incessante desse trabalho: gerúndio – as formas verbais que denotam a persistente continuação de uma ação: construindo, exercitando, experimentando a autonomia. Pois, ainda que seja possível identificar ações gestoras nos gestos do cotidiano, nem sempre os próprios trabalhadores formulam uma compreensão do impacto dessas ações ou expressam uma intenção nesse sentido, e perceber-se gerindo pode ser o primeiro momento do sentir-se gerindo e ou do desejar gerir.

Atentarmos para as individualidades que compõem as práticas de gestão da Ala possibilita compreender alguns aspectos do processo de trabalho, mas também é fundamental abordar a grupalidade na condução do empreendimento. Nesse sentido, ganha lugar a especificação da autonomia enquanto desenvolvimento de uma rede ampliada de interdependências (Carvalho & Trajano, 2004), considerando que enquanto uma coletividade coesa é que aparece boa parte da potência gestora da Loucos pela X.

A partir da percepção da Ala como um grupo que se olha, se cobra e se cuida é que podemos levantar um último desenvolvimento de *gerere*, a gestão enquanto gestar. No sentido de prover recursos materiais e afetivos para o bom desenvolvimento de uma cria, os trabalhadores da Ala expressam com muita frequência preocupações e gestos sobre a continuidade do grupo e do trabalho.

Singer (2002) aponta que nos empreendimentos autogestionários, a demanda pela implicação de todos nos problemas e decisões do trabalho demandam de cada um certo esforço a mais do que negócios que funcionam no modo de produção capitalista. Por outro lado, as pessoas investem mais tempo e vigor, por compreenderem o sentido que isso faz para os rumos do negócio, o que parece conversar com a experiência da Ala. A essa observação pode-se adicionar o aspecto da solidariedade.

Há um componente de cooperação e afeto que transpassa a participação dos trabalhadores da Ala, em decisões individuais e coletivas muitas vezes movidas pela atenção aos relacionamentos, ao bem-estar, às afetações. Um componente que pouco é relacionado como elemento que constitui as práticas de gestão, principalmente se considerarmos sua conceituação capitalista, para a qual fazem-se muito estranhas todas as coisas que escapam à essa racionalidade.

Pois é possivelmente essa faceta da gestão que se faz mais presente e se exerce na Loucos pela X enquanto coletivo. Com toda diversidade de histórias, conhecimentos e experiências, o grupo se gesta de maneira maciça: promovendo acolhimento, oferecendo desafios, fazendo autocríticas e estimulando as conquistas, vão criando algo que já não é mais um projeto bebê, mas uma experiência adolescendo.

Verbetes relacionados: Adrecista; Empreendimento social.

Loucura: há algo peculiar na experiência da Ala Loucos pela X, algo que leva esse grupo de trabalhadores a ser olhado com interesse por vários atores da luta antimanicomial, da universidade, da Rede de Atenção Psicossocial, pelas iniciativas de geração de renda dos serviços de saúde e as cooperativas sociais ou grupos de trabalhadores econômicos solidários. Um fator que suscita atenção tratada Ala estruturar-se num coletivo autônomo de trabalhadores composto por pessoas que, na sua maioria, vivem a experiência da loucura ou outros sofrimentos psíquicos. Condição que a singulariza, mesmo diante dos diversos interlocutores com os quais a Loucos pela X troca experiências e conhecimentos.

Se olharmos para as vizinhanças com as iniciativas de trabalho incubadas pelos equipamentos do SUS, o principal ponto de distanciamento dá-se por a Ala ser composta, como dito acima, por pessoas que vivem a experiência da loucura ou outros tipos de sofrimento psíquico, todos usuários da rede de saúde mental do SUS, e que constituem um grupo autônomo de trabalho (Aranha e Silva, comunicado em seminário, 25 de maio, 2016). Já se nos atentarmos para a dessemelhança da Ala com os empreendimentos solidários em geral, encontramos o fato de este ser um grupo de empreendedores autônomos, cuja maioria vive a experiência da loucura ou outros sofrimentos psíquicos. Essa inversão de termos é mais do que estilística, denota diferentes ênfases no pólo louco/usuário e no pólo autônomo/empreendedor, expressando o exercício de distintos papéis sociais.

Na aproximação com as iniciativas de geração de renda incubadas nos serviços da Rede de Atenção Psicossocial um trabalhador da Ala Loucos pela X difere-se como sujeito em sofrimento psíquico trabalhador autônomo – “louco” aparece como nome, substantivo,

caracterizado pelos adjetivos “trabalhador autônomo”. Enquanto na comparação com os empreendimentos solidários, este componente da Ala destoa por ser um empreendedor solidário louco – aqui “louco” passa a ser adjetivo, uma característica do nome “empreendedor solidário”.

Essa mudança no foco certamente faz parte da trajetória almejada pela Loucos pela X e muitos outros empreendimentos que nascem dentro dos CAPS, CECCOS, UBSs, entre outros serviços da rede de saúde pública. As iniciativas de geração de renda e sua associação com a Economia Solidária são, dentro das políticas públicas, algumas das ações mais expressivas no propósito da inserção social das pessoas que convivem com a loucura ou outros sofrimentos psíquicos, partindo do paradigma da Reabilitação Psicossocial e de um jeito de pensar a saúde que a concebe como compromisso com a defesa pela vida e ampliação da autonomia (Campos & Campos, 2006).

A existência dessas iniciativas nos serviços fornece condições iniciais indispensáveis para que os grupos de trabalho possam começar, desde recursos financeiros e materiais, até saberes e tempo de trabalho de profissionais facilitadores. E, intrinsecamente, o contexto institucional se liga ao trabalho dos coletivos de geração de renda, em intervenções que condicionam de diversas maneiras como se desenvolvem suas atividades. Para o tema aqui abordado urge destacar apenas um aspecto dessa conjuntura: o trabalhador da oficina se vincula a ela, antes de tudo, por ser usuário daquele serviço.

É preciso levar em conta que os grupos vão desenvolvendo diferentes graus de autonomia em relação ao serviço. No caso dos CAPS, o encaminhamento para a atividade é, em geral, parte do Projeto Terapêutico Singular elaborado pela pessoa com os profissionais que são sua referência no serviço, ou seja, parte de um projeto de cuidado do serviço para com o usuário; nos casos dos núcleos de trabalho vinculados ao SUS ou das cooperativas dos centros de convivência, a relação pode passar menos pelo fator de relação de cuidado de saúde do profissional com o usuário, embora ainda a vinculação institucional do trabalhador seja enquanto usuário daquele equipamento.

O empenho se concentra em ampliar a autonomia da oficina em relação ao serviço, qualificando o trabalho, compartilhando a gestão, fazendo dos trabalhadores/usuários cada vez mais protagonistas do processo de condução e manutenção do empreendimento, ações essas que vão diminuindo a dependência do suporte do equipamento, até que em algum momento seja possível desvincular-se da instituição – o grupo de trabalho como um todo ou a pessoa que consiga se inserir num trabalho desvinculado do serviço de saúde, situações em que a identidade trabalhador vai se desligando da identidade usuário (Brasil, 2005).

É pertinente observar que qualquer tipo de caracterização do sujeito a partir de um aspecto da sua complexa e rica identidade tem sérios riscos de ser uma redução, suplantando facetas e facilitando ações que alienem a pessoa, seja o nome escolhido o de louco/usuário ou o de trabalhador/empreendedor. Porém, é notável a diferença do lugar de alguém identificado centralmente como trabalhador ou empreendedor e uma pessoa que tem como identificação principal ser usuário do SUS e, mais passível de estereotipação ainda, ser identificado como louco.

Ser tido como trabalhador, num mundo em que os valores capitalistas traçam boa parte da moral, é quase diametralmente oposto a ser tido como louco. Se no imaginário social o trabalhador é alguém produtivo, que tem direitos, o louco é desarazado, improdutivo, impossibilitado de viver em sociedade; uma visão para a qual a psiquiatria contribuiu por muitos anos ao sustentar uma relação de tutela com a loucura e propor como tratamento a retirada da pessoa de seu meio social (Amarante, 2007). O lugar social, o reconhecimento enquanto cidadão e a possibilidade de circulação do usuário de saúde mental, principalmente do tido como louco, é infinitamente inferior à do trabalhador¹³.

Voltando a olhar para a história da Ala Loucos pela X, Ramalho (2010) e as passagens contadas pelos trabalhadores dão conta das mudanças que se efetivaram na organização do grupo a partir de sua saída do Centro de Convivência Jaçanã/Tremembé. O grupo já percebia a alternativa de se desenvolver fora do CECCO como um modo de ampliar sua possibilidade de ser de fato fonte de sustento às pessoas que o compunham, mas tiveram seus planos precipitados ao serem expulsos pela nova gestão do serviço de saúde. E com todas as dificuldades que essa transição teve, a passagem de usuários participantes e co-construtores da oficina de geração de renda do CECCO para trabalhadores que compõem uma oficina autônoma de fantasias teve seus efeitos positivos sobre o negócio e sobre as pessoas.

Quando a Ala vai se tornando um negócio de um coletivo que depende da própria capacidade de sustentação para continuar existindo, o deslocamento do enfoque descrito acima começa a ganhar força. Ainda que seja um caminho de constante pavimentação, grande parte dos trabalhadores se apropria da Ala como negócio gerido por ele e pelos colegas.

As experiências de sofrimento psíquico vão deixando de ser o grande marcador das vidas deles. Os integrantes da Ala são pessoas que, após o desencadeamento de um processo

¹³É um desdobramento fundamental desse tópico a discussão sobre a incompatibilidade entre o trabalho e loucura colocada pela própria legislação brasileira. Se, por um lado a Lei da Reforma Psiquiátrica estabelece o compromisso com a inserção social inclusive pelo direito ao trabalho, por outro, a aposentadoria por invalidez ou o Benefício de Prestação Continuada, que são os benefícios mais concedidos aos usuários da saúde mental, impedem o ingresso destes no mercado de trabalho formal.

de sofrimento psíquico, tiveram por muito tempo como atividades centrais da vida as que estavam relacionadas aos serviços de saúde que frequentam ou frequentavam. Após a saída da Loucos pela X do CECCO J/T, principalmente nos tempos de carnaval, sua agenda passa a ser organizada pelo trabalho, conciliado com os afazeres no CECCO, compromissos de estudo, religiosos, consultas, afazeres no CAPS. E a organização da agenda é mesmo uma cena marcante nas reuniões da Ala; os trabalhadores se mobilizam para definir as datas, afirmam e repassam os compromissos estabelecidos; João e Aparecida com seus caderninhos pessoais em mãos, sempre ávidos pela organização do calendário.

Para quem está acostumado a ser olhado a partir da sua situação de saúde mental, não ser reconhecido e discriminado por isso é uma mudança enorme. Amarante (2007) comenta que a nomenclatura que a nossa Lei da Reforma Psiquiátrica (Brasil, 2001) utiliza, “portador de transtorno mental”, passa a ideia de alguém que carrega um enorme fardo inseparável do sujeito, enfatizando uma suposta condição de adoecimento mais do que a pessoa que vive certas experiências psíquicas. Com efeito, a segregação dessas pessoas ainda é tão presente na nossa sociedade, que aparece mesmo nas iniciativas de proteção e promoção de seus direitos.

Não estar exposto a esse tipo de trato tem enorme impacto na vida, haja vista o relato aliviado de Sid sobre uma mudança no direito ao passe gratuito nos ônibus municipais. Até aquele momento todos os beneficiários por deficiência ou doença crônica tinham um bilhete único que ao ser passado na catraca emitia um som diferente dos demais bilhetes e precisava da autorização do cobrador, que tinha que confirmar a identidade do passageiro através da liberação da catraca com um cartão próprio, seguido pelo uso do bilhete único do beneficiário novamente, o que muitas vezes tornava o processo de passar pela catraca mais lento do que dos outros usuários do ônibus. Sid conta das inúmeras vezes em que o cobrador estava dormindo ou distraído no seu celular, atendendo com má vontade e lentidão – não bastasse o sinal sonoro chamando atenção, muitos usuários do ônibus demonstravam incômodo com a pequena pausa. Em 2016 esse procedimento foi modificado, câmeras instaladas na catraca passaram a ser o mecanismo de verificação da identidade do beneficiário, assim, bastava passar o bilhete único e passar pela catraca, sem barulho diferente e sem confirmação do cobrador, o que ele percebeu como um momento a menos de tensão no seu cotidiano.

Poder ter outros tipos de vivências na Ala, desviantes do que acontece tão habitualmente na vida, desconectadas dessa identidade de usuário da saúde mental, também aparece nas conversas com os integrantes da Ala como um dos grandes ganhos por trabalhar lá. Num dia em que fazíamos uma conversa sobre esta pesquisa com o grupo quase completo,

Saulo falava sobre a entrada dele e de Paulo no coletivo de trabalhadores, quando seguiu-se o seguinte diálogo:

“Saulo: Não sei o que o pessoal estava pensando da gente, que é novato né, mas a gente entrou aqui, é, a aceitação do grupo foi demais, ninguém né...”

Neide: te viu com outros olhos...

Saulo: como é que é mesmo...

Aparecida: ninguém tira sarro da pessoa...

Saulo: ninguém tira sarro...

Neide: você foi acolhido como um trabalhador comum, um oficinairo comum, um novo adrecista.

Saulo: É isso, é, é... quando a gente precisava de alguma coisa...

Neide: Normal, novidades...

Saulo: então é, quando a gente perguntava alguma coisa todo mundo queria ajudar, todo mundo mesmo, então, foi ótimo pra gente (...) é muito solidário.”

Esse é um dos momentos em que a problemática da saúde mental se apresenta como coadjuvante na Ala Loucos pela X. Louco, nervoso, alguém que passa mal ou que é usuário do SUS, como alguns dos integrantes costumam dizer, passa a ser apenas mais uma das adjetivações que compõem a vida dessas pessoas. Enquanto parte da Ala, em alguns momentos a ênfase da participação de cada um no grupo recai no papel de trabalhador, nas diversas tarefas de produção e gerenciamento do negócio. Mas mais do que isso, considerando as premissas da Economia Solidária (Singer, 2002), é prioridade na condução dos afazeres do grupo que o trabalho não tome toda a vida, que a identidade das pessoas não se restrinja a serem trabalhadores, por mais relevante que isso seja em suas vidas.

Em vista disso, o coletivo organiza seu trabalho de modo a propiciar que cada um explore as dimensões da vida que lhe fazem sentido. Cada sujeito que compõe a Ala é trabalhador, folião, frequentador de determinado culto, festa, aula, feira, serviço de saúde... Saídas para afazeres relacionados à saúde, tais como consultas, exames, filas de agendamento, têm acolhimento quase assegurado entre os colegas de trabalho. Assim como quem estuda ou tem funções em casa, por exemplo, negocia nas reuniões de pactuação do carnaval

disponibilidade de tempo para o trabalho na Ala naquele ano. E mesmo durante os momentos de mais volume e intensidade de trabalho no carnaval, o grupo abre os espaços possíveis para comemorações, importantes compromissos religiosos, o que emergir como fundamental.

Esses espaços são de fato cavados, construídos e sustentados pelo coletivo, porque não se abrem naturalmente no cotidiano de trabalho. A partir dessa constatação que reconhece a função/atuação do coletivo na formação do espaço, é possível ainda ponderar que as pessoas que integram a Loucos pela X são inseridas numa sociedade em que o modo de produção capitalista institui uma ética e rege relações, e mais, que a própria natureza do trabalho no carnaval tende a tomar absolutamente toda a vida dos seus agentes por alguns meses no ano, portanto, a constante tentativa de inventar modos para garantir uma circulação do grupo fora do trabalho demanda esforço e determinação.

Uma situação ocorrida durante o trabalho para o carnaval de 2017 ajuda a contar dessa disposição da Ala para dar suporte às diversas faces da vida dos seus integrantes, não só apoiando as circulações que cada um faz por conta própria, mas inclusive a fim de promover oportunidades para tanto. Em fins janeiro, o segundo ensaio técnico¹⁴ da escola X9 Paulistana se aproximava e, mesmo sendo uma atividade querida e tradicional da Loucos pela X, o cenário era muito pouco favorável à participação do grupo: havia algumas semanas do falecimento de Dona Ione e a tristeza ainda se fazia presente no silêncio do barracão; o trabalho se avolumava e aumentava exponencialmente à medida em que as escolas de samba para as quais a Ala trabalhava mandavam os materiais necessários; por fim, a reserva financeira do empreendimento não estava num momento de abundância para custear um transporte fretado, como era feito nos últimos anos. Com todos esses “poréns”, os chefes de Ala apreenderam a relevância de que todos os que quisessem fossem ao Anhembi compor a escola e propuseram criar um jeito desse evento acontecer.

Assim, a chamada rede da Loucos pela X foi acionada, com familiares, parceiros de trabalho e de desfile se organizando para que as pessoas fossem para sua casa em plena madrugada paulistana. Esse movimento foi essencial para que o grupo não deixasse a peteca cair, como costuma dizer Clarice, para que recuperasse um tanto da alegria que se mostra a sustentação diante dos muitos percalços que já viveram (Ramalho, 2010) e, inclusive, deu fôlego para que seguisse o trabalho que estava em curso.

¹⁴Os ensaios técnicos são organizados pela Liga Independente das Escolas de Samba dos Grupos Especial e Acesso do Carnaval de São Paulo e acontecem no Anhembi, espaço onde também se dão os desfiles no carnaval. Esses ensaios têm função importante de preparar os organizadores e os componentes das escolas para um bom desempenho no dia do desfile, bem como têm um caráter festivo, de lazer. Gratuito e aberto, atrai pessoas que trabalham no ramo, apreciadores do samba e foliões.

Participar de alguns eventos do carnaval é parte do trabalho do grupo enquanto ala da X9, entretanto, em grande medida, retoma um objetivo fundador de sua história, que é o de assegurar que as pessoas excluídas pelos manicômios mentais para que circulem pela cidade, promovendo a desconstrução das artimanhas sutis ou explícitas de exclusão das pessoas que convivem com a loucura ou outros sofrimentos psíquicos e ainda com outros fatores de vulnerabilidade social.

Tal objetivo, aliás, perpassa maciçamente o expediente da Ala, pois a pauta do sofrimento psíquico e da Luta Antimanicomial não se perdeu após o desligamento do negócio da rede de saúde. Há uma identificação dos trabalhadores com as questões que envolvem a saúde mental, que pode ser apreendida tanto por suas histórias pessoais, quanto pela história desse coletivo, junto à proeminência desse aspecto de sua experiência na atualidade.

O sofrimento psíquico, em diversos aspectos, está presente na vida de todos na Ala, e lá não precisa ser destacado da faceta trabalhador, por isso aparece como assunto corriqueiro levado pelas pessoas. Ademais, enquanto empreendimento, a Loucos pela X não faz movimentos no sentido de se encaixar num padrão de mercado, numa tentativa de enquadrar nos perfis de normalidade construídos pelo meio social que a distanciasse da tratativa da loucura ou de outros sofrimentos psíquicos. Ao se emancipar da rede de saúde mental, o grupo mantém as aspirações da Luta Antimanicomial: que seus membros que convivem com sofrimento psíquico possam ser tratados como iguais no corpo social, porém que a igualdade seja compreendida em termos de direitos e cidadania, comportando as singularidades.

Assim, o sofrimento psíquico também está presente na Ala Loucos pela X na compreensão de que parte de seu trabalho e compromisso ético-político é o de compor as discussões sobre saúde mental. Isso aparece nos temas correntes da área que são levantados com frequência pelos trabalhadores, como as mudanças da gestão da saúde da região Norte, onde a Ala está, nas conversas sobre os hospitais e tratamentos antigos, ou nos relatos de notícias que tratam dos assuntos da saúde mental.

Aparece também na inserção da Ala na agenda da Luta Antimanicomial, com a participação em eventos, militância em espaços universitários, públicos, e no próprio ateliê, quando o grupo recebe atores diversos do cenário da Luta. Pedro e Simone costumam apresentar essas atividades como uma das frentes de trabalho do grupo, que também fica ativa durante o carnaval, mas é uma das principais ocupações do pós-carnaval.

Loucura é, então, um tema pertinente à Ala Loucos pela X, que não se impõe, mas também não se disfarça, espontaneamente vai se fazendo presente nos micro-acontecimentos do cotidiano, nas grandes tarefas do ofício do grupo e mesmo no imenso desvario coletivo

legitimado que é o carnaval. E com a intensidade que vier, seja como num samba miúdo, só no sapatinho, seja na exuberância dos passos de um passista, é um tema que tem acolhida.

A complexidade dos temas da saúde mental é tratada como tal, o que aparece no dia a dia do grupo não é uma tentativa de redução a uma estratégia de cuidado a alguém ou de discussão de um assunto da Luta ou das políticas públicas. A consideração pela loucura não se revela como medo, nem de familiaridade descuidada, mas mostra-se num trato desembaraçado que só é possível a quem respeita.

Verbetes relacionados: Adrecista; Gestão.

Prestígio: fragmento do diário de campo, em 17 de dezembro de 2015: “(...) No dia seguinte, pela manhã, os trabalhadores estavam meio silenciosos, eu também, cansada do dia anterior, física e emocionalmente, fiquei pensando no que eu produziria a partir daqueles dias ali, o que eu escreveria sobre aquelas pessoas e aquele lugar, formulei uma pergunta em minha cabeça e fiquei na espreita por um bom momento para fazê-la. Quando alguém quebrou o silêncio com alguma pequena fala sobre algum material ou atividade, aproveitei e perguntei ‘o que vocês acham que eu não poderia deixar de dizer quando fosse falar sobre a Ala no trabalho? O que não pode ficar de fora quando falamos sobre a Ala?’, rapidamente Clarice disse ‘prestígio’. Algumas brincadeiras da quinta de manhã rodaram em torno do amigo secreto de chocolate do dia anterior, Clarice havia pedido que quem a tirasse desse Prestígio, o único chocolate que ela gosta, Sid a tirou e deu uma caixa com muitas barras de Prestígio, que os outros trabalhadores ficaram relembrando e pedindo de brincadeira nos dias seguintes. Alguma conversa dessa história havia acontecido logo antes de eu fazer a pergunta. O chocolate e o pedido por reconhecimento parecem ter se fundido numa palavra. Todos riram dessa resposta, mas ninguém comentou.

Depois algumas pessoas citaram coisas rapidamente, Clarice e Dona Ione falaram coisas relacionadas justamente ao reconhecimento do trabalho deles, Ione no sentido de serem criadas mais iniciativas de trabalho protegido, de geração de renda, Clarice no sentido do reconhecimento do trabalho enquanto adrecistas, enquanto relação com o Carnaval, que merecia ser melhor remunerado, como disse:“(...) porque se carnaval não fosse importante, a prefeitura não gastava tanto dinheiro com isso.”. Mais tarde, quando ia se acabando o horário do café da tarde fiz a mesma pergunta, chamando para a conversa as pessoas que não estavam pela manhã. Neide falou uma coisa bonita sobre evolução, sobre como eles passaram dificuldades com seus problemas de saúde, sobre como quando não trabalhavam e começaram

na Ala tinham medo de como seriam suas atitudes, como iriam se comportar, como ela disse no trabalho e na avenida, mas se superaram e estavam lá há 15 anos.”

Verbetes relacionados: Adrecista; Carnaval.

Psicólogo(a): a discussão sobre o psicólogo na Ala Loucos pela X movimenta e é movimentada por duas questões diferentes, que porém se aproximam durante a composição desta pesquisa. A primeira delas seria a entrada e o estabelecimento do lugar de uma pesquisadora que é psicóloga no campo Ala, já a outra se relaciona com as experiências e propostas de estar na Ala e ser psicóloga e psicólogo, de maneira mais geral.

A primeira questão se relaciona estreitamente com os primeiros dias de minha entrada em campo para a pesquisa, momento inicial do encontro com as pessoas da Ala, ao mesmo tempo em que constituíamos nossos modos de ser pesquisadores interlocutores, eu vinda da universidade na primeira incursão etnográfica, eles do campo que se propôs a co-produzir a pesquisa.

Nesses dias me habitavam reflexões sobre qual lugar me era proposto, qual eu propunha ocupar, levando em consideração os convites que me eram feitos, as conversas que surgiam espontaneamente do pessoal da Ala e as perguntas que eu fazia – uma aventura de esforço duplo para contar e compreender, como Magnani caracteriza o encontro etnográfico (1997) . Um modo com o qual o pessoal da Ala propõe de contar do seu trabalho quando alguém de fora deseja conhecê-los é convidando a pessoa a trabalhar junto, e foi no sentido dessa oferta que Sandra praticamente me convocou nos primeiros minutos em que cheguei para o campo, uma de suas primeiras conversas comigo foi: “E aí, você veio ver a gente trabalhar ou vai ajudar a gente também?”– assim, logo que cheguei minha observação-participante se deslocou mais para o pólo da participação.

O fazer do trabalho manual foi um grande mediador das relações nesse momento de chegada, disparador de assuntos, tornando as conversas mais naturais, e com tempo foi meio de criação de vínculos e desenvolvimento de confiança mútua; compartilhar tarefas se mostrou um meio propício para conhecer o outro, eles bem sabiam. Em meio ao trabalho, conversas sobre o fato de eu ser psicóloga surgiam com diferentes pessoas. Em algumas situações as pessoas contavam de suas experiências com psicólogos em serviços de saúde por onde passaram, outras contavam sua história detalhada em relação a um sofrimento mental ou sofrimento de saúde geral. Essas conversas me remetiam à expectativa das pessoas em ter-me ali, questionava-me se a correlação feita de início era com o universo da atuação do psicólogo nos serviços de saúde a partir de conversas como as com Enivaldo, que me falou mais de uma

vez sobre eu estar lá para aprender sobre como são as pessoas que ele chamou de “como a gente”, para depois ser boa em trabalhar em outros lugares. Considerava também se talvez contar sua história em relação às suas questões de saúde era a contribuição que gostariam de dar para a pesquisa. É provável que as duas possibilidades, e mais outras, estivessem presentes e com certeza aconteciam de maneiras diferentes com cada trabalhador.

Com os dias essas questões não emergiam mais desse modo, parecia se estabelecer uma compreensão de que o compartilhamento do cotidiano seria o meio de iniciar a pesquisa, e isso mais pelo acontecer do dia a dia do que por minhas tentativas de explicar a inspiração etnográfica com que eu chegava.

Por outro lado, a interface com a Psicologia me surgia principalmente pelo convívio com uma trabalhadora com quem eu conversava bastante e trazia muitos conteúdos delirantes, com percepções e interpretações da vida muito distantes de uma certa realidade compartilhada pela maioria das pessoas à sua volta. As conversas com ela me aguçavam uma escuta treinada na clínica da reabilitação psicossocial durante os anos em que fui residente em saúde mental, aparecendo a vontade de entender melhor seu caso, mas que endereçamento dar a esse tipo de cuidado ali no contexto da Ala Loucos Pela X? Essas considerações me levaram a me perguntar como seria para os outros psicólogos que estão na Ala serem trabalhadores lá e serem psicólogos.

A discussão acerca dessa segunda questão demanda começar dizendo que não é possível falar em psicólogos da Ala, pois a proposta de ser um empreendimento que se autogestiona a partir dos princípios do cooperativismo, procurando através do trabalho ampliar os papéis sociais ocupados por pessoas marcadas por suas questões de saúde, é por si mesma incompatível com distinguir dentro desse empreendimento um posto de psicólogo, enquanto profissional da saúde.

A importante passagem da história da Loucos pela X em que o projeto foi expulso do CECCO a que era vinculado pode ser retomada para refletir sobre a sua configuração atual. O grupo de trabalhadores sofreu com o desrespeito do serviço de saúde que ajudou a consolidar e no qual habitou por muitos anos, foi destituído de seu lugar e material de trabalho, demorando anos para organizar as condições necessárias para se estabelecer autonomamente. Essa trajetória e o propósito de radicalizar uma experiência do trabalho enquanto produtor de cidadania e ampliação da potência de vida de pessoas, em grande parte, excluídas do mercado formal, trazem um sentido muito forte para a construção de um grupo de trabalhadores autônomo, igualitário e democrático, em que a distinção de um cargo promoveria de partida uma diferença de poderes. O verbete, portanto, não se propõe como uma exploração do papel

do profissional psicólogo na Ala, ele caminha no sentido de levantar experiências das pessoas que estão na Ala e tem um percurso de formação na psicologia.

Quando eu levei essa pergunta para as pessoas que trabalham na Ala e são psicólogas, Simone, Kátia Maria, Pedro e Adriele (colaboradora voluntária da Ala já há alguns anos), algumas linhas de discussão se desenrolaram. Simone conta que Maurício Garcia, a primeira pessoa a escrever academicamente sobre a Loucos pela X (Garcia, 2004), defendia em sua tese doutorado que o que se faz na Ala é um tipo de clínica, uma proposta de clínica diferente da tradicional visão que a relaciona com determinado *setting* terapêutico e do terapeuta. Para ela discussões da Saúde Coletiva e da Reforma Psiquiátrica aparecem como elementos formadores que atravessam mais seu modo de pensar o trabalho na Loucos pela X. A mesma trabalhadora traz uma expressão que Kátia Maria usa para falar da relação dela própria com o pessoal da Ala, são colegas de trabalho, apontando também outras considerações que tornam complexa essa relação, como o fato de ela e Kátia terem conhecido e se aproximado dessas pessoas enquanto suas terapeutas durante a época em que eram trabalhadoras do Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã, onde a Ala começou e boa parte dos trabalhadores foi usuária. Ela conta que foi necessário um trabalho para repensar essas relações quando a Ala migrou para o CECCO e essa história compõe a trajetória do vínculo deles até hoje. Junte-se que nesse meio tempo algumas crises psíquicas desestabilizaram alguns trabalhadores e, enquanto pessoas muito presentes na vida de quem não estivesse bem, muitas vezes a Ala era um lugar importante do acolhimento da crise.

Pedro, num outro momento, fala das fortes marcas que a passagem pelos serviços de saúde mental fazem na vida das pessoas, apontando como é contínua a tentativa de construir com quem trabalha na Ala, e é ou foi usuário na rede do SUS, que aquele é um espaço cujo objetivo principal é abrir possibilidades de trabalho e renda, e que os trabalhadores se coloquem numa relação de donos de um negócio. Mesmo pessoas que trabalham desde o primeiro carnaval na Loucos pela X destacam os efeitos terapêuticos de sua atividade na Ala para falar do lugar do empreendimento em sua vida e tendem a se engajar mais na responsabilização pela produção do que na responsabilização pela gestão do negócio.

Pensar como os caminhos enquanto psicólogos se associam ao fazer na Ala me parece ser uma questão que vai perdendo importância ao longo dos dias se considerada no sentido estrito em que me surgiu pela primeira vez, pois, ao longo do tempo, desenvolver um jeito próprio de me relacionar com cada um com quem compartilho um trabalho (o da pesquisa e o da Ala) se mostrou suficiente, tanto para mim, quanto para eles, que se mostraram disponíveis a me conhecer.

Por outro lado, desdobra meditações sobre outras coisas que aparecem imbricadas com o nome psicólogo ou psicóloga no contexto da Loucos pela X, como a importância dos colegas de trabalho na vida de cada um que integra esse grupo, considerando tanto os vínculos que se desenvolvem depois de tantos anos de trabalho conjunto, como a Ala ser um lugar em que pessoas excluídas de muitos contextos sociais se sentem acolhidas. Nessa mesma direção penso a concomitância de sermos psicólogos com sermos pessoas que tem poderes de contratualidade mais fortes na vida fora da Ala (desde o reconhecimento social, passando pelas condições financeiras e por possibilidades de estudo), e ainda o fato de alguns psicólogos ocuparem postos de chefes de Ala, na interface do empreendimento com a X9 Paulistana. São questões que podem ser mais profundamente abordadas nesse dicionário.

Mas se o psicólogo não é um papel primordialmente distinto de outros no modo de funcionar da Ala Loucos pela X, esta pode exercer uma função formativa importante para o psicólogo. Adriele faz um apontamento sobre a relevância de passar pela Ala no percurso profissional do psicólogo, indicando que entrar em contato com o cuidado recíproco que o grupo de trabalhadores tem entre si, ela diz: “cuida também da nossa humanidade”. É uma ponderação que remete à complexidade das relações dentro da Ala: entre pessoas que militam contra o preconceito do nosso meio social com a loucura e não sentem necessidade de usar etiquetas para balizar a maneira de lidar um com o outro, a referência é simplesmente as dificuldades e facilidades que aparecem ao conviver com quem trabalho.

Conhecer um empreendimento social que conta com trabalhadores que convivem com a loucura ou outras questões da saúde mental e procura empurrar os limites da inserção social pela geração de trabalho e renda é com certeza uma oportunidade formativa. Entretanto destaco o fato de a experiência na Loucos pela X poder lançar questionamentos sobre o modo como a saúde se aproxima do usuário ou do paciente, afastando-se da pessoa pela mediação do diagnóstico. No caso da formação psicológica colocam-se em debate suas bases fortemente apoiadas na compreensão do sujeito pela sistematização de sua personalidade, muitas vezes fomentadora da mesma racionalidade psiquiátrica, pela qual comunico verdades sobre alguém através da nomeação de uma estrutura psíquica.

Verbetes relacionados: Empreendimento social; Gestão.

Pudim de pão: guloseima presente em todas as comemorações da Loucos pela X e, eventualmente, durante alguns cafés da tarde para animar a produção dos dias de intensidade carnavalesca. É feita pela mãe de Aparecida, que indica combinar com café, e muito esperada quando os pedidos do pessoal são atendidos – há verdadeira vibração quando Aparecida diz:

“minha mãe diz que faz o pudim de pão para a festa” e o Pedro providencia as uvas passas. A receita tem sido pleiteada há anos, há alguns meses Aparecida se divertia em dizer que a mãe não contava para ninguém, alimentando a curiosidade de todo mundo. Ao final do carnaval algumas revelações apareceram no relato que Aparecida fez no caderninho do dicionário: os ingredientes são pão descascado, ovos, farinha, açúcar queimado. As quantidades vão da experiência da Dona Bina, agora cabe a nós tentar reproduzir – mas tem jeito de sair com o mesmo sabor?

Verbetes relacionados: Carnaval; Rede.

Quarta-feira de cinzas: sendo o dia após o carnaval, a quarta-feira de cinzas não é um dia comum quando se trabalha na Ala Loucos Pela X e para mim, após passar os meses anteriores próxima ao ritmo de vida da Ala, certamente foi uma quarta-feira de cinzas nova, marcada por uma mistura intensa de sensações.

O que identifiquei primeiro foi certo alívio, sensação de dever cumprido por termos entregue todas as fantasias e passado com todos os componentes da Ala pela avenida; nessa mesma direção foi aparecendo um sentimento de realização, de orgulho ao ver nos vídeos do desfile as fantasias em que trabalhamos compondo um espetáculo do porte do carnaval de São Paulo, como parte de uma manifestação cultural que envolve tantas pessoas, envolve porque demanda no processo todo e envolve porque muitas pessoas fazem investimentos de vida na sua realização.

Depois de algumas horas eu fui tomando conhecimento do esgotamento do corpo, que pedia por repouso, talvez podendo deixar emergir o cansaço após dias intensos de trabalho e preocupação. Junte-se a essa mistura, a percepção de que se as etapas do cronograma foram cumpridas, no dia seguinte nem eu, nem os trabalhadores da Ala estaríamos adereçando fantasias no terraço da casa da Dona Ione, aquela rotina intensa e prazerosa se reconfiguraria de maneira que não nos veríamos com a mesma frequência ou teríamos as mesmas atividades. Resisti um pouco a reconhecer como tristeza e nomear como vazio aquela “angustiazinha” que eu entrevia entre as outras emoções.

Por último, e mais clara, estava alguma frustração pela X9 Paulistana ter sido rebaixada do Grupo Especial das Escolas de Samba de São Paulo, pois na trajetória da preparação do carnaval, dada a relação estreita do empreendimento e das pessoas que o compõem com essa escola um certo pertencimento cresceu; acompanhamos de perto a organização da agremiação, num ano de trabalho maduro e poético, que merecia ter obtido melhores resultados.

As muitas dimensões da Ala na vida de quem a constitui, que durante a produção do carnaval se revelavam para mim aos poucos, que apareciam cada uma num aspecto e num momento, todas se condensaram e clarearam na quarta-feira de cinzas. O empreendimento mantém atividades imprescindíveis para sua manutenção e desenvolvimento ao longo do resto do ano, como outros trabalhos artesanais mais pontuais, apresentações em faculdades e diálogo com empreendimentos e serviços da saúde mental, reuniões e ações para pensar o andamento do negócio. Ainda assim, a mudança na rotina, de um momento em que as pessoas se encontram com frequência diária para a realização de um trabalho já estabelecido para um momento de reuniões mais espaçadas, cujas atividades variam bastante todo ano, evidencia a riqueza e a centralidade do trabalho com as fantasias de carnaval para a Loucos Pela X: a produção das fantasias enquanto trabalho que tem compromissos com um cliente, contratados o serviço e o prazo a serem realizados, e que aparece como meio de gerar renda para as pessoas; o trabalho como a produção de algo diferente do seu retorno financeiro, a compensação de produzir uma obra e sentir-se relevante, produtivo; a dimensão de encontro afetivo com os outros trabalhadores da Ala, alguns mais próximos uns dos outros, outros menos, porém todos pertencentes a um grupo, a Ala Loucos Pela X, que alimenta rotineiramente o cuidado entre si; e ainda, a dimensão de ser parte de uma comunidade, a X9 Paulistana.

Após o clímax no desfile, quarta-feira de cinzas é como o desfecho do processo do carnaval, em todos os sentidos que Pompéia (2000) abre para essa palavra, começando pelo significado de final, que, porém, o autor frisa: não um final banal, um final marcante, apoteótico, de uma narrativa na qual uma tensão era criada e nutrida no leitor. O desfecho é um final que traz prazer, é aproveitado porque suscita alívio e compreensão de um ciclo que se fecha, chegando à sua totalidade.

Assim como a quarta-feira de cinzas me pareceu, num paradoxo, também o desfecho em seu segundo sentido, de des-fechamento, de abertura para o que se torna possível a partir daquele final. Surge a oportunidade de um novo começo, quase que exigido pelo estabelecimento do final, o que torna o desfecho mais do que um momento de contemplação, uma situação em que somos solicitados a um agir concreto.

A importância dessa fase é observada na Ala e movimentada cuidados, principalmente com Pedro e Simone chamando rodas de conversa para que todos tragam suas impressões sobre o período de trabalho, sobre as finalizações, sobre o que se espera do período que está por vir. Essas reuniões, como são chamadas pelo grupo, foram revelando que minhas misturas de sentimentos não estavam tão distantes do que se passava com as outras pessoas. Lembro-

me da conversa no dia em que finalizamos as últimas fantasias do carnaval, os comentários giravam em torno da satisfação de termos terminado a confecção a tempo, sobre a constatação de uma beleza e qualidade do que produzimos, denotando um bom trabalho, “agora é fazer tudo certinho no desfile”, dizia Edite, e não aparecia uma vibração de comemoração. Impressionou-me como quase todos tomaram a palavra e pareciam imbuídos de coisas a dizer, ao mesmo tempo, uma certa densidade pairava em volta da roda, uma das trabalhadoras mais participativas do grupo chorou ao longo de toda a conversa e preferiu não falar. Atrevo-me a dizer que muitas outras pessoas estavam comovidas, talvez tristes – eu estava, apesar de não perceber muito no momento.

Após o desfile outras reuniões foram feitas, promovendo trocas que delineiam uma avaliação do trabalho em seus aspectos mais objetivos, assim como propõem processos necessários de elaboração do que finalizou, preparando a passagem para o adiante – um adiante que se anuncia meio indefinido, cercado de desejos e novas possibilidades que a correria do carnaval não habilitava; entremeado pelo que ainda pode vir e ainda não se determinou, um adiante que se sustenta pelo vigor da grupalidade e pelo aprendizado com o que já passou.

Verbetes relacionados: Carnaval; Desfile.

Queimadura: pequeno ferimento que se forma na pele após contato indesejado da cola quente com o corpo do adrecista, na maior parte das vezes a ponta dos dedos. Varia de intensidade, podendo ser ignorável ou causar uma bolha que incomode por alguns dias. Na Ala se queimar com cola quente é um momento de batismo, de passagem para o posto de adrecista; nos primeiros dias de uma pessoa nova é frequente que perguntem “já queimou o dedo com a cola quente?”, pode-se dizer que há praticamente uma torcida para que isso aconteça, além de uma expectativa para ver se a pessoa reage (quieta ou escandalosa) e uma comemoração na hora em que o inevitável acontece – no dia que aconteceu comigo só faltou me darem parabéns. Quando alguém queima o dedo uma corrente de empatia se forma por perto deste, mesmo que o ateliê esteja focado, num momento de trabalho intenso, pequenos “ais”, olhares de lástima e caretas surgem de um ou outro colega, alguém pergunta pela pomada (ironicamente chamada Paraqueimol) e receita algum tipo de prevenção, como ficar com um potinho de água por perto para molhar o dedo antes de apertar o material ou usar um cabo de pena para fazer isso.

Verbetes Relacionados: Cola; Costeiro.

Rede: em maio de 2017 a Ala Loucos pela X promoveu um evento que há alguns anos era aspirado, uma festa de agradecimento aos que nomeiam de rede. Rede na Ala diz das parcerias, das trocas, da afirmação constantemente dita e ouvida: “tamo junto”, diz das conexões oficiais às completamente informais que são retomadas ou criadas com muita frequência na rotina do grupo de trabalhadores.

A festa, batizada Bendita Alegria, foi uma celebração à rede estruturada em conjunto com parceiros de longa data, sendo o espaço, a alimentação e os registros fotográfico e de vídeo organizados pelo Ponto Benedito, O Bar Bibitantã e Trecho 2.8¹⁵, respectivamente – todos empreendimentos solidários que reúnem pessoas em situação de alta vulnerabilidade social, relacionada à loucura ou não.

Já idealizado há algum tempo, não à toa o projeto da festa de agradecimento aos parceiros foi efetivado nesse ano; tida como essencial para a existência da Ala desde o começo, a rede teve um papel muito forte para os trabalhadores da Loucos pela X durante o trabalho para o carnaval de 2017. Na comemoração, discursos emocionantes foram contando quão difícil foi o carnaval desse ano, marcado pelo falecimento repentino de Dona Ione, com um processo de trabalho entremeado por diversas complicações, arduamente suportado. Assim, para o grupo mostrou-se necessário assegurar: a existência da Loucos pela X só é possível pelo suporte dessa rede.

Essa importância das parcerias para a Ala foi-me sendo apresentada desde o início do processo de campo da pesquisa e me remete a um ensinamento enunciado por precursores da etnografia antropológica, missionários religiosos que iam pregar para os povos isolados em ilhas da Oceania. Um deles disse ao missionário que ia lhe suceder que após passar dois ou três anos entre o povo que estuda, um europeu pode se convencer de que sabe tudo sobre esse povo, porém, se for um bom observador e passar por volta de dez anos com eles, perceberá que sabe muito pouco e, então, começará a aprender (Clifford, 2002; Codrington, 1891). Essa reflexão tem me feito sentido em geral para pensar a experiência da pesquisa de campo na Ala

¹⁵O Bar Bibitantã é um empreendimento econômico solidário incubado pelo CAPS III Itaim Bibi da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo desde 2006. Sua atividade é a produção e prestação de serviços no ramo da produção de alimentos e bebidas (Ballan, 2010). O Ponto Benedito é descrito na página on-line da Rede de Saúde Mental e Economia solidária como uma parceria da Coordenadoria Regional de Saúde Oeste – Secretaria Municipal de Saúde com a Associação Vida em Ação – AVA, e diversos parceiros apoiadores. Desenvolve atividades culturais e econômicas de empreendimentos solidários ou oficinas de trabalho e de arte que compõe a Rede de Atenção Psicossocial das regiões oeste e centro da Cidade de São Paulo (<http://saudeecosol.org/2016/09/11/inauguracao-do-ponto-benedito-nesta-quinta-1509/>). A página on-line d'O Trecho 2.8 expõe que o coletivo atua nas áreas do direito à comunicação e ao trabalho de produção de comunicação, na perspectiva da Economia Solidária, desde 2010. Reúne adultos que enfrentam algum tipo de discriminação e desigualdade social, como estar em situação de rua, estar acometido por transtornos mentais, ser usuário dos serviços de albergue, ser morador de ocupação, cortiço, pensão e favela (<http://www.trecho2ponto8.com/sobre>).

Loucos pela X, mas ela adquire sentido quase literal quando se trata da dimensão da rede que comporta a existência da Ala.

Desde o início da pesquisa até os últimos dias eu entrava em contato com histórias antigas ou recentes de cooperação estabelecidas com pessoas com as quais o empreendimento se relacionava por inúmeros motivos, na sua maioria relacionados ao trabalho no carnaval, pessoas relacionadas à RAPS (trabalhadores, usuários, gestores, estagiários) ou a espaços de formação.

Vez ou outra apareciam familiares dos trabalhadores da Ala, colegas que já trabalharam lá e seguiram outros rumos na vida, parceiros de produção e desfile que vão trabalhar um pouco nos adereços em seus horários livres, pessoas que estão nos ensaios da escola de samba e nos desfiles. Tinha notícias de visitas a serem feitas ou recebidas pela Loucos pela X, ouvia histórias sobre um sem fim de pessoas que de alguma maneira compõem a trajetória do grupo de trabalhadores, conhecia pessoas que se relacionavam com eles pela primeira vez ou que eram presença frequente nos eventos da Ala.

Essa característica de frequência muito variável desses contatos e trocas estabelece quase uma inexistência de fluxos mais normatizados nessa rede. Mesmo em relação aos parceiros que compõem a dimensão do trabalho no carnaval, como as escolas de samba e outros prestadores de serviço da área, são raras as pré-determinações rigidamente seguidas, sendo o combinado verbal o principal meio de organização do compromisso. O que se torna ainda mais fluido nos demais contatos da Ala, pois as condições de relação com cada sujeito ou instituição vão sendo pensadas de acordo com a natureza daquele contato, o que se deseja realizar em conjunto, o momento de trabalho que o empreendimento vive, enfim, todas as questões pertinentes àquela situação específica, num movimento que mostra o reconhecimento de que a vida produtiva se organiza pelas relações (Franco, 2013).

Num movimento de mão dupla, quando as pessoas em geral e a Ala fazem algum tipo de parceria em alguma medida compartilha-se um pouco da vida de cada um. Há pessoas que vão pular carnaval com a Ala, pessoas que fomentam o empreendimento adotando foliões, que vendem fantasias, que se dispõem a aprender com a Ala, que estudam junto, doam recursos materiais, colocam suas palavras em transações de mercado, pessoas que se dispõem a trabalhar no barracão, que fornecem espaços, prestigiam falas, divulgam ações, emprestam suas habilidades, que emprestam sua dança, que simplesmente estão junto.

Inclusive no que diz respeito às relações entre instituições que a Ala experimenta, é possível perceber que o processo de tecer redes é praticamente indissociado de entrelaçar vidas. O campo de trabalho carnavalesco favorece e o modo da Loucos pela X tocar seu o

trabalho exercita uma rede que não tende a se enrijecer em protocolos e hierarquias, como costuma acontecer em redes que não se estruturam a partir das pessoas, mas de instituições abstratas e prédios (EPS em movimento, 2014). Um modo de trabalhar junto em que os conhecimentos e desejos dos sujeitos ou dos grupos são o dispositivo formador de conexões e fluxos, ou seja, uma rede que se movimenta pelo trabalho vivo (Franco, 2013; Merhy, 2014).

Desse modo a Ala vai sustentando sua existência através de uma rede pulsante, uma rede viva, em que as conexões se dão no encontro entre pessoas, que conversam, negociam compromissos e arranjos comuns (EPS em movimento, 2014). Uma rede difícil de dimensionar, não só pelos números, mas porque, como rede viva que é, ela se monta e desmonta, dependendo das circunstâncias, tendendo a uma estabilidade maior em alguns elos, e contando com trocas mais efêmeras com outros (Merhy et al, 2016). Um movimento constante, que impede a visualização de uma rede fixa em duas dimensões e convoca a imaginar outras alianças dinâmicas, imagens como a de uma bateria: ritmistas combinando instrumentos a cada virada¹⁶ em favor de fazer um bom batuque e entregar boa música.

Entretanto, podemos pensar que a imagem de um conjunto de instrumentistas que são regidos para que trabalhem em extrema coesão, num mesmo ritmo, não seja muito fiel ao funcionamento da tal rede da Loucos pela X, pois, enquanto processo vivo, os encontros vão se dando espontaneamente, partindo das redes vivas que cada indivíduo produz sem que se possa ter controle absoluto dos múltiplos fluxos que se dão ali (Merhy et al, 2016).

A partir das necessidades que surgem, de trombadas inesperadas, gente que chama gente, dos novos territórios por onde os trabalhadores circulam, enfim, em toda sorte de abertura que se faz para o outro, essa rede vai se tecendo. Vão se formando redes que se sobrepõem à rede geral da Ala, desenvolvidas pelos sujeitos que vão se encontrando e estabelecendo relações que não se limitam ao que diz respeito ao empreendimento.

No que diz respeito aos trabalhadores da Ala Loucos pela X, podemos rapidamente considerar a relevância de ampliar e fortalecer suas redes pessoais nessas redes paralelas que compõem a ampliada, considerando que muitos têm redes constituídas centralmente por suas famílias e nos serviços de saúde que frequentam. Compor o empreendimento social fortalece a rede de trabalho, amizades, lazer e experiências de vida, revelando um movimento que favorece a ampliação da autonomia de quem ali trabalha, se levamos em conta a conceituação de autonomia como a aceitação de várias redes de dependência e a capacidade de o sujeito lidar com elas (Soares & Camargo Jr, 2007; Onocko-campos & Campos, 2006).

¹⁶ As viradas são gestos do mestre de bateria que indicam o momento exato e o ritmo para os instrumentos entrarem na composição da música.

Nesse sentido, a Ala como rede constitui também a possibilidade de tecer uma teia de suporte mais diversa e ampla para seus próprios trabalhadores, entre si e com outros que se aproximam do grupo, de ter suporte e ser suporte. A ampliação das redes amplia os recursos de cada um, gera mais recursos para que cada sujeito reinvente sua existência para enfrentar vários momentos da vida (Merhy et al, 2016). Assim, aumentam as chances de circular por relações em que o lugar social desses trabalhadores é um tanto diferente do que ocupam comumente quando associados centralmente à experiência da loucura ou de outros sofrimentos psíquicos.

Como trazido acima, as redes que cada elo vai produzindo vão se modificando, fazendo parte da dinâmica de outra rede que a Loucos pela X vai tecendo, e que flutua, que se estreita, amplia, centraliza mais ou menos, forma interações mais ou menos intensas (Costa, 2011). Mas o que leva esses elos todos a se encontrarem nessa rede?

Laiz Chohfi (2013) faz uma leitura sobre redes que pode nos ajudar a pensar a experiência da Ala. Ela retoma Guimarães Rosa (1985) em seu livro Tutaméia: “Rede é uma porção de buracos amarrados com um barbante”, trazendo a percepção de que os elos se reúnem em torno da ausência de algo. Nesse sentido, evidencia-se a possibilidade de colaboração entre pessoas que não são autossuficientes e que podem precisar de outros, por isso tecem redes. Uma perspectiva em que o buraco é interpretado como possibilidade.

Algo que faz sentido no contexto em que a Ala se constrói, no qual recursos materiais e financeiros são modestos, então pessoas que compartilham algum princípio ou objetivo, de trabalho ou de vida, vão lançando mão dos recursos que têm à mão para que se multipliquem perspectivas e se encurtem caminhos. Nessa constituição de rede os elos vão fazendo circular recursos que estão disponíveis pela ação de outras pessoas ou instituições, e em muitos momentos a dinâmica dessa rede ultrapassa essa dinâmica econômica, sendo movimentada por um objetivo que mobiliza vários elos num sentido comum, formando um coletivo (Costa, 2011).

A cena dos diversos foliões que desfilaram formando uma corrente e passando de um para outro os costeiros e chapéus da porta do ônibus até o fundo do barracão, para que sejam devidamente organizados sem que alguém tenha que se esforçar individualmente é uma imagem concreta dos momentos em que a rede funciona como um coletivo. Outras menos óbvias vão sendo parte de momentos importantes da Loucos pela X, como os dias dos desfiles, o apoio recebido no momento e após o falecimento de Dona Ione, a participação em eventos da luta Antimanicomial, ou a própria organização da festa Bendita Alegria.

A rede da Ala consiste num movimento de resistência que, movido pelo trabalho vivo, é capaz de operar com altos graus de criatividade (Franco, 2013). Através da multiplicação de recursos que as parcerias permitem é que se inventam meios de tirar dos buracos os modos de fazer a experiência da Loucos pela X persistir ao longo dos anos em meio à desconstrução de direitos que vivemos, em meio a epidemias de desigualdade, de medo e depressão, que são as obras principais das políticas neoliberais para enfraquecer indivíduos e coletivos, e assim mais facilmente dominar-nos (Teixeira, 2004). É o que Simone bem expressa como o embate que a alegria do Carnaval estabelece com a vida economizada em sua potência na imagem da Quaresma (Ramalho, 2010). É a potência da vida que pulsa no coletivo e insiste em encontrar novas formas, que cria a partir das situações mais precárias e quer insistir no risco de continuar vivendo (Bernardes, A.G., Pelliccioli, E. C. & Guareschi, 2010), afinal, quando não se pode trabalhar com garantias e direitos, os caminhos foram sendo possíveis por meio da invenção e do risco.

Por essas vias vai se fazendo clara a relação intrínseca da Ala com sua rede, seja através de ações colaborativas ou de mercado (em muitos momentos não claramente dissociadas). Construindo a possibilidade de interdepende dos diversos parceiros, o grupo de trabalhadores vai tecendo o suporte para essa experiência, empreendendo rumos ousados no carnaval e na cultura. E não se fazem de rogados, essa interdependência é assumida e exercida na construção da autonomia crescente do empreendimento. Por isso, como disse Clarice aos convidados da Bendita Alegria, agradecem, para que aqueles que ajudam estejam sempre junto.

Verbetes relacionados: Vida.

Ritmo: quando se fala em ritmo no contexto do carnaval de São Paulo samba é a grande referência que nos vem à mente, entretanto, em termos de ritmos o que mais se destaca na Loucos Pela X é a variedade. A começar pelo rádio que fica ligado boa parte do tempo em que as pessoas estão trabalhando no ateliê, transmitindo as músicas tranquilas da rádio Alpha FM, tocando seleções em mp3 de músicas nostálgicas que fazem sucesso entre os trabalhadores e revezando com os sambas-enredo do ano, embalos dos dias mais agitados. Mais do que os ritmos musicais, elementares na Ala, são os ritmos das pessoas, a combinação de modos e tempos muito singulares que demanda de todos os envolvidos um trabalho de atenção às individualidades e composição da grupalidade.

No carnaval de 2016 dezoito trabalhadores se associaram nos trabalhos da Loucos Pela X, a maioria compartilha entre si o fato de ter uma passagem significativa por algum serviço

da Rede de Atenção Psicossocial, seja como usuários ou trabalhadores, hoje ou em outros momentos da vidas. Entretanto, pela infinidade de maneiras que as questões da saúde mental podem permear a vida de uma pessoa, poucas coisas são homogêneas nesse grupo, apesar do compartilhamento acima destacado, e o ritmo é justamente um bom recurso para abordar as heterogeneidades.

Os desafios começam por colocar em contato um combinado de ritmos muito próprios com o ritmo acelerado e incerto do carnaval. Muitas variáveis estão envolvidas nos acontecimentos durante a preparação das escolas de samba para o desfile, então o ritmo da Ala como um todo precisa acertar o compasso, dia a dia conciliar as tarefas individuais.

Do sossego rotineiro de Luid à praticidade urgente de Clarice, convivemos na Ala com ritmos vários. Numa mistura de ingredientes cada um vai marcando seu ritmo: o “jeitinho” de cada um, o humor, o cansaço ou a disposição, com a temperatura do ambiente, alguma medicação que desacelera, o momento da vida.

Dona Ione e Pedro fazem todo dia uma verdadeira engenharia de produção quando as atividades começam pela manhã e são retomadas depois da parada para o almoço. Eles consideram quais partes do processo de montagem da fantasia precisam ser realizados primeiro, como está a disponibilidade de materiais, quais tarefas precisam dispor de mais ou menos gente, quantos trabalhadores estão disponíveis para trabalhar naquele período, que trabalhadores se dão bem fazendo um ou outro tipo de tarefa – desde as restrições de saúde que vedam algum tipo de material ou atividade para algum trabalhador, até se as pessoas gostam mais ou menos de fazer algum tipo específico de serviço, o que é possível levar em conta às vezes, entre tantas outras coisas.

O respeito pelo ritmo é algo muito notável na organização do grupo, já presente desde o início da Ala enquanto projeto no Ambulatório, cujo marco inicial é princípio de trabalho pelo qual as pessoas não são remuneradas pela quantidade de tarefas que realizam ou produção que entregam, e sim pela quantidade de períodos que trabalhou ao longo da produção do carnaval. Se a montagem de um adereço, ou mesmo de fantasias, se atrasa, o grupo reorganiza suas ações dentro de suas possibilidades de ação. Na produção do carnaval de 2016, por exemplo, em meados de janeiro algumas pessoas começaram a se preocupar com o andamento das fantasias a serem entregues a X9 Paulistana, Pedro e Simone pediram uma reunião extraordinária em que foi feita uma avaliação do que ainda precisava ser terminado e do tempo disponível. O grupo resolveu então levantar estratégias para conseguir cumprir a entrega das quatro alas encomendadas pela X9, surgiram sugestões como a ampliação do período de funcionamento do ateliê das 09 às 17h para das 08 às 18h, início do trabalho nos

sábados, a contratação de pessoas que prestariam serviço como aderecistas para a Ala Loucos pela X e o convite para parceiros antigos do empreendimento colaborarem como voluntários quando pudessem. Chegado o carnaval, a Ala havia entregue as fantasias de três alas com uma semana de antecedência do desfile e terminou a confecção da própria Loucos pela X no dia anterior ao desfile, com muita tranquilidade e tempo para fazer uma roda de conversa final.

Interessante pensar que boa parte dessas pessoas tem dificuldades de se inserir no mercado de trabalho formal e em alguns setores do informal. Sustentando um trabalho de grande complexidade como o que realizam, priorizando uma organização de trabalho que não sobrecarrega seus integrantes e que se orgulha de ser reconhecida em seu meio.

Verbetes relacionados: Gestão; Tempo.

Sino: pequeno instrumento de ferro que faz barulho quando balançado algumas vezes, quando a lingueta bate contra o metal. Quando alguma peça ou atividade longa é terminada na Ala toca-se o sino para avisar a todos e, principalmente, comemorar; quanto mais demorada, difícil ou importante é a atividade, mais se comemora e se espera pelo momento de tocar o sino. Uma torcida que vai se formando quando uma atividade vai se estendendo bastante no tempo ou quando se mostra especialmente difícil; perguntas simpáticas sobre o andamento do trabalho e comentários estimulantes vão povoando as conversas ao longo do dia. Uma ligação especial se forma entre os trabalhadores que compartilham aquela mesma tarefa, e as dificuldades são lembradas entre eles e pelos que acompanharam de perto mesmo anos depois – muito se escuta sobre os chuveiros do Flash do carnaval anterior, ou sobre a sina do Paulo de estar muitos dias há aparar penas. A pessoa que toca o sino parece ser, em geral, a pessoa que mais comunicou da dificuldade ou cansaço de fazer aquela peça, pois ela é quem vai tocar com mais gosto e animar os colegas com a etapa cumprida.

Verbetes relacionados: Carnaval; Queimadura.

Tempo: O tempo é relativo, não é preciso entender as leis da física para afirmar isso, basta pensar em diferentes experiências que já tivemos na vida, situações em que os ponteiros do relógio se moveram da mesma maneira, mas as os minutos pareceram voar ou se arrastar. No cotidiano da Ala pré-carnaval, em geral, parece que o tempo passa mais rápido, piscamos os olhos e já é natal, piscamos mais uma vez, hora de finalizar a entrega dos trabalhos. No carnaval de 2016 foram quatro alas contratadas pela escola X9 Paulistana, cada uma contendo de oitenta a cem fantasias, que chegam no ateliê apenas com as ferragens montadas e as

costuras feitas – o volume de trabalho é grande e o tempo de trabalho não está só nas mãos da Loucos Pela X.

Quantos tempos para administrar: o tempo do carnavalesco liberar o protótipo das fantasias¹⁷, o tempo das verbas e patrocínios chegarem para a escola de samba comprar os materiais, o tempo dos fornecedores, dos transportadores, dos imprevistos... ainda bem que tempo só vale nota na hora de entrar na avenida. Levou tempo para os trabalhadores da Ala perceberem que o tempo do carnaval é outro, e não é o sempre o mesmo outro, cada ano corre de uma maneira e é preciso “malemolência” para se adaptar e para estabelecer ritmos.

Essa combinação de elementos faz a passagem do tempo variar bastante para quem trabalha na Ala, apesar de que de certa maneira todo ano o tempo e o trabalho são mais tranquilos quando a produção começa, em meados de setembro, então em meados de outubro a jornada de trabalho que começou entre as 09h e as 17h aumenta uma ou duas horas por dia, já o mês anterior ao carnaval parece ser o mais rápido do ano, sábados e domingos eventualmente são trabalhados, a tranquilidade dá lugar a tensão pela contagem regressiva. E não é ano novo, um ciclo se encerra, mas o tempo quando se trabalha na Ala Loucos Pela X já começa sendo diferente por lidar com um calendário em que a maior intensidade de atividades se inicia em setembro/outubro e se encerra em fevereiro/março.

Essa diferença se faz notar quando estamos a todo vapor enquanto a maior parte das pessoas ao redor desacelera na aproximação das festas de fim de ano, também fica marcada a diminuição das atividades dos trabalhadores quando o carnaval passa e ao mesmo tempo o ano está apenas começando no Brasil, segundo o dito popular. Depois da quarta-feira de cinzas os trabalhadores da Ala vão ocupar seu tempo de outros modos, cada um a sua maneira, nos afazeres de casa, em busca de novas atividades, com outros tipos de trabalho, opções de lazer, porém não importam os caminhos, os tempos passam sempre mais devagar que o frenético tempo do carnaval.

Até o tempo da academia, tão escorregadio e composto de prazos implacáveis, parece ser mais lento do que o tempo na Ala. Se comparado ao tempo de uma das trabalhadoras então, quase insuportavelmente não passa: depois das conversas que fizemos só sobre o dicionário toda vez que Aparecida me encontra ela pergunta se eu já terminei de escrever sobre o tempo ou se meu trabalho já acabou, toda vez eu elaboro uma explicação mais longa ou mais curta sobre a proposta da pesquisa e o processo do mestrado levar dois anos, “tudo isso?”, ela responde toda vez.

¹⁷ O protótipo é uma primeira fantasia confeccionada pelo carnavalesco que serve como modelo de orientação para os ateliês fabricarem as fantasias referentes àquela ala.

Verbetes relacionados: Tempo; Quarta-feira de cinzas.

Vida: em meio a todas as produções da Ala, em meio aos adereços, desfiles, aulas e manifestações, uma produção permeia essa experiência, conduzindo-a e abrindo caminhos para continuação da Loucos pela X: a produção de vida. Uma produção que é desejada e planejada desde as épocas da oficina de reciclagem de papel no Ambulatório de Saúde Mental J/T, e que ganha radicalidade a cada novo passo dentro do mundo do carnaval. Pode-se dizer que a vida desejada pela saúde foi potencializada pelo incalculável do carnaval e da cultura.

A potência de vida refere-se à ideia de que a vida é um constante reinventar-se, num movimento em resposta aos dispositivos da sociedade de controle que se esforçam para dominá-la (Bernardes, A.G., Pelliccioli, E. C. & Guareschi, 2010), encontrando saídas que criam novas formas de vida e alteridade. Um movimento familiar à trajetória da Loucos pela X, que desde seu início se reflete nos desejos e planos do grupo de perseguir os objetivos da Reforma Psiquiátrica. A disposição para a produção de vida já estava colocada na ousadia de trabalhadores do Ambulatório, usuários e familiares ao bancar o convite do carnavalesco, uma vez que promover mudanças nas relações e lugares de poder dentro do serviço e ir com os usuários para a comunidade da escola de samba desestabilizou em boa medida a possibilidade de planejar e prever o que era a produção de saúde que pretendiam a comunidade do serviço de saúde.

À medida que o grupo foi se profissionalizando, construindo conhecimento enquanto aderecistas e foi tomando para si o objetivo de ampliar as possibilidades de trabalho, foi assumindo também os grandes cenários da vida, para além de suas rotinas de cuidado da saúde, alcançando onde as pessoas vivem, trabalham, consomem, se relacionam (Saraceno, 2016). As relações com a X9 Paulistana e as peculiaridades de um ambiente de trabalho transformaram o modo de funcionamento que regia as relações de cuidador-usuário no Ambulatório, e depois no CECCO, portanto, puxavam trabalhadores e usuários para fora dos domínios do serviço de saúde – um fora físico (para fora dos muros do serviço), ou não (para fora dos papéis estabelecidos).

E assim o trabalho conjunto da equipe de saúde com os usuários alcançou os demais domínios da vida onde as dificuldades de exercer o direito de ser quem se é e de ser cidadão marcam o cotidiano das pessoas que vivem a experiência da loucura ou de outros sofrimentos psíquicos. O trabalho do carnaval foi levando o grupo de aderecistas a circular pelos espaços gerais em que se dão as trocas que realizamos na vida – de dinheiro, afetos, símbolos,

poderes, mensagens (Saraceno, 2016) – mas que no caso dos usuários dos serviços de saúde mental, muitas vezes são diminuídas, quando não ausentes.

Os chamados manicômios mentais causam prisão e exclusão mesmo sem os muros do hospital psiquiátrico, centram a existência do sujeito na determinação de um adoecimento, com isso a pessoa a quem se atribui uma doença mental perde seu poder de contratualidade, assume-se para com ela desconfiança, incompreensão da mensagem que transmite, que tenha afetos desnaturados, impossibilidades de trocas, de forma que se anula qualquer valor que lhe assegura como sujeito social (Kinoshita, 2016). E é possível perceber que, ao constituir-se num grupo de trabalho, a Ala passa a agir mais amplamente nos espaços e possibilidades de trocas em que seus integrantes muitas vezes são ilegítimos, fazendo um exercício de ação na cultura manicomial e suas raízes entranhadas no dia-a-dia paulistano.

Desde dentro das casas e com as famílias os trabalhadores da Ala, os integrantes do grupo precisaram e precisam ainda hoje cavar espaço para o trabalho. Gera-se um processo de negociar a ida para escola de samba e para os desfiles, para os compromissos de trabalho, renegociar as tarefas que se faz em casa para assumir as tarefas do serviço, ampliar os espaços em que se costuma circular pela cidade sem necessariamente estar junto com as pessoas de quem antes precisavam da companhia, negociar a ida numa viagem com os companheiros de trabalho para dar aula numa faculdade de outra cidade.

Para os que não estavam exercendo atividades profissionais já há algum tempo ou nunca tinham exercido antes de iniciar na Ala, amplia-se um espaço de trocas ao ingressar num grupo de trabalho autogestionário, em que se dividem planejamentos, tarefas e responsabilidades, em que é preciso fazer valer sua opinião, em que é atingir objetivos bem concretos, lidar com relações de trabalho, que muitas vezes entrecruzaram relações de amizade e relações de cuidado. Passaram a ocupar espaços novos nos serviços de saúde por onde a Ala passou, na comunidade do samba e na comunidade acadêmica. Mesmo as integrantes da Ala que eram trabalhadoras nos serviços de saúde tiveram que conquistar espaço na escola de samba, mediar negociações no mercado do carnaval, defender a ideia do grupo de geração de renda para dentro das instâncias da Secretaria Municipal de Saúde, desafiando o poder de contratualidade que vinham constituindo nas suas rotinas de psicólogas da rede de saúde mental.

Nesses movimentos de expansão dos espaços da vida de seus trabalhadores, a Loucos pela X expandiu também as possibilidades de que cada um participasse de trocas sociais novas, além de aumentar o poder de contratualidade em lugares de intercâmbio social importantes para todas as pessoas, como a própria família, o bairro, o lugar de cuidado da

saúde, os comércios que frequentamos. E nas costuras manuais dessas novas redes, nos riscos que o grupo foi tomando para ampliar seus trabalhos, vão se percebendo os efeitos da produção de vida, traduzida da inteligência, do afeto, da cooperação, do desejo que foram sendo cultivados (Pelbart, 2009).

Seguindo nessas observações, é possível mesmo afirmar que o poder de contratualidade e a produção de vida se radicalizam no processo em que a Ala Loucos pela X deixa a incubação dos serviços de saúde em que nasceu, levando em conta desde a mudança de status definitiva dos trabalhadores que também eram usuários do CECCO para dentro do grupo, até os desafios que o empreendimento em si tem que enfrentar para manter-se vivo.

Quando os integrantes deixam se vincular-se à Ala através do papel de usuários ou trabalhadores do CECCO e passam a associá-las exclusivamente como donos do negócio, a dimensão de usuários da Rede de Atenção Psicossocial ou de pessoas que vivem a experiência da loucura ou qualquer outro tipo de sofrimento psíquico, que já estava deslocada do centro de suas relações para dentro do grupo de geração de renda, passa ainda mais para as bordas. Aos poucos, com a possibilidade de superação da expulsão do Centro de Convivência e configuração da continuação do projeto de trabalho, vai se tornando possível e necessário que a identidade de trabalhadores se torne central ao integrar o grupo.

Mudam também algumas relações para dentro do grupo, com os trabalhadores do CECCO deixando de ocupar aos poucos papéis de promotores de cuidado em saúde dos usuários e passando a emprestar seu poder contratual para os demais integrantes da Ala viverem através da continuidade do projeto experiências renovadas (Kinoshita, 2016), algo aliás que todos tiveram que fazer entre si, ao deixar de contar com o suporte do CECCO. Todos eles puderam emprestar uns aos outros as próprias forças de intercambio social que desenvolveram ao longo da vida e da experiência na Ala, processo que se manifesta nas ações que os trabalhadores vão tomando para si em busca de manter a Loucos pela X, como ao procurarem apoio para o empreendimento, enfrentarem o descaso do poder público, encontrarem uma sede para o trabalho.

A saída do cordão sanitário gerou impactos no coletivo, assim como temos pensado para as experiências individuais. Enquanto parte do Centro de Convivência e Cooperativa, a Ala certamente se fez um dispositivo produtor de vida e de saúde. Porém, ao focar as políticas públicas de saúde, pode-se afirmar que promover a produção de vida e de saúde estabelece uma tensão significativa, já que essas produções trazem em seu cerne o que se entende por risco.

Isso ocorre porque fazem variar as formas de vida, ao desconfigurar os formatos estáticos e previsíveis que esse campo muitas vezes pretende reproduzir (Bernardes, A.G., Pelliccioli, E. C. & Guareschi, 2010).

Roberto Tikanory (Kinoshita, 2016) chama atenção para a possibilidade da área da saúde, trabalhando na lógica da Reabilitação Psicossocial, ter a tendência de estacionar num patamar de assistência humanizada, em que se constrói uma clínica mais bela, mas que também é tolerante com a exclusão, podendo ser excludente em si mesma. Se para dentro dos serviços de saúde foi possível criar um projeto que concretamente enriqueceu a subjetividade de usuários e trabalhadores, ao sair do CECCO a Ala de fato entra numa situação que modifica drasticamente as condições concretas da vida de cada um e do coletivo, afinal, meio sem querer, a sobrevivência da Loucos pela X dependia unicamente dos meios que eles inventassem para mantê-la dali em diante.

Deixar a rede de saúde tira a Ala de um circuito de funcionamento das políticas públicas de saúde, que mesmo tendo permitido seu nascimento e funcionamento por muitos anos, por outro lado a submetia às capturas que os sistemas públicos sofrem mais diretamente pelo poder do Estado. As políticas públicas de saúde muitas vezes se organizam através do poder sobre a vida, e de diversos modos desfavorecem ações que intervenham no status quo. A começar pelo funcionamento burocrático dos serviços, que tende a desestimular o espontâneo. No caso do CECCO J/T e da Ala Loucos pela X, podemos levantar questões como o horário de funcionamento do serviço que não era compatível com alguns compromissos do carnaval, ou a lei que é ameaça constante para grupos de geração de trabalho e renda da RAPS, pela qual servidores públicos não podem praticar comércio no espaço da repartição pública em que trabalham (Brasil, 1990), usada com frequência por gestões que procuram deslegitimar tais iniciativas.

Há de se considerar ainda o fato de que os serviços públicos com frequência trabalham operando no seu máximo de capacidade com o mínimo de recursos necessários, por motivos diversos, reproduzindo a gerência da vida nas sociedades de controle que funcionam pela racionalidade do fazer viver e deixar morrer (Foucault, 1999; Pelbart, 2009). Ao trabalhar com equipes pequenas, recursos materiais escassos e pouco suporte para as invenções dos usuários e trabalhadores, os serviços acabam por suprimir a potência de iniciativas que muito se beneficiariam de transporte, divulgação, comunicação.

Para além dessas questões mais duras, a área da saúde acaba por subjugar a produção de vida também por conceber e reforçar uma compreensão da vida ainda muito presa à dimensão biológica do humano, operando com conceitos tais como prevenção, cura e

reabilitação (Bernardes, A.G., Pelliccioli, E. C. & Guareschi, 2010; Pelbart, 2009) mesmo quando busca ampliar a própria concepção de saúde para abarcar a complexidade da vida do usuário. Em seu objetivo de defesa da vida, o campo do cuidado em saúde tende a centrar-se nas experiências de maneira a classificá-las como normais ou anormais, saudáveis ou não, muitas vezes medicalizando dimensões da vida que não precisavam ser trazidas para no âmbito da saúde. No caso da Ala, o trabalho pode sair desse âmbito e tornar-se simplesmente trabalho, assim como é para muita gente que consegue se alocar no mercado de trabalho, formal ou informal.

Nessas circunstâncias, o CECCO a que a Ala se vinculou por muito tempo pode ser pensado como um âmbito que, por suas características de funcionamento de serviço público, não acomodava mais a criação de saídas inventivas para a ampliação das ações da Loucos pela X, nas quais a vida se recriava com mais potência. Por fim, com as mudanças de gestão no CECCO e o desinvestimento da gestão municipal que vinha há algum tempo, a rede de saúde, no limite, tenta encerrar as produções do então grupo de geração de renda. Deliberadamente ou não, as políticas públicas de saúde são um campo estratégico do exercício do poder sobre a vida, tornando-se instrumento de governo de vidas que têm estatuto de menos dignas no contexto do neoliberalismo.

Talvez por ter existido antes do Centro de Convivência de Cooperativa do Jaçanã/Tremembé, por tê-lo praticamente fundado, por um sentimento de construção coletiva forte, por existir para fora do CECCO, ligada à comunidade da X9 Paulistana e à rede que foi construindo para si, também pela força das produções de vida daquela experiência, os trabalhadores não tomaram o desligamento do equipamento de saúde como seu fim. Apesar de toda a incerteza, da tristeza, da sensação de desrespeito de que contam, desejaram continuar e procurar meios para tanto.

A Ala Loucos pela X, nesse sentido, ia além de uma oficina de geração de trabalho e renda de um Centro de Convivência e Cooperativa, ia além da efetivação de uma política pública municipal, ela se construiu pelo desejo e pelo encontro das pessoas, e isso a manteve depois. Para fora do cordão sanitário, o que aconteceria ou não com a Loucos pela X dependeria do que o grupo autogestionário poderia suportar por si mesmo e com o apoio dos seus parceiros.

O aumento da tensão pela necessidade de se autossustentar acabou por trazer a necessidade de arriscar novos caminhos. Uma certa tutoria inicial que o grupo teve em outro ateliê de adereços acaba por colocá-los no seio de gente e de grupos que há muito tempo inventa meios de subsistir (muitas vezes por meio da alegria): o ramo do samba e do carnaval.

Esse encontro entre samba, saúde e gente despreocupada com as categorizações da vida concede a Ala um ar peculiar, daquilo que se sabe muito bem em que “caixinha” colocar. Uma força que reúne saberes e afetos de diversos campos e que pode ser uma das razões pelos quais o grupo de trabalhadores segue se fortalecendo em meio a sérias crises das instituições a que se liga, como os desmontes recorrentes da rede de saúde do município ou anos de maior instabilidade do carnaval das escolas de samba. Ainda que dedicada às questões de seus grupos de origem, como a X9 Paulistana, a Luta Antimanicomial e a Economia Solidária, a Ala tornou-se uma instituição em si mesma, viva nas pessoas que são a Ala: seus trabalhadores e sua rede.

Assim a Loucos pela X vai dirigindo, tomando como guia de cada próximo passo a possibilidade de criar mais um pouquinho de possibilidade de vida para cada um de seus integrantes. Dividindo seus esforços entre poder dar passos mais seguros, e com isso menos sofridos, e se arriscar a dar passos mais largos, arcando com resultados menos previsíveis.

No momento em que se abre a possibilidade de alugarem toda a casa da D. Ione e o grupo cria um modo de abraçar essa oportunidade, mais uma vez esse funcionamento se coloca. A Loucos pela X assume mais uma vez o compromisso de fazer esse trabalho acontecer, a partir das dificuldades lançam-se em desafios que parecem movê-los mais uns passos além.

Verbetes relacionados: todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amarante, P. (2007). *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 120 p.
- Andrade, M. C. (2013). *O encontro da loucura com o trabalho na economia solidária: a produção de práxis de pré-incubagem através do dispositivo intercessor na saúde mental*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Assis, SP.
- Aranha e Silva, A. L. (1997). *O projeto Copiadora do CAPS: do trabalho de reproduzir coisas à produção de vida*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aranha e Silva, A. L. (2012). *A construção de um projeto de extensão universitária no contexto das políticas públicas de saúde mental e economia solidária*. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo, São Paulo, 175 p.
- Aranha e Silva, A. L. & Fonseca, R. M. G. S. (2002). O Projeto Copiadora do CAPS: do trabalho de reproduzir coisas à produção de vida. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 36(4), 358-366.
- Ballan, C.(2010). *O livro de receitas d'O Bar Bibitantã: conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 184 p.
- Barros, D. D. (1994). *Jardins de Abel: desconstrução do manicômio de Trieste*. São Paulo: Edusp. 155 p.
- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Bernardes, A.G., Pelliccioli, E. C. & Guareschi, N. M. F. (2010). Trabalho e produção de saúde: práticas de liberdade e formas de governamentalidade. *Psicologia e Sociedade*, 22(1), 5-13.
- Brasil. (2005). *Saúde mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Editora do Ministério da Saúde. 134 p.
- Brasil. Ministério da Saúde, (2012). *Saúde Mental em Dados - 10*, ano VII, nº 10. Informativo eletrônico. Brasília. Recuperado em 06 jan 2017, de <https://saudeecosol.files.wordpress.com/2012/03/saude-mental-em-dados-10-ms.pdf>
- Campos, R.T.O. & Campos, G.W.S. (2006).Co-construção da autonomia: o sujeito em questão. In: CAMPOS, G.W.S. et al. (orgs.). *Tratado de Saúde Coletiva* (pp.669-687). São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Fiocruz.

- Carvalho, R. A. A. & Trajano, A. R. C. (2004). *Economia solidária e processos psicossociais: autogestão, autonomia e solidariedade em construção*. VIII Congresso Afro-Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade de Coimbra.
- Castel, R. (1991). *Ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal. 329 p.
- Carlo, M. M. R. P.; Bartalotti, C. C. (2001). Caminhos da Terapia Ocupacional. In: Carlo, Marysia Mara Rodrigues do Prado de; Bartalotti, Celina Camargo(orgs). *Terapia ocupacional no Brasil : fundamentos e perspectivas* (pp.19-39) São Paulo : Plexus.
- Chauí, M. (2005). *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática. 424 p.
- Chohfi, L. M. S. (2013). *Por entre fios e buracos: uma experiência para construção de uma rede de atenção a saúde no IPUSP*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense. 242 p.
- Clifford, J. (2002). Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt. In: *Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX* (pp. 227-251). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- Codrigton, R. H. (1891). Preface. In *The Melanesians: Studies in Their Anthropology and Folklore*. The Clarendon Press: Oxford, En. Recuperado em 20 jun. 2016, de: <https://archive.org/stream/melanesiansstudi00codruoft#page/n7/mode/2up>.
- Cooper, D. (1973). *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva. 162 p.
- Cortázar, J. (2016). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 638 p.
- Costa, R. (2011). Os afetos de rede: individualismo conectado ou interconexão do coletivo? In *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, 4(1), 5-19.
- Coutinho, M. C., Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 29-37.
- Cunha, A. G. (1994). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 839 p,
- Dantas, M. (2009). *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*. São Paulo: Editora UNESP.
- De Marchi, L. (2014). Análise do Plano da Secretaria da Economia Criativa e as transformações na relação entre Estado e cultura no Brasil. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 37(1), 193-215.
- Decreto n. 3.048. (1999, 6 de maio). Aprova o Regulamento da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República.

- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (orgs). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (pp.15-41). São Paulo: Artmed.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. (2015) Editora Melhoramentos Ltda. Versão online. Recuperado em 21 jun. 2016, de: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>
- Dourado, I. P. (2016). *Economia solidária e antropologia econômica: etnografias da solidariedade brasileira*. Porto Alegre, RS: Editora Fi. 188 p.
- EPS em movimento*. Dispositivos de Redes. 2014. Recuperado em 13 jun. 2017, de: <<http://eps.otics.org/material/entrada-textos/dispositivos-de-redes>>.
- Feijoo, A. M. L. C.(2004). A psicologia clínica: técnica e técnica. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, 9(1), 87-93.
- Franco, T. B. (2013). As redes na micropolítica do processo de trabalho em saúde. In: Franco, T. B.&Merhy, E. E. (Orgs.). *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos* (pp. 226-242). São Paulo: Hucitec.
- Folia do Samba. *Confirmam as fantasias da X9 Paulistana para o carnaval 2016*. Recuperado em 8 jul. 2016, de <http://www.foliadosamba.com/2015/11/confirmam-as-fantasias-da-x9-paulistana.html>.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Michel Foucault. São Paulo: Martins Fontes. 382 p.
- Foucault, M. (2000). *O que é um autor?*(Trad. José A. Bragança). São Paulo: Paisagens.
- Foucault, M. (2014). *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva. 551 p.
- Galletti, M. C. (2013). Os Centros de Convivência e Cooperativas em São Paulo: uma política inclusiva de construção de redes territoriais. In: Mateus, M. D. (Org.). *Políticas de saúde mental* (pp.159-168). São Paulo, SP: Instituto de Saúde.
- Garcia, M. L. (2004). *Carnavalismo: produção de alegorias existenciais*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, SP.
- Gava, P. M. (2006). *Pró-vocações: um ensaio reflexivo de chamamentos para um novo habitar na saúde mental*. Monografia de Conclusão de Curso de Aprimoramento, Programa de Aprimoramento Multiprofissional Mandaqui/Jaçanã, FUNDAP, São Paulo.
- Geertz, C. (1998). Os dilemas do antropólogo entre “estar lá” e “estar aqui”. Frehse, F. (trad.). *Cadernos de Campo*, 7(7), 205-235.
- Gigli, C. A. (2008). *Carnaval e saúde mental: clínicas e políticas possíveis*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Guimarães Rosa, J. (1985). *Tutaméia (Terceiras Histórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Heidegger, M. (2012). A questão da técnica. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (1972). Uma Carta. In: *O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento*. São Paulo: Duas Cidades.
- Inauguração do Ponto Benedito nesta quinta*. (2016). Recuperado em 29 mai. 2017, de <http://saudeecosol.org/2016/09/11/inauguracao-do-ponto-benedito-nesta-quinta-1509/>.
- Jones, M. (1972). *A comunidade terapêutica*. Petrópolis: Editora Vozes. 195 p.
- Kinoshita, R. T. (2016). Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: Pitta, A. M. F. (org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil* (pp. 69-74). São Paulo: Hucitec.
- Koda, M. (2002). *Da negação do manicômio à construção de um modelo substitutivo em saúde mental: o discurso de usuários e trabalhadores de um núcleo de atenção psicossocial*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Lacerda, E. P. (2001). Trabalho de campo e relativismo. *A alteridade como crítica da antropologia*. Revista online *quatrocentos.com*. Abr-mai. Recuperado em 15 de jul. 2016, de <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a5-eplacerda.pdf>
- Latour, B. (2002). Referência circulante. In *A esperança de Pandora* (pp. 39-96). Florianópolis: EDUSC.
- Lei n. 8.027*. (1990, 12 de abril). Dispõe sobre normas de conduta dos servidores públicos civis da União, das Autarquias e das Fundações Públicas, e dá outras providências. Brasília, DF.
- Lei n. 10.216*. (2001, 06 de abril). Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF.
- Lima, E. A. (2004) Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: Costa, C. M. & Figueiredo, A. C. *Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania* (pp. 59-81). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Limeira, T. M. V. (2015). *Empreendedorismo social no Brasil: estado da arte e desafios*. Recuperado em 06 jan 2017, de <http://ice.org.br/empreendedorismo-social-no-brasil-estado-da-arte-e-desafios/>.
- Lussi, I. A. O. (2009). *Trabalho, reabilitação psicossocial e rede social: concepções e relações elaboradas por usuários de serviços de saúde mental envolvidos em projetos de inserção laboral* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

- Lussi, I. A. O. & Pereira, M. A. O. (2011). Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 45(2), 515-521.
- Magnani, J. G. C. (1997). O velho e bom caderno de campo. In *Revista Sexta Feira*, 1(1), 8-12.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11-29.
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. In *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156.
- Marcus, G. E. (2004). O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. *Revista de Antropologia*, 47(1), 133-158.
- Menegon, V. M. & Spink, P. (2005). *Micro-lugares como produto e autor de sentidos*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Belo Horizonte, MG. (Mimeo).
- Merhy, E. E. et al. (2016). Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. In: Merhy, E. E. et al (orgs). *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde Surpreendendo o instituído nas redes – livro 1* (pp. 31-42). Rio de Janeiro: Hexis. 443 p.
- Merhy, E. E. (2014). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec. 187 p.
- Morato, H. T. P., Andrade, A. N. & Schimidt, M. L. S. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia.. In Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M. (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. Vitória, ES: Editora GM.
- Mostra Virtual Centro Cultural do Ministério da Saúde. Hospício de Pedro I da construção à desconstrução*. Recuperado em 16 de maio de 2017, de <http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/cotidiano.php>
- Naigeborim, V. (2010). *Introdução ao Universo dos Negócios Sociais*. Recuperado em 06 jan 2017, de http://inei.org.br/aceleradora25/biblioteca-2.5/negocios-sociais/Introducao_ao_Universo_de_Negocios_Sociais.pdf/view.
- O projeto*. Site oficial do Trecho 2.8. Recuperado em 29 mai. 2017, de: <http://www.trecho2ponto8.com/sobre>.
- Oliveira, E. M. (2004). Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. *Revista da FAE*, 7 (2), 9-18.
- Oliveira, R. C. (1998). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In *O Trabalho do Antropólogo* (pp. 17-35). Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp.

- Onocko-Campos, R. & Campos, G. W. S. (2006). Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In Campos G. W. S., Minayo, M. C., Akerman, M., Drumond Júnior, M. & Carvalho, Y. M. (Orgs.). *Tratado de saúde coletiva* (pp. 669-688) São Paulo, SP: Editora Hucitec/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Passos, I. C. F. (2009). *Reforma psiquiátrica: as experiências francesa e italiana*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Pelbart, P. P. (2009). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo Iluminuras. 252 p.
- Pereira, M. E. C. (2014). A crise da psiquiatria centrada no diagnóstico e o futuro da clínica psiquiátrica: psicopatologia, antropologia médica e o sujeito da psicanálise. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(4), 1035-1052.
- Pompéia, J. A. (2000). Desfecho: encerramento de um processo. *Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 9, 31-43.
- Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011 (2011). Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF.
- ProAC. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Recuperado em 25 de jun. De 2017, de www.cultura.sp.gov.br/portal/site/PAC.
- Ramalho, S. A. (2010). *Uma alegria subversiva: o que se aprende em uma escola de samba?* Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Ribeiro, M. A. (2007). Psicose e desemprego: um paralelo entre experiências psicossociais de ruptura biográfica. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(1), 75-91.
- Rocha, A. L. C. & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. In Pinto, C. R. J. & Guazzelli, C. A. B. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Rosa, J. G. (2010). *Grande sertão: veredas*, 19a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Santos, B. S. (2003). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.
- Saraceno, B. (2016). Reabilitação psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In Pitta, A. M. F. *Reabilitação Psicossocial no Brasil* (pp. 19-26). Hucitec: São Paulo.
- Saroni, H. (2004). *Trabalhando e reinventando a vida: a experiência da Ala Loucos pela X no carnaval paulistano*. Monografia de Conclusão de Curso Aprimoramento em Saúde Mental, Programa de Aprimoramento em Saúde Mental Mandaqui-Jaçanã, FUNDAP, São Paulo.
- Scarcelli, I. R. (1998). *O movimento antimanicomial e a rede substitutiva em saúde mental: a experiência do município de São Paulo 1989 – 1992*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Schmidt, M. L. S. (2006). Pesquisa participante: Alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, 17(2), 11-41.
- Schmidt, M. L. S. (2008). Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(2), 391-398.
- Sidney Rezende. *Leia a sinopse do enredo da X-9*. Recuperado em 08 de jul. de 2016, de <http://www.sidneyrezende.com/noticia/250582+leia+a+sinopse+do+enredo+da+x+9>.
- Silva, M. O. L., Oliveira, S. S., Pereira, V. A. & Lima, M. G. S. B. (2010) Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. *Anais do Encontro De Pesquisa Em Educação Da UFPI*, 6.
- Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 127p.
- Soares, J. C. R. S. & Camargo Jr., K. R. (2007). A autonomia do paciente no processo terapêutico como valor para a saúde. In *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 65-78.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. In *Psicologia & Sociedade*, 20, 2008, 70-77.
- Teixeira, R. R. (2004). *As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público*. Recuperado em 9 jun. 2017, de <<http://search.bvsalud.org/cvsp/resource/pt/lis-LISBR1.1-18497>>.
- Tonicelli, L. M. G. (2016). *Usuário da rede de atenção à saúde mental e trabalhador de cooperativa popular: confeccionando fantasias e reconstruindo identidades*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Trevisan, R.(2015). Dicionário. *Michaelis On-line*. Editora Melhoramentos. Recuperado em 13 jul. 2016, de: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dicion%C3%A1rio>>.
- Wautier, A. M (2012). O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, 2(2), 149-173.